

militia

ANO II

N.º 11

JULHO - AGOSTO DE 1949



POR S. PAVLO PELO BRASIL



Ilro. Ssr.
1287/7-12
Major RUBENS TEIXEIRA BRANCO
Quartel General
CAPITAL

9 DE JULHO DE 1932

SUMÁRIO

NOSSA CAPA

Alegoria à Revolução Constitucionalista - P. Lara

EDITORIAL

A unificação do serviço policial no Estado 13

DIVERSOS

Aniversário da Revolução Constitucionalista - cel. Brum Ferlich	5
General Júlio Marcondes Salgado - major Erlindo Salzano	7
9 de Julho - Paulo Monte Serrat	10
O generalato na Fôrça Pública - cel. Anchieta Torres	17
O serviço de extinção de incêndios e salvação	19
A Gendarmerie e os serviços de bombeiros da França - cap. E. Pedreschi	25
Estudo Grafológico de Paulo de Camargo - Prof. José Venosa	31
Três Temas de Criminologia - Prof. Augusto F. S. Lima Júnior	35
Brasil Sul - ten. Aurélio Pedrazoli	41
Canção da Esperança - Alegretti Filho	48
Um "week-end" num hospital - Silveira Peixoto	49
A infecção focal, problema de Higiene - ten. Floriano Basaglia	55
Porque o "The Federal Bureau of Investigation" tornou-se a mais famosa organização policial do mundo - ten. Nicolau Salgado	57
Perserverar é vencer - ten. Monte Serrat Filho	61
Um símbolo na eternidade - ten. cel Alfredo Feijó	65
Pluralidade dos mundos - cap. Adauto de Andrade	71
Trilhos - ten. Felix Morgado	73
A Santa - Furnarius Rufus	79
Caxias - Maria Aparecida Marques	81
Virtudes Teológicas - B. Vieira da Fonseca	83
Ao amanhecer - Flávia Maria da Rocha	86
Legislação - cap. Arimatéa do Nascimento	125
Ilustração - Felix Morgado	
Montagem fotográfica - F. Vieira Fonseca	
Fotografia - sgt. João Tancler	

NOTICIÁRIO

Solenidades comemorativas da epopéia de 32	87
Entrega de espadas aos aspirantes de 49	91
Novos sargentos para a Fôrça Pública	93
O festival de Lydia Bastiani	95
O 4.º B.C. festejou seu 48 aniversário	98
Aniversário da cidade de Bauru	102
Dia do soldado	103
O C.I.M. inaugura o seu casino	105
Promoções	105
Camaradas da P.M. de Goiás se despedem	107
Publicações recebidas	107
Serviço de Assistência Social	109
Notícias da P.M. do Espírito Santo	109
Notícias do Rio Grande do Sul	110
Sofre a Cruz Azul perdas irreparáveis	111

EDUCAÇÃO FISICA E DESPORTOS

Campeonato Geral de Tiro de 1949	113
O basquetebol na Fôrça Pública	115
S. Paulo enviará oficiais da F.P. à II Língiada	118
Empolgante partida de futebol	119

RECREAÇÃO

Secção de Édipo	121
Página humorística	120



MILITIA

(Revista publicada na Fôrça Pública do Estado de São Paulo, de acôrdo com o art. 2.º F, do Estatuto do CMFPSP)

Sr. Diretor de "MILITIA"
Avenida Tiradentes, 1088 — São Paulo

Solicito-lhe uma assinatura de MILITIA, em pagamento
da qual junto a esta a quantia de Cr. \$ em
..... (valor declarado, cheque ou
vale postal)

.....
(Assinatura)

Nome

Rua N.º

Cidade

Estado



Nome

Rua

Cidade

Estado



Transporte cuidadoso...

**carga - correspondência
encomendas**

É esse o nosso ponto de vista: para nós toda a carga ou encomenda é merecedora do maior cuidado, como se fosse marcada "frágil". E toda a correspondência é como se fosse marcada "Urgente". Cremos que esse é também seu ponto de vista. Envie, portanto, pela VASP ou pela Aerovias.

Vasp - Aerovias

Rua Líbero Badaró, 89
Telefone: 2-6993

Rua Líbero Badaró, 370
Telefone: 6-2960

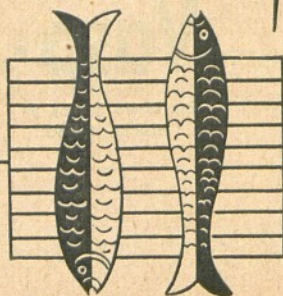
Entre os oleos nacionais



está conquistando a preferência de todas as donas de casa, o

ÓLEO
Yandi
DE AMENDOIM

..... utiliza as altas qualidades nutritivas do óleo de amendoim e acrescenta-lhes, graças à refinação e desodorização científica, por um processo especial, um sabor tradicional de agrado ao paladar brasileiro. "Yandi" é extremamente econômico e de fácil digestão.



Militia

REVISTA PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO
DE ACORDO COM OS ESTATUTOS DO C.M.F.P.S.P.

Redação e Administração: — Avenida Tiradentes, 1088 —
Fone 4-8171, ramal 299.

ANO II — JULHO/AGOSTO DE 1949 — N.º 11

DIRETOR: — cel. Coriolano de Almeida Júnior

REDATOR-CHEFE: — .. ten. cel. adm. Aparício de Barros Messias

TESOUREIRO: — maj. adm. Nelson de Carvalho Rosa

GERENTE: — cap. Francisco Vieira Fonseca

SECRETARIO: —..... 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.

REDADORES: —

cap. Arrisson de Souza Ferraz

cap. Efraim Bratfisch Lastebasse

cap. Ubirajara da Silveira

cap. Osvaldo Feliciano dos Santos

2.º ten. Hildebrando Chagas.

Assinatura anual	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr. \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

- * "Militia" destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.
- * A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.
- * Pedese que os originais sejam datilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pedese ainda sejam entregues à redação, no enderêgo acima.
- * A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.



Expressivo monumento simbólico erguido frente ao Teatro Municipal, especialmente para a Sessão Cívica ali realizada na noite de 9 de Julho

Aniversário da Revolução Constitucionalista

Coube à Fôrça Pública, a reação inicial.

- *E foi o 28 de Abril.*
- *Restabeleceu-se, depois, a autonomia do Estado.*
- *Foi o 23 de Maio.*
- *Tentou-se, por fim, a libertação do Brasil.*
- *E foi o 9 de Julho.*

Há 17 anos São Paulo se erguia, em armas, aos impulsos do seu civismo, com o coração sempre volvido para a Pátria Comum.

Quanto mais nos distanciamos dessa Época, tanto mais avulta aos nossos olhos o vertical conjunto da Epopéia.

Através do espaço e do tempo, ao amortecer das paixões, cada vez se tornam mais legíveis os caracteres de Beleza e de Luz, de Sangue e de Sacrifícios, com que São Paulo soube escrever mais uma excelsa página da nossa História.

Ninguém faltou.

A Fôrça Pública, plasmada à feição da nossa Terra e da nossa Gente, a nossa valorosa Fôrça Pública participou do Grande Momento, unida ao Povo e com êle lutou ombro a ombro, ao serviço da Lei e da Fé.

Desde o primeiro até o último momento, em tôdas as trincheiras e em todos os setores, a Fôrça Pública desempenhou com bravura a parcela que lhe coube no Glorioso Trimestre. E recebeu, depois, de cabeça erguida e de consciência tranqüila, tudo quanto na adversidade lhe tocou.

Recordando a efeméride, homenageamos a memória do General Júlio Marcondes Salgado, cujos exemplos nos ficaram como roteiro seguro, e de cuja glória a Fôrça Pública tanto se enobrece.

Reverenciamos a sagrada lembrança dos que tomaram pela Causa.

Saudamos aos heróicos companheiros do Exército Nacional, à valorosa Mocidade de tôdas as Escalas e aos brasileiros de todos os Estados que se aliaram ao Grande Movimento.

Ao Povo Paulista, enfim, nossa saudação fraterna.

ÁRVORE GENEALÓGICA
DO
General Júlio Marcondes Salgado

Vitoriano Clementino Salgado

Dona Ana Eufrosina Marcondes do Amaral Salgado

Luiz Gonzaga Marcondes

Alexandre Marcondes do Amaral

Agostinho Marcondes do Amaral

Dona Maria Madalena de Jesus Cabral

Capitão Antônio Marcondes do Amaral, o velho

{ Dionísio Marcondes
{ Dona Maria Vieira

Carlos Cardoso Cabral

Domingos Vieira Cardoso

{ Capitão Antônio Vieira de Maia
{ Dona Maria Cardoso Cabral

Dona Francisco Corrêa da Silva

Dona Marta de Miranda

{ Garcia Rodrigues Moniz
{ Dona Catarina de Unhate

João Mendes do Prado

{ André Mendes da Costa
{ Dona Ascença Ribeiro

Dona Ana de Freitas

Dona Ana Isabel da Conceição { Alferes Antônio Joaquim de Oliveira

Dona Carolina Corrêa { Dona Maria

Dona Maria Justina de Alvarenga.

General Júlio Marcondes Salgado

Astro que fulgurou nos dias tormentosos de 32, iluminando a consciência dos paulistas, guiando-lhes a ação na jornada épica com que inscreveram na História Pátria das mais edificantes páginas de civismo, o General Júlio Marcondes Salgado fulgiu com o resplendor das «Novas». Quís o destino



Marcondes Salgado, quando ten. cel. comandante do 5.º B.C.

em seus imperscrutáveis desígnios, que, qual o fulgor das «Novas», fosse também efêmera a sua fulgência, extinguindo-a subitamente no máximo de cintilação, fazendo suceder, em

contraste doloroso à luz ofuscante de um ideal ardente, às trevas do luto e da desolação.

A queda de um gigante prenunciara a queda de um cíclope.

São Paulo, sangrando já pelas múltiplas feridas da defecção, rudemente apunhalada pela perda inesperada de um de seus mais lídimos heróis, prematuramente viu decidida contra si a luta em que se empenhara, para o bem de todos. Cambaleando mal ferido, sentindo escoarem-se paulatinamente as forças, sufocou sofrimentos, e só por um um prodígio de vontade, que surpreendeu e confundiu os inimigos, pôde, com a energia característica dos seus feitos passados e peculiar às obras presentes, prosseguir no embate desigual, prolongando-o além de toda a expectativa.

Júlio Malcondes Salgado se constituiu então em símbolo, símbolo que metamorfoseou cordeiros em leões, criou guerreiros e fez heróis dos guerreiros, inspirando-os na divisa sagrada que o norteou na existência terrena : **para São Paulo viver, por São Paulo morrer.** Naquele momento histórico em que perdia a vida, souberam respeitar os Fados a personalidade inconfundível do patriota, permitindo-lhe tombar fulminado, para que na inconsciência da agonia de seus lábios, que jamais suplicaram aos homens, não se desprendessem queixumes, não escapassem lamentações. Sereno, levou-o a morte, como intrépido o tivera a vida. Júlio Marcondes Salgado, elevado rápida e brilhantemente às culminâncias da carreira que abraçou, cumulando de dedicações e de serviços São Paulo, valeu-se do posto que galgara — ponto final de suas aspirações — para, coerente com todo seu passado, demonstrar que são indignos de professar um credo, abraçar um ideal, ou esposar uma causa os que não estão dispostos a enfrentar obstáculos, submeter-se a sacrifícios de desprezar a vida. Numa época de desolador individualismo poderia, moço ainda, deslembrando-se de deveres, esquecendo-se de promessas, passar cômodamente a desfrutar as regalias da posição conseguida, tomando-as como frutos merecidos por um passado trabalhoso. Nem para tal ter-se-ia que empenhar na acomodação das aparências, por que lhe sobejavam por todos os lados fórmulas variegadas, criadas pelos que, amolecidos nas delícias dos cargos obtidos, escudados pelas

prerrogativas dos mesmos e enaltecidos pela arenga dos profissionais do elogio, serviam-se do Estado dizendo servi-lo, e se a alguém serviam, era aos homens do momento. Não! Júlio Marcondes Salgado não se arredou da diretriz traçada. Fiel à própria consciência, escravo do dever, empenhou-se de corpo e alma com o mesmo ardor de sempre em uma causa coletiva.

O valor das causas não se mede pelas vitórias nos choques armados que provocam, mas na elevação dos objetivos que aspiram. As causas frutificam com o tempo, uma vez semeadas. Tarde ou cedo despontam os frutos, propícios que sejam a estação e o terreno.

Alguns exigem sangue para germinar, outros o pedem para florir. A causa de Júlio Marcondes Salgado, a nossa causa, se colocara entre as primeiras — germinaria com sangue, frutificaria com o tempo.

Não seriam vãos os esforços de São Paulo e o sacrifício dos paulistas.

Júlio Marcondes Salgado, que os sabia, na inteireza de ânimo que o caracterizava, esperava altaneiro o fim da fase épica da adubagem sangrenta. Tombou, no entanto, no meio dela, roubando-lhe a sorte a ventura de presenciar a vitória final, que cedo chegou.

Agora, em plena paz, restabelecida a harmonia, seu espírito, pairando protetor nos céus de São Paulo, estará ensinando aos paulistas a perdoar, saber transigir, mas não esquecer, porque ao futuro devem aproveitar os brilhos do passado.

AS FÔRÇAS MOBILIZADAS EM 32

Quantos voluntários foram mobilizados, não se tem dados positivos. Uns, falam em 100.000, outros em 80.000. Acreditamos, porém, que não excederam de 50.000.

A Fôrça Pública teve mobilizados 10.000 homens, inclusive nos serviços de retaguarda.

O Exército concorreu com tôda a 2.^a Região Militar, sediada no Estado, e alguns elementos da guarnição de Mato-Grosso, mais ou menos tanto quanto a Fôrça Pública.

A Guarda Civil, por sua vez, enviou para as linhas combatentes 1.000 homens.

9 DE JULHO

Paulo Monte Serrat

Vem de longe o Brasil.

Traz a tiracolo o fuzil das revoltas dos idealizadores liberais do passado.

E' a mesma arma que serviu para afastar o invasor no Maranhão, em Pernambuco, no Espírito Santo e no Rio de Janeiro; é a mesma carabina que volta triunfante do Prata, depois de cair gloriosa como os ONZE de Antônio João, em Dourados.

Chega suarento e com a roupa empoeirada, mas ereto e dígno.

Para, por um instante, sôbre uma das margens do Amazonas e, das ribanceiras do rio imenso, com as mãos em concha, apanha as águas espumantes das pororocas, matando a sede advinda do esforço expendido na caminhada de mais de quatro séculos.

Refeito do cansaço, coloca a dextra como pala às sobranceiras, e divisa ao longe o sereno irisado das catadupas do Iguaçu, de Paulo Afonso e do Avanhandava.

Ouve o bramir roufenho do mar raivoso que carcome rochedos abrutos nas costas do Atlântico.

Quando sua vista alcança o extremo Oeste, constata o vigilante Forte estratégico de Tabatinga e a mata virgem e luxuriante, em cujo seio vivem: brasís e feras, pássaros e flores, grãos de ouro e esmeraldas, santelmos e boitatás.

À noite enluarada, cessados os cantos notálgicos e abemolados dos inhambús, entre as capoeiras e o mato denso, o Brasil ergue bem alto as mãos para o firmamento e arranca dali o Cruzeiro do Sul, pregando-o na aba larga do chapéu quebrado à testa.

Mas, eis que ouve rufos de tambores e tropel de soldados em marcha.

São rumores vindos das colinas zebreadas de cafesais.

Espreita.

Anota que a juventude corre aos quartéis. Toma armas. Forma batalhões e marcha levando aos ombros a Bandeira do Brasil e a Flâmula de São Paulo.

*Mas, vêm os outros ao seu encontro.
 São Paulo é a Forja de Vulcano.
 No outro lado está a Frágua de Hefasto.
 Marte acende a fogueira crepitante.
 O Brasil soluça amargamente.
 Um dia o Brasil vai à Europa; leva filhos do Norte, do Centro
 e do Sul.
 Dois anos após voltam cantando o Hino da Democracia.
 O povo recebe-o delirantemente.
 Amainam-se as aversões.
 Dá-se o advento da Carta Magna.
 Hosana!
 Trocam-se explicações.
 Mercê de Deus, reina a Paz na Terra de Santa Cruz.
 O Brasil, então, sorri e retoma a estrada larga dos seus gran-
 des destinos, prudentemente desarraigando as fronteiras regionais
 e juntando às epopéias áureas de sua História, mais este capítulo:
 9 DE JULHO — A RESTAURAÇÃO DA LEI.*

OS MORTOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA.

Durante o Movimento Constitucionalista de 1932 tombaram em combate ou acidentados em consequência do Movimento:

Voluntários paulistas	375
Oficiais e praças da Fôrça Pública	194
Oficiais e praças do Exército	58
Elementos da Guarda Civil	3

* * *

A luta durou 83 dias (9 de julho a 30 de setembro) e os mortos, por 1.000 combatentes, foram:

Fôrça Pública	19,4 homens
Voluntários	7,5 homens
Exército	5,8 homens
Guarda Civil	3,0 homens

(Do livro "Cruzes Paulistas")

RALEIGH

A bicicleta de renomê universal
Fabricação inglêsa tôda de aço

LEVE • SÓLIDA • ELEGANTE!



VENDAS:
ATAcado E VAREJO

Em exposição:

CASSIO MUNIZ S/A
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 309 - SÃO PAULO

A unificação do serviço policial no Estado

E' tarefa fundamental do Estado, como consequência dos princípios consagrados pelas Constituições Federal e Estadual, criar, manter e desenvolver os órgãos encarregados da segurança interna, de molde a colocar as instituições e o povo em situação de permanente estabilidade e bem estar.

Entre nós, além da Fôrça Pública, outras Corporações de caráter policial, tôdas elas com serviços relevantes ao Estado, têm sido responsáveis pelo policiamento, tanto na Capital como no Interior. Entretanto, a despeito de ostentarem o honroso título de guardiãs da lei e da ordem, e não obstante o grande interêsse em se tornarem cada vez mais úteis à coletividade bandeirante, não vêm elas atendendo, cabalmente, às necessidades ordinárias do policiamento. A que, pois, atribuir-se tal falha, sabido que cada uma das Corporações (Fôrça Pública, Guarda Civil e Guarda Noturna) apresenta organização condizente com as necessidades policiais? Não padece dúvida de que está faltando ao complexo maquinário o indispensável entrosamento à coordenação de esforços, de que há de resultar a harmonia de ação.

Ora, conhecida, a causa, urge atacar o problema com a finalidade de se conseguir uma ação conjunta e plenamente harmônica por parte das diversas organizações. Para tanto se nos afigura ponto de partida serem estabelecidas diretrizes que, desde logo, objetivem a aproximação e entendimentos entre as partes interes-

sadas, para o exame da questão. Se houver impecilhos à adoção da fórmula inicial acima preconizada, tais como ressentimentos, divergências ou rivalidades injustificáveis, será forçoso removê-los, em benefício do serviço público. Bastará para isso que, antes e acima de tudo sejam focalizados os altos interesses do Estado e da sociedade, sendo postas à magem quaisquer prevenções. A ausência de tal orientação tem influido poderosamente para desarticular o serviço policial, com reflexo na sua própria eficiência.

Cumpre-nos convir que, unidos, objetivando essencialmente o bem público, poderemos coordenar o modo de ação das diversas Corporações, desde que se definam os respectivos setores de atividade. Evitar-se-á, dessarte, a preocupação constante de estar cada entidade admitindo que amanhã outra venha a apoderar-se de sua missão.

A falta dessa definição de funções só propicia desconfiança e estulta rivalidade que, em última análise, redundam na quebra dos mais altos padrões norteadores da conduta de policiais: fidelidade lealdade, coragem e altivez. Pela mesma causa, dia a dia, parecem agravar-se as circunstâncias ambientais e a família policial vai se desagregando progressivamente, ao invés de estreitarem os elos de sadia solidariedade e mais se fundem os objetivos de tôdas num único: o maior bem estar social, através da unificação, aperfeiçoamento e padronização dos serviços de natureza policial.

Assim, em incompreensível dissidência e luta inglórias vão-se, como que estiolando, as guardiãs da ordem e da lei. E a coletividade, no caso a mais sacrificada, continua a reclamar serviços mais perfeitos, ante a progressiva audácia dos delinqüentes.

E' imperioso pôr-se térmo a tal situação. Com êsse objetivo, depois dos entendimentos iniciais já referidos, a solução que nos ocorre para tão momentoso problema, em linhas gerais, é a seguinte:

- 1 — que cada Corporação tenha funções plenamente definidas e conte com órgãos especializados para a execução

de missões específicas, com meios para seu pleno exercício;

- 2 — *que a estrutura peculiar a cada uma vá se amoldando paulatinamente à nova situação, com o aperfeiçoamento técnico de seus órgãos, mantidas, porém, suas características essenciais. Assim, por exemplo, guardará a Fôrça Pública e característica policial-militar e as demais, o seu caráter de corporações civis, cada uma só mantendo a instrução específica, isto é, a Fôrça, a instrução policial-militar, e as demais, somente a necessária à execução do policiamento;*
- 3 — *que os benefícios auferidos através de entidades sociais e culturais, tais como Caixas Beneficentes, Sociedades Mútuas, Vilas Residenciais, Clubes, Colônias, Hospitais, Publicações Técnicas, etc., de quaisquer das Corporações, se estendam, facultativamente, aos componentes das demais;*
- 4 — *que os vencimentos e vantagens decorrentes de funções e cargos equivalentes, sejam também equivalentes; neste particular, seriam feitos estudos, de modo que os cargos nas diversas Corporações tivessem correspondência entre si, tomando-se por limite superior o posto de major;*
- 5 — *que não haja situação de inferioridade entre as Corporações desempenhando-se cada uma, galhardamente, das tarefas que lhes caibam, dentro de um plano de conjunto. Para tanto, porém, não será possível continuar uma a não tomar conhecimento da existência da outra. A unidade do serviço policial do Estado, impõe, como imprescindível, direção única e orientação uniforme. Para o bem estar de todos é forçoso haver maior intercâmbio social e cultural, assim como relações funcionais mais perfeitas e íntimas.*

Não entrando em outros detalhes, que seriam deferidos a uma Comissão integrada por representantes das Corporações interessadas, julgamos de bom alvitre salientar os seguintes tópicos:—

- 1 — para a execução judiciosa dos serviços de policiamento e para o planejamento das atividades policiais das diversas Corporações, deveriam ser colocados representantes da Guarda Civil e Guarda Noturna, junto à Secção competente do Estado Maior da Fôrça;*
- 2 — nenhuma mudança deve ser feita na atual estruturação das Corporações, continuando cada uma a reger-se pelas leis, regulamentos e sistema próprios. Assim a Guarda Civil e a Guarda Noturna não ficariam sujeitas à instrução, disciplina ou justiça militar.*

Finalmente, aduziremos que, por fôrça de disposições constitucionais e pela experiência do serviço público, adquirida em 118 anos de labor profissional, pode caber à Fôrça Pública a iniciativa de reunir em uma só família, com personalidades próprias e funções perfeitamente discriminadas, tôdas as Corporações policiais do Estado.

Não deixa de encerrar arrojada iniciativa, a muitos parecendo de difícil execução, o que ora se projeta. Conquanto a tarefa não seja mesmo simples, se nos afigura de possível execução, dependendo tão sòmente da bôa vontade das partes. Reforça o nosso otimismo saber que é grande a afinidade existente entre os elementos dessas Corporações, tendo mesmo a ligá-los fortes elos de uma camaradagem e amizade estabelecidas em convivência anterior, sabido que a Guarda Civil e a Guarda Noturna foram organizadas com elementos, em grande parte, originários da própria Fôrça Pública.

Para concretização do plano esboçado, alvitrariamos que o Comando Geral da Fôrça Pública tomasse a iniciativa de interessar a Secretaria da Segurança Pública no sentido de promover consultas às demais Corporações Policiais, para a organização de uma Comissão Mista, afim de que pudessem ter início os entendimentos e trabalhos respectivos.

O generalato na Fôrça Pública

Cel. ANCHIETA TORRES

Estabelecia o artigo 1.º do acôrdo entre a União e o Estado de São Paulo, publicado no «Diário Oficial» federal, de 29 de setembro de 1917, para que a Fôrça Pública fosse considerada tropa auxiliar da 1.ª linha do Exército:

«Na Fôrça Pública não haverá posto superior ao de coronel».

Não obstante tal disposição, Miguel Costa, oficial brilhante e esportista de destaque, campeão de hipismo e de tiro, orgulho da nossa Milícia, símbolo do cavalariano perfeito, atingiu o generalato na Fôrça Pública, posto no qual passou à inatividade.

Essa promoção foi ilegal, dirão os que desconhecem o respeito que sempre tributamos às leis e regulamentos.

Nada, porém, mais legal, nada mais regular do que a promoção de Miguel Costa a general de brigada da Fôrça Pública. Senão vejamos.

Após a vitória da revolução de 30, coroamento do período revolucionário brasileiro iniciado na Capital do País em 5 de julho de 1922, os oficiais excluídos em consequência do segundo 5 de Julho, nesta Capital, foram revertidos à atividade e tiveram sua situação normalizada com promoções até capitão e major, segundo a antiguidade de cada um, em igualdade de condições com os que permaneceram nas fileiras.

Ficou, porém, um caso em suspenso: o de Miguel Costa, que sendo major do Regimento de Cavalaria e Chefe da Revolução na Fôrça Pública, prestara então, e em seguida, serviços de tal monta que lhe valeram, como um dos primeiros atos do Governo Provisório, o posto de general de brigada honorário do Exército Brasileiro.

Como oficial efetivo da Fôrça Pública tinha direito a reversão às fileiras, como os demais companheiros. Como voltar, porém? No posto de major? No de coronel? Seria uma injustiça. No de general? Uma ilegalidade.

Depois de acurado estudo foi encontrada solução equânime.

O Governo Provisório da República, por intermédio do Ministério da Guerra, manteve o acôrdo de 1917, feitas as alterações propostas e aceitas, por ambas as partes, uma das quais no art. 1.º, que ficou assim redigido:

«Na Fôrça Pública não haverá posto superior ao de coronel, salvo para o comando geral, quando êste for um oficial general do Exército, da ativa, reformado ou honorário».

Em consequência, por decreto n.º 5003, de 4 de maio de 1931, foi criado na Fôrça Pública o cargo de general comandante e extinto o de coronel comandante geral.

Dias depois, o decreto n.º 5010, de 6 do mesmo mês reverteu às fileiras da Fôrça Pública o general de brigada Miguel Costa, que teve suas promoções contadas das seguintes datas:

4 de novembro de 1924 — tenente coronel;

28 de janeiro de 1927 — coronel, e

8 de novembro de 1930 — general de brigada.

Na fixação da Fôrça Pública para o 2.º semestre de 1931 e para o ano de 1932 figurou um general comandante, o que possibilitou a promoção póstuma do bravo general Júlio Marcondes Salgado, que substituiu no comando o general Miguel Costa.



NÃO HAVIA MAL ALGUM EM RECORDAR UM POUCO...

No páteo interno de um quartel. Um sargento nortista, desses nortistas como no-los descreve Nhô Totico, que amam o Brasil mais que a própria família, ia separando os recrutas: à direita, colocava os que deviam freqüentar o curso noturno de alfabetização; à esquerda, os que não precisavam. Dêste lado, porém, não havia ainda ninguém.

Chegou a vez de um moço bem apessoado. Mandado à direita com os outros, ousou observar:

— Mas, sargento, ou sou estudante de direito. Aliás, estou providenciando...

O sargento, entre autoritário e amável, cortou-lhe a explicação:

— Ora, pois! Que mal há em recordar um pouco as primeiras letras? Vamos! Vamos!

CAFÉ ROCHA — o amigo dos bons paladares

O serviço de extinção de incêndios e salvação, no Interior do Estado

Ainda uma vez mais, "MILITIA", no afã de cooperar com as partes interessadas, apresenta o projeto de lei abaixo, relativo ao planejamento da constituição do serviço de extinção de incêndio e salvação, no Interior do nosso Estado.

Projeto de Lei

Art. 1.º — Fica a Prefeitura Municipal, nos termos da Lei n.º 118 de 27 de julho de 1948, autorizada a contratar com o Poder Executivo Estadual, pelo prazo de 30 anos, a execução dos serviços de extinção de incêndios e de salvação.

Art. 2.º — Para êsse efeito o Prefeito Municipal entrará em entendimento com o Comandante Geral da Fôrça Pública do Estado, a fim de efetivar-se a realização do contrato, observadas as seguintes bases:

a) permanência, no Município, de um destacamento de bombeiros da Fôrça Pública, para prestar serviços de salvação, extinção de incêndios e congêneres;

b) anuência do Comando Geral da Fôrça no sentido de que o pessoal dessa Corporação, destacado no Município, preste tôda a cooperação possível nos serviços de extinção de incêndio e de salvação;

c) o treinamento e a instrução técnica do destacamento de bombeiros e dos demais elementos correrá por conta da Fôrça Pública;

d) o Município adquirirá o material necessário para equipar o destacamento de bombeiros;

e) a Prefeitura Municipal obrigar-se-á a contribuir, anualmente, com a quantia de Cr.\$....., para atender às despesas de pagamento do pessoal, aquisição de material de consumo e manutenção, ampliação e renovação do material permanente, sendo a importância integral, obrigatoriamente, aplicada no serviço de bombeiros do Município;

f) o efetivo do pessoal será fixado de modo que a despesa com o mesmo não exceda a quantia de Cr.\$.....;

g) a contribuição de que trata a letra "e" poderá ser alterada anualmente para mais ou para menos, mediante acôrdo, segundo as possibilidades financeiras da Prefeitura e consoante o efetivo que esta reclamar da Fôrça Pública;

h) o aquartelamento do destacamento de bombeiros será providenciado pela Prefeitura.

Organização dos diversos tipos de Destacamentos de Bombeiros do Interior

TIPO "A"

1) Pessoal

- 2 soldados bombeiros motoristas;
- 1 soldado bombeiro, com prática de enfermagem.

Observações:

- O comandante do destacamento de bombeiros será o comandante do destacamento policial, que terá o curso de bombeiros e será o instrutor.
- As guarnições de fogo serão completadas em ocasiões de sinistros, conforme as necessidades e planos pré-estabelecidos, com elementos:
 - do destacamento policial, aos quais será ministrada instrução de bombeiros;
 - do quadro de trabalhadores da Prefeitura e particulares (bombeiros auxiliares), previamente selecionados e treinados pelo comandante do destacamento.
- Os bombeiros prestarão outros serviços ao município, consoante exposição no documento anexo, inclusive os relativos a trânsito.

2) Material

- Um carro-tanque de 3.000 litros, dispendo de uma bomba movida pelo motor do veículo ou de uma motobomba portátil;
- 250 metros de mangueira;
- 2 esguichos;
- se possível, escada prolongável de madeira, com derivante e pequenos materiais.

Despesa

- 1) Inicial: aproximada para aquisição do material :
Cr.\$ 130.000,00, sendo sensivelmente diminuída se o município dispuser de carro-tanque que possa ser adaptado. Caso o município deseje prestar serviços de assistência pública, será necessária a aquisição de um carro-ambulância (Cr.\$ 80.000,00, aproximadamente).
- 2) Anual de manutenção :

Pessoal	Cr.\$ 48.000,00
Material (gasolina, óleo e material de consumo)	Cr.\$ 12.000,00
TOTAL	Cr.\$ 60.000,00

TIPO "B"

- 1) **Pessoal**
 - 2 soldados bombeiros motoristas;
 - 1 soldado bombeiro, com prática de enfermagem;
 - 1 soldado bombeiro, eletricitista prático.

Observações:

 - As mesmas relativas ao pessoal do destacamento TIPO "A".
- 2) **Material**

Como o do TIPO "A", com dois carros-tanque, se possível,

Despesa

- 1) Inicial: idêntica a do tipo "A", com o acréscimo de Cr.\$ 130.000,00 se forem adquiridos 2 carros-tanques.
- 2) Anual de manutenção :

— Pessoal	Cr.\$ 72.000,00
— Material de consumo e manutenção .	Cr.\$ 24.000,00
TOTAL	Cr.\$ 96.000,00

TIPO "C"

- 1) **Pessoal**
 - 1 cabo de fileira;
 - 2 soldados bombeiros motoristas;

- 1 soldado bombeiro, com prática de enfermagem;
- 1 soldado bombeiro, eletricitista prático;
- 1 soldado de fileira.

Observações:

- As mesmas relativas ao pessoal do destacamento TIPO "A".

2) Material

- 2 carros-tanque; *
- 1 carro ambulância;
- demais material constante do tipo "A".

Despesa

- 1) Inicial: aproximada, para a instalação, Cr.\$ 340.000,00

Observações gerais:

- 2) Anual de manutenção:

- Pessoal Cr.\$ 120.000,00
- Material de consumo e manutenção Cr.\$ 24.000,00

TOTAL Cr.\$ 144.000,00

Observações gerais :

- a) — O material dos destacamentos será aumentado em quantidade e variedade, consoante as possibilidades financeiras do município e em função do aperfeiçoamento técnico que se deseje imprimir à organização.
- b) — Caso a Prefeitura disponha de viaturas automóveis (carro-tanque e outros veículos) e outros materiais, poderá ser estudada a possibilidade de aproveitamento e adaptação dos mesmos.
- c) — As vantagens da instalação de destacamentos e o emprêgo dos mesmos, em linhas gerais, estão descritos na tese apresentada pelo Comando Geral da Fôrça Pública no Congresso de Prefeitos realizado na Capital.

DESTACAMENTOS ESPECIAIS

Além dos tipos de destacamentos focalizados, poderá existir destacamento de "TIPO ESPECIAL", a ser estudado em cada caso, consoante necessidades e possibilidades do Município.

A título de exemplo, apresentamos os padrões abaixo:

a) **Pessoal**

Tipo Especial n.º 1

- 1 Sargento
- 1 Cabo
- 4 Soldados

Tipo Especial n.º 2

- 1 Subtenente ou sargento
- 1 Sargento
- 2 Cabos
- 10 Soldados

Tipo Especial n.º 3

- 1 Oficial
- 2 Sargentos
- 2 Cabos
- 16 Soldados

b) **Material**

Os Destacamentos "TIPO ESPECIAL" terão o seguinte material:

- 1) **Hidráulico móvel**
 - moto-bomba portátil
 - juntas, reduções, filtros, derivantes, etc.
- 2) **De ataque**
 - Mangueiras, mangotinhos, esguichos, bombas manuais, extintores, etc.
- 3) **Rodante**
 - Auto-bombas, auto-mangueiras e auto-reservatório.
- 4) **De iluminação**
 - Gerador elétrico, faróis e lâmpadas.
- 5) **De proteção física e salvação**
 - Máscaras, botas, garrafas de oxigênio, para-quedas, cordas, etc.
- 6) **Geral**
 - Suportes, escadas, padiolas, arroelas, etc.
- 7) **Ferramentas**
 - De manobra, de arrombamento, de corte, de remoção, etc.

c) Despesa

- 1) Inicial: preço aproximado para a total aquisição do material Cr.\$ 450.000,00 a Cr.\$ 500.000,00, podendo ser diminuído de acôrdo com o material existente no Município que possa ser aproveitado e consoante maiores pesquisas a serem feitas pela Prefeitura.

A aquisição poderá ser feita progressivamente, dentro de uma ordem de urgência estabelecida.

- 2) Anual para a manutenção:

Tipo Especial n.º 1

a) Pessoal	Cr.\$ 120.000,00
b) Material de consumo e renovação, ampliação e manutenção do material permanente	<u>Cr.\$ 60.000,00</u>
TOTAL	Cr.\$ 180.000,00

Tipo Especial n.º 2

a) Pessoal	Cr.\$ 260.000,00
b) Material de consumo e renovação, ampliação e manutenção do material permanente	<u>Cr.\$ 80.000,00</u>
TOTAL	Cr.\$ 340.000,00

Tipo Especial n.º 3

a) Pessoal	Cr.\$ 400.000,00
b) Material de consumo e renovação, ampliação e manutenção do material permanente	<u>Cr.\$ 100.000,00</u>
TOTAL	Cr.\$ 500.000,00

Lá, como aqui...

Certa vez, numa pequena cidade americana, houve um incêndio de grandes proporções, que não pôde ser dominado por falta d'água, por estar entupido um encanamento. Os edis reuniram-se em assembléa afim de tomar as medidas necessárias para evitar nova catástrofe.

Após horas de orduroso debate, um deles se levantou e bradou "Proponho que os encanamentos sejam examinados três dias antes de cada incêndio!".

A GENDARMERIE E OS SERVIÇOS DE BOMBEIROS DA FRANÇA

Conferência do cap. Evaldo Pedreschi, um dos oficiais incumbidos de ir à França, para estudar aquelas organizações.

— I —

Por honrosa incumbência outorgada pelo exmo. sr. cel. comandante Geral da Fôrça Pública do Estado, o tenente Roberto Mondino e eu tivemos a oportunidade de partir para a França em fins de Dezembro do ano findo afim de, naquele



No clichê um aspecto da mesa que presidiu à conferência, quando falava o cap. Pedreschi

país, observar as organizações da Gendarmerie Francesa, Guarda Republicana de Paris, Serviços de Bombeiros, Centro Equestre de Fontainebleau e Escola de Cavalaria de Saumur, cabendo ao ten. Mondino a tarefa de estudar tudo o que se referisse à Arma de Cavalaria e Guarda Republicana e a mim mesmo a parte referente à Gendarmerie e Bombeiros.

Fidalgamente recebidos por integrantes do glorioso Exército Francês, após as formalidades de praxe, fomos orientados para as Corporações em que devíamos estagiar.

Cabe-me aqui, antes de entrar nos assuntos que fazem objeto de minhas palestras, tornar pública a minha gratidão na qualidade de oficial da Fôrça Pública do Estado de São Paulo à s. excias. Cel. Bezegher, Diretor da Gendarmerie Francesa, e seus oficiais adjuntos; Cel. Piqueton, Diretor da Escola de Aplicação de Gendarmerie de Melun e a todos os oficiais instrutores da referida escola; Cel. Feger, Comandante do Regimento de Bombeiros Sapadores de Paris bem como aos oficiais de seu Estado Maior, do Serviço Técnico e da 5.^a Cia. do Centro de Socorro de Champerret; Cel. Nicolini, Comandante da Legião da Guarda Republicana de Paris e aos oficiais de seu Estado Maior; e Cel. Maruelle, ex-comandante do Regimento de Bombeiros de Paris e atualmente chefe da Inspeção Departamental contra Incêndio do Ministério do Interior e aos seus oficiais adjuntos. É de citar-se aqui ainda a fidalguia com que fui recebido pelo Comandante Collinet, Presidente da Federação dos Bombeiros da França, Inspector Departamental contra o fogo do Sena-Inferior e Comandante do Corpo de Bombeiros de Rouene bem como por oficiais de seu Estado Maior.

Todos êsses oficiais, cujos nomes acabo de proferir, foram incansáveis em me proporcionar todos os meios de que dispunham no intuito de que o meu estágio se revestisse do maior êxito possível; todos êles dentro de seu campo de ação, muitas vêzes pessoalmente, tomavam a iniciativa de me esclarecer nos assuntos mais variados, revelando-se sempre técnicos experimentados, mas, sobretudo, é indispensável dizer-se, grandes patriotas, filhos dignos da Pátria a que pertencem e grandes amigos de nosso país, dêsse nosso querido Brasil, cuja História e feitos conhecem tão bem como nós outros. O nosso Estado e a nossa Fôrça Pública em particular, não eram menos conhecidos, sendo que juntos tivemos a oportunidade de lembrar as atividades das missões militares francesas em prol do aperfeiçoamento de nossa Corporação e que muito concorreu para que a mesma obtivesse o conceito que atualmente desfruta no seio da população paulista.

Cabe-me ainda, em particular, ressaltar e tornar pública a minha gratidão ao sr. Cel. Piqueton, Cmt. da Escola de Aplicação de Melun, pessoa de um cavalheirismo incomparável e cujo nome já tive oportunidade de citar há pouco, pelo fato de nos proporcionar uma série de visitas a dependências e serviços não só da Gendarmerie como também a outros Departamentos da administração francesa e referentes a assuntos policiais, como também a assuntos culturais e militares. Foi assim que, em companhia de referido oficial superior e oficiais

do Grão Ducado de Luxemburgo (que se encontravam também cursando a Escola de Aplicação de Gendarmerie), tivemos oportunidade de visitar as praias de desembarque da Normandia e os Campos de Batalha de Verdun. Esclarecidos pelo referido oficial, que pessoalmente nos punha ao par dos detalhes dessa gigantesca operação de desembarque ocorrida a 6 de Junho de 1944, percorremos, em automóvel, as três praias britânicas (Sword, Juno e Gold), as duas praias americanas (Omaha e Utah) e o pôrto artificial de Aromanches, lugares êsses situados na região que estende do norte de Caen até a região de Cherburgo, aproximadamente.

A nossa visita aos campos de batalha de Verdun também nos foi altamente significativo. Tudo o que nos saudosos tempos de aluno-oficial nos fôra ensinado no Centro de Instrução Militar, foi-nos recapitulado por um lídimo representante do Exército Francês, à vista do terreno onde se desenrolou essa batalha iniciada a 21 de Fevereiro de 1916.

Parece-me ainda ter diante dos olhos a figura dêsse oficial a nos relatar os detalhes do que fôra Verdun; apesar de sua fisionomia nada deixar transparecer notava-se sua emoção pela voz quando nos relatava o que fôra o início da batalha: a 21 de Abril de 1916, às 7 horas e 15 de um dia belo e sêco o inimigo desencadeia um bombardeio de extrema violência sôbre uma frente de 22 kms. O tiro cobria tôda a profundidade das organizações francesas, batendo as comunicações, pontes, atingindo mesmo a cidade de Verdun. Era uma verdadeira chuva de obuses de grosso calibre que convulsionava tudo. A aviação inimiga adquire a superioridade aérea. Às 15 horas a cadência do tiro se acentúa; ela se torna furiosa a partir de 16 horas. Às 16 horas e 45, um pouco antes da noite, a infantaria alemã aborda as nossas primeiras organizações convulsionadas. Porém máu grado os efeitos materiais da terrível preparação de artilharia, ela se choca por todos os lados com defensores surgidos do sólo revolvido, mais semelhante a uma paisagem lunar do que terrestre, defensores que lutam valentemente pela conservação do terreno... Cita o caso de um sargento, seu conhecido, que de duas peças automáticas avariadas pelo bombardeio consegue fazer uma para continuar a lutar... O que apredêramos nas salas de aula do C.I.M. foi-nos alí recapitulado sem excessos de demonstrações de patriotismo. Falou-nos ainda sôbre a desastre moral sofrido pelos alemães em Verdun. Até então o soldado alemão, orgulhoso dos sucessos de 1914 e 1915, acreditava na sua superioridade sôbre todos os inimigos. Depois de Verdun sua confiança foi abalada, senão quebrada. Pelo contrário, o soldado

francês, a despeito, ou melhor, por causa das perdas e sofrimentos inenarráveis que êle valentemente suportou em Verdun sente-se orgulhoso dêsse fato. Outras duras provações vieram ainda, porém, o soldado francês temperado no fogo de Verdun encontrou rapidamente o seu lugar na vitória. Por outro lado, o soldado alemão, que perdera suas ilusões, não alcançaria jamais a sua. É nesse sentido que tanto do lado alemão, como do francês, Verdun será considerado o "cotovelo" da 1.^a Grande Guerra. Ao ouvirmos as palavras do Cel. Piqueton, intimamente nos afirmávamos que apesar das terríveis provas por que passou aquele grande país na segunda conflagração mundial, a têmpera do homem de hoje é a mesma de 1916. Assim como em Verdun, do sólo transformado pela artilharia, de todos os lados apareceram defensores que ainda empunhavam as armas e lutavam até a morte, conseguindo, dessa forma, deter o avanço inimigo, numa grande demonstração da elevação do moral do soldado francês; hoje, no cáos deixado pela passagem da última guerra, pode-se observar, em todos os setores a elevação moral do povo francês, por tôdas as suas classes representado, trabalhando no firme propósito de obter-se o reerguimento total da nação. País que possui tamanha dóse de virtudes não pode desaparecer. A França, numa grande demonstração de superioridade, continua sendo a inspiradora do mundo. Lá encontrei, em estágio de instrução na Gendarmerie oficiais do Grão Ducado de Luxemburgo, da Turquia, da Síria, etc. No Regimento de Bombeiros de Paris oficiais dinamarquêses, suiços, belgas, do novo Estado de Israel, etc., sendo certo que por lá, bem como na Gendarmerie, outros de países vários passaram. Na Escola de Estado Maior do Exército encontram-se freqüentando os cursos ilustres oficiais do nosso glorioso Exército de Caxias bem como de exércitos de outros países. Pode-se, pois, afirmar, como disse há pouco, que a França continua sendo a inspiradora do mundo, a França imortal.

—««»—

De acôrdo com as demarches levadas a efeito entre o govêrno francês e o de nosso Estado, o meu estágio na República Francesa constou de duas partes:

— 1.º) Estágio na Escola de Aplicação de Gendarmerie de Melun;

— 2.º) Estágio no Regimento de Bombeiros Sapadores de Paris e Guarda Republicana da mesma cidade.

Assim sendo as rápidas palestras que serão aquí proferidas, por honrosa designação de s. excia. o Cmdo. Geral da

Fôrça Pública, serão referentes ao Serviço de Bombeiros e à Gendarmerie, ficando o ten. Mondino encarregado especialmente da parte relativa à Guarda Republicana de Paris e Guarda Republicana (ex-Guarda Republicana Móvel), Corporações subordinadas à Direção Central de Gendarmerie.

Abordaremos, inicialmente, em duas sessões, o que se refere ao Serviço de Bombeiros em França. Assunto muito vasto para ser tratado aqui em seu conjunto, será êle, no entanto, abordado sob uma fórmula geral na qual se procurará esquematizar o problema e as soluções, indicar as tendências, etc.. Assim sendo foi o assunto dividido, constituindo matéria que será trazida para as páginas dêste órgão, gradativamente.

NAO SABIA QUE HAVIA COISA MAIS BAIXA...

O policia tinha acabado de receber as suas divisas de cabo e não cabia em si, de orgulho. Ia no bonde, ao lado duma jovem desconhecida, e insistia para que ela "topasse" um encontro com êle: tinha a noite livre e iriam dar um giro, ou ao cinema. Finalmente, disse ela:

— Fique sabendo, soldado, que eu não saio com ninguém abaixo de segundo-tenente !

— O que ? — replicou o cabo — eu não sabia que havia coisa mais baixa do que segundo-tenente !

TODOS PEDEM E REPETEM
BISCOUTOS Duchon

EM LINDAS LATAS "FANTASIA" DE 1 QUILO
Um produto da CIA. PAULISTA DE ALIMENTAÇÃO

à venda em todos os empórios e confeitarias



Estudo Grafológico de Paulo Camargo

(Homicida-suicida que, em novembro de 1948, matou sua mãe e irmãs, atirando, depois, os cadáveres, amortalhados macabramente e de capuzes negros, dentro do poço que mandara abrir no fundo do quintal de sua residência, à rua Santo Antônio n.º 104, na Capital do Estado de São Paulo).

Peças de exames:

1 Carta-autógrafo, datada de S. Paulo, 15-6-1948 (sem assinatura) e endereçada a **Prezado Flávio** —

1 Carta-autógrafo, datada de Curitiba, 15-II-1948, assinada **PAULO** e endereçada a **Prezado Flávio** —

1 Carta-autógrafo, datada de Curitiba, 15-II-1948, assinada **PAULO** e endereçada a **Prezado irmão Carlos** —

* * *

Afastando, completamente, qualquer impressão ou sugestão motivadas pela leitura do caso **PAULO CAMARGO**, procurei traçar o perfil grafológico do homicida-suicida.

Pela análise de grafia das três cartas mencionadas, pode-se determinar o temperamento e o caráter do autor, e daí conhecer a índole característica sob cujo impulso viveu e agiu Paulo Comargo.

E' sabido que todos nós vivemos, agimos e procedemos de acôrdo e em harmonia com a nossa índole característica, assim definindo e traçando o nosso destino (Futuro, se assim quisermos denominar).

Aliás, é essa a tese que defendi e explanei na 1.ª Conferência realizada no Auditório da Biblioteca Municipal, a 26 de dezembro do ano passado, e na 2.ª conferência realizada na Sala «João Mendes Júnior», da Faculdade de Direito de São Paulo,

(*) — Professor de Grafologia do Curso de Assistente Técnico de Psicologia do Serviço Social de Menores da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de S. Paulo.

bem como nas 30 palestras grafológicas ao microfone da Rádio Cultura de S. Paulo.

O destino do indivíduo emana de sua índole característica, que está diretamente ligada a todos os acontecimentos da própria vida.

Claro é, pois, que, PAULO CAMARGO, visto em sua vida, através do estudo grafológico, marcou e definiu o seu destino, tão somente e de acôrdo com a sua índole característica.

Dada a impossibilidade de averiguações seguras sôbre o sucedido, foi sugerido o exame **pisco-analítico** de PAULO CAMARGO, bem como o **estudo grafológico**, o que demonstra que, nas cogitações de um esclarecimento positivo, se recorre hoje, e também neste caso, à Grafologia, reconhecendo-se que os documentos autógrafos, deixados pelo suicida, são documentos humanos, vivos, palpantes e claros de sua personalidade.

Vamos, pois, seguindo as escolas francesa e italiana, no processo e estudo das diversas cartas:

- 1.º — Observação dos documentos;
- 2.º — Análise da letra;
- 3.º — Interpretação;
- 4.º — Classificação do gênero e espécie da letra;
- 5.º — Explicação e sua resultante.

Gênero e espécie da letra

Espasmódica, desordenada, irregular, sensível, angulosa, tremida, inibida, insegura, descendente, discordante, desigual (**constante e metódicamente desigual**), algumas letras lançadas, porém desarmoniosas, grossas e pastosas.

Maiúscula da assinatura ornada e petulante, demonstrando valorização do «ego».



O conjunto da carta de 15-6-1948 de S. Paulo, apesar de ser irregular, como tôda a sua grafia saltitante, parecendo uma verdadeira gangorra, demonstrando irregularidade constante

de seus pensamentos, é menos inibida e menos forçada das outras duas cartas de Curitiba datada de 15-II-1948.

No conjunto, a grafia dessa carta é mais espontânea, menos dissimulada. Escrita com letras maiores, nessa missiva transparece o temperamento sanguíneo-nervoso, excitado e constante espasmódico de PAULO CAMARGO.

O ritmo das duas cartas de Curitiba datadas de 15-II-1948, não é constante; é, ao contrário, mais inconstante e mais irregular.

Nota-se, nestas duas missivas, inibição de PAULO CAMARGO, ao escrever algumas palavras, preocupação de dissimular e mentir, tal como na palavra

ab al roa do

abalroado

como que demonstrando estar escrevendo uma falsidade. O mesmo se verifica na palavra

coli din do

colidindo

Em tôdas as cartas, observa-se uma constante irregular, que demonstra claramente:

constante, contínua, perene mobilidade, ou melhor alterabilidade mental e cerebral, de seu autor.

Síntese resultante

Quem assim escreve, revela, em primeiro lugar, na assinatura, um espírito personativo e petulante; pois que demonstra o gosto de aparecer, do sobressair, como valorização do próprio "ego", com um misto de narcisismo e vaidade. Demonstra ter uma constante perturbação mental, preocupação e sentimentos que fazem mover o seu cérebro em tôdas as direções, sem se firmar em nenhuma. Denuncia ser agitado e espasmódico continuamente, conseguindo com isto formar uma perene e constante preocupação e perturbação cerebral evadente, obsecante e absorvente. Daí, uma falta de raciocínio, razão obnubilada constantemente e sempre à procura de soluções, aumentando, portanto, suas perturbações, engendrando planos para satisfazer suas caprichosas e fantásticas elocubrações. Como são constantes estas dificuldades de pensamento, devem-se atribuí-las a factor hereditário.

Denotam, ás grafias dos documentos estudados, sensua-
lismo e excitações mórbidas, insatisfação de desejos, paroxis-
mos, que talvez julgou poder acalmar com tóxico e que, en-
tretanto, maiores perturbações provocaram, com algumas in-
termitências de calma e agitação.

O desejo ególatra, os apetites sexuais, o histerismo e a
constante perturbação mental, impeliram-no a engendrar, com
alguma imaginação, porém sem a sagacidade necessária, nos
momentos de maior perturbação mental, e durante os quais
explicava sempre um pensamento orientado para o mesmo fim,
a eliminação dos que se antepunham à sua satisfação aluci-
nante e perturbadora, provocando o desdobramento da cons-
ciência e da própria personalidade.

Em todos os sinais da escrita, nôta-se perturbação mental,
irregularidade de pensamento, destruição de forças volitivas,
classificação segura e certa de equizofrenia e paranóia.

Salvo melhor juízo.

*Um abraço de
irmão que muito o estima,
Paulo.*



BANDA DE MÚSICA DA FORÇA PÚBLICA

A Banda de Música da Força Pública do Estado, esse magnífico
conjunto musical hoje sob a proficiente regência do maestro capitão
Antônio Romeu, foi criada em 7 de abril de 1857.

Era composta de: 1 mestre, com a graduação de 1.º sargento e
17 músicos com o sôlido e mais vantagens dos soldados, não podendo,
como agora, seus elementos serem empregados em serviços estranhos à
música.

TRÊS TEMAS DE CRIMINOLOGIA

Prof. Augusto Flávio Soares Lima Júnior
Membro titular da Sociedade de Medicina Legal e
Criminologia de São Paulo

CONTACTO SECUNDÁRIO COMO FACTOR DÁ DELIQUÊNCIA DE MENORES. A NECESSIDADE DO CONTACTO PRIMÁRIO PARA SUPRIR E DELINQUÊNCIA DE MENORES.

— I —

A palavra "menor delinquente", inclui: a) - a criança que violou qualquer lei do Estado ou qualquer postura ou regulamento de uma subdivisão do Estado; b) - a criança que por ser perversa, ou habitualmente desobediente, não é controlada por seus pais, guarda ou tutor; c) - a criança que se comporta habitualmente de tal maneira que prejudica, ou põe em perigo, a moral e a saúde de si mesma ou de outrem.

Essa lei padrão define, também, em termos gerais, a criança descurada e a criança dependente.

Factores de delinquência de menores

Os factores da delinquência de menores são: as causas ambientais e as causas individuais.

As causas ambientais estão relacionadas com a vida em coletividade e, porisso, pertencem à ordem social.

Dos factos sociais, os de maior relevância são os que abrangem os primórdios da vida da criança. Os contactos primários da criança são: o lar, a família e as instituições públicas e particulares.

As causas individuais estão ligadas ao organismo humano e, portanto, pertencem ao campo da biologia.

Entre as causas individuais, apontamos a hereditariedade como factor da delinquência.

Contacto Primário

O contacto primário é aquele em que as relações são íntimas e pessoais, onde os indivíduos se desenvolvem juntos, onde êles repartem, no total, suas respectivas experiências onde êles também tendem, seguidamente, a trocar seus papeis.

Tal contacto encontra-se, normalmente, na família, nos grupos de jogos e nos lugarejos de comunidades isoladas. Aí, os indivíduos têm tendências para se identificarem quase completamente, para repartirem suas alegrias e tristezas e, também, seus desejos e esperanças, sucessos e fracassos. A vida, assim, torna-se muito intensa, a associação é íntima, as imagens mentais são repartidas. E, por causa da intimidade dêsse contacto, cada indivíduo exerce direitos morais sôbre os outros.

O contacto primário dá ao indivíduo a sua primeira e mais completa experiência da unidade social. E' também primário, no sentido de que êle não muda no mesmo grau que as relações mais elaboradas, mas forma uma fonte comparativamente permanente, da qual surgem as outras, continuamente. Assim, a família e a escola germânicas apresentam, bem distintamente, a marca do militarismo germânico. Entre os russos, no meio dos camponeses, são encontrados hábitos de livre cooperação e discussão, quase não influenciados pelo caráter do Estado. E' uma opinião familiar, e bem sustentada, que a comunidade da vida, autônoma quanto aos negócios locais e habituais à discussão, é uma instituição largamente espalhada, nas comunidades sedentárias continuadoras de uma autonomia semelhante àquela que existia previamente no «clan».

No contacto primário, o indivíduo vive no sentimento de todos e acha, nesse sentimento, os principais alvos da sua vontade, provando que há uma associação de idéias e fazendo com que o indivíduo não viva isolado.

Contacto Secundário

Por contacto secundário, entendemos uma associação em que as atitudes de indiferentismo são predominantes, onde cada homem não está interessado nos outros como entes humanos, onde falta a intimidade. Uma ilustração flagrante dêsse tipo de contacto, é aquela de um quarteirão de apartamentos de uma cidade moderna. Aí as relações são anônimas. Os indivíduos não têm tendência para se identificar uns aos outros, para compartilhar de experiência mútua, para assumirem o papel de outros. Portanto, desde que nas relações anônimas de contacto secundário os indivíduos não são responsáveis moralmente uns para com os outros, o contrôle social é muito deficiente. Não há lealdade. Sob êste ponto de vista, tornou-se inteligível, o aumento de crimes e da delinqüência juvenil, nos centros urbanos. O contacto secundário é considerado a falência do contrôle social e, também, é o fator da desorgani-

zação das famílias nas cidades modernas, da insânia, do desamparo, do divórcio e do abandono. Estes males da ordem social, podem ser considerados como sintomas de desorganização social, a que cada sociedade deve descer quando muda de uma base de «folk» de contacto primário para o contacto impessoal ou secundário.

Devemos frizar, que a causa da delinquência juvenil é devido ao isolamento (contacto secundário). Si, desde a infância, a criança já tem rancor a seus pais, vive fora da família, afasta-se de seus vizinhos, não quer ter intimidade com os que a rodeiam, não procura ter seu «gang», seu grupo para brincados, foge do lar, procura ter atividades mas, dirigidas para o delito, não terá, assim, conhecimentos proveitosos, para sua futura existência, porquanto lhe faltarão aquelas configurações primordiais para a formação do bom pensar. Assim, concluímos que a delinquência aparece quando existe a influência do contacto secundário. A criança, depois de passar por certos corretivos, dando-lhe uma certa formação social, irá ter o contacto primário, devido ao ajustamento criado pelas autoridades competentes, que procuram clarividenciar as necessidades precisas para tornar um delinquente em um readaptado social, então haverá a influência do contacto primário que não houve anteriormente.

Si formos investigar o passado de diversos indivíduos de conduta anormal (criminosos, ladrões, gatunos, vagabundos, mendigos, delinquentes sexuais, etc.), não será de estranhar que êles, na sua grande maioria, tenham tido uma **infância abandonada**, desvalida ou descuidada. Infância, sem devida assistência, oferece campo propício ao desenvolvimento de todos os males, sendo do interesse da sociedade cercar a criança de todos os cuidados. Isso tem, atualmente, merecido a atenção dos países civilizados, que concluíram ser melhor impedir o desabrochar de maus hábitos da infância, colocando-a em condições favoráveis de vida e orientando-a num bom sentido, do que deixá-la à mercê de sua sorte e ter de defrontar, mais tarde, com sérios problemas de conduta. Um ponto já focalizado por muitos estudiosos, é que toda criança abandonada, ou que vive em condições precárias (falta de assistência material e moral conveniente), encerra, em si, um futuro delinquente. A assistência e proteção à infância está, justamente, em evitar o conflito entre o indivíduo (delinquente) e o meio, porquanto todo indivíduo é um delinquente em estado potencial, estando o delito na dependência de umas tantas condições interiores e de outras tantas exteriores. Convém proporcionar

às crianças as mais favoráveis condições de vida, a fim de que elas não cheguem, jamais, quando adultas, a manifestar essas tendências ocultas e latentes que encerram dentro de si.

As causas ambientais compreendem os factores familiares e os factores sociais.

Embora o conceito de família esteja envolvido no conceito social, reservamos à primeira denominação tôdas as influências do círculo em que a criança nasceu e foi criada: o lar de seus pais ou responsáveis; e, dentro da segunda, colocamos tôdas aquelas influências que ela recebe fora do lar: escola, oficina, rua, diversões, etc.

E' no lar que primeiro se processa a educação do menor; ministrada de uma maneira sistemática, e baseando-se em princípios gerais de biologia, psicologia, e sociologia, ou inteiramente fora de qualquer sistema, que é o que mais geralmente sucede, ela tem uma ação, importante sôbre o menor, contribuindo para marcar-lhe traços que não se apagarão jamais. Os primeiros anos de vida de uma criança são importantíssimos para sua formação (mesmo sem ter lido Freud, qualquer pessoa pode constar êsse fato), e com ela os passa no lar, de grande influência na sua educação, de uma influência tão decisiva que se pode dizer, sem temor de errar, que os menores que foram criados em ambiente sadio têm tôdas as probabilidades de se adaptarem à vida social futura, ao passo que menores delinquentes devem a sua conduta ao facto de terem sido criados em lares desorganizados e dsarmoniosos.

E' na rua que o menor se vai iniciar na delinqüência, cuja marcha o estudo de um grande número de menores delinquentes nos permite apontar. Começando pela indisciplina (desobediências, rebeliões, oposição franca à família, saída de casa, etc.) motivada num desapêgo afetivo ao lar, o menor comete fugas, das fugas vai à vagabundagem e ao furto, dêste e daí não é difícil prever os outros graus da série: ao roubo, ao homicídio, etc. Isso para os meninos. Para o sexo feminino a marcha é outra. Da indisciplina e fugas repetidas, a menor se encaminha para a inconduta sexual, desta para a libidinagem, da libidinagem vai ao defloramento, do defloramento chega até ao meretrício. Uma seqüência entre os casos escolhidos para essa pesquisa, isto é, entre os delitos de indisciplina, fugas e furtos, já havia sido notada, e em seguida constatada por verificações posteriores («Boletim do Serviço Social de Menores», vol. II, n.º 1). Tomando-se os 60 menores estudados, verifica-se que nenhum dêles nutre afeição pelo lar. Analisando os motivos dêsse desapêgo, verificamos que, tanto para

o sexo masculino como para o feminino, dominam as influências negativas do lar, entendemos os maus tratos (castigos rudes), a falta de assistência adequada, a falta de interesse, a negligência, a ignorância.

Os maus tratos que em certas famílias os pais infligem aos filhos, são verdadeiramente rudes. Cansados dos trabalhos por demais pesados a que, na maioria, se empregam para manterem o lar, mal humorados com os membros da família, da qual cada membro é uma boca a alimentar, irritados, às vezes seriamente doentes, parece descarregarem sobre os filhos toda a amargura que têm dentro de si e todo rancor que mostram para com a vida que lhes nega tudo. Temos examinado menores que conservam, pelo corpo, cicatrizes de espancamento recebidos, espancamentos esses que motivaram a prisão de seus autores. Esses castigos físicos deixam as crianças tão apavoradas que, si cometem qualquer travessura, não querem mais entrar em casa; outras vezes, mostram-se furiosamente enraivecidas contra os pais (geralmente o pai), em quem elles vêem verdadeiros algozes. O caso seguinte, chega a impressionar: A menor C.T.J., de 12 anos, branca, alfabetizada, natural de Recife, é barbaramente espancada pela mãe, enfermeira, brasileira. As surras são não só frequentes como pesadas. O instrumento usado, para essas ocasiões, é um fio de ferro de passar, especialmente reservado para esse fim. A menor grita, mas ninguém vem em seu auxílio; as janelas e portas previamente cerradas, impedem que alguém a ouça. Uma vez, foi espancada a ponto de ficar com as costas sangrando e ter ferida uma costela. Outra vez, teve a língua amarrada com um elástico, a fim de não gritar, e foi deixada durante dias num porão, quase que sem alimento. E' natural que, nessas circunstâncias, a menor C.T.J. fuja de casa, mas, também é verdade, que ela dava muitas vezes motivos de aborrecimento à sua mãe: não ia à aula e ficava namorando. Em todo caso a mãe não deixa de ser muito nervosa e incapaz de auto-contrôle; quando enraivecida, não consegue dominar-se, ficando fora de si como louca, olhos abertos, dedos crispados. Tendo sabido que houve tentativa de defloramento, por parte de um vizinho, junto à filha, passou a espancá-la com uma borracha. Os espancamentos se sucediam. Depois de uma surra bem dada, a mãe preparava o ânimo da filha e o corpo, que ficava seriamente contundido, tratava-o para outra ocasião, com os avisos de que, da próxima vez, o tratamento seria mais severo. Ultimamente, era tal o terror de C.T.J., que bastava a mãe ameaçá-la para ela fugir de casa.

Tão nocivas quanto os maus tratos, são as negligências que certos pais têm pelos filhos: a indiferença pela sua educação ou a excessiva indulgência. Neste último caso, são muitas vezes, bem intencionados, mas, tudo quanto se refere à fiscalização que possam exercer sobre os filhos, reduz-na a mais completa ineficácia. Indulgência, indiferença, negligência, talvez não sejam nada mais do que diversas formas de cansaço. Uma coisa, só por si, já é suficiente para esgotar os progenitores dos menores: o trabalho a que se vêm obrigados para manter a família. Não lhes sobra tempo nem disposição para cuidarem convenientemente dos filhos. Nos meninos, o amor à vadiagem e o gosto por uma vida livre, por uma vida própria, encontra-se com mais frequência que nas meninas; estas apresentam acentuado gosto pelas distrações, namoros e más companhias. Ora, o menor se sentindo apegado ao lar de seus pais, pelos motivos expostos, encontra em qualquer oportunidade, pretexto para deixá-lo, mesmo que seja pelo espaço de algumas horas durante o dia. E, fora do lar, que fazem eles? Os meninos ficam na rua. As meninas ficam em passeio; uma boa porcentagem na rua e em centros de diversões (cinemas, bailes), quando não em lugares mal freqüentados. Enquanto que os menores ficam brincando, em plena vadiagem e na companhia de moleques, poucos ficam praticando esportes; alguns jogando a dinheiro, em companhia de adultos, outros ficam namorando ou em situação mais comprometedora, em más companhias, com amigos e amigas, namoradas e amantes. Dessa forma, os meninos se encaminham para os maus hábitos de rua e as meninas para os desvios do sexo.

Conclusão

Diante do estudo feito no grupo dos menores delinquentes, concluímos que para resolver o problema da delinquência juvenil é necessário que cuidemos dos menores abandonados, des-cuidados, sem lar, procurando dar-lhes a influência do contacto primário que é: lar, família, grupo de brinquedos, instituições públicas e particulares e procurar sanar o factor contacto secundário (isolamento). Assim poderemos dar uma diretriz capaz de conduzir o menor a uma readaptação.

(Continua no próximo numero)

CAFÉ ROCHA, SEMPRE GOSTOSO

BRASIL SUL

2.º ten. Aurélio Pedrazoli

Aproveitando nossas almejas férias e uns poucos cruzeiros num dos primeiros dias de janeiro, quando a madrugada ainda tímida mal tingia o horizonte, partimos da capital paulista, integrando um comboio de caminhões da Brigada Gaúcha, com destino a Pôrto Alegre, na intenção de realizar assim um velho sonho dos tempos da Escola: conhecer de perto o sul do Brasil.

Nosso automóvel, já entrado em anos, tinha a grande responsabilidade de nos levar até à capital gaúcha, embora muita gente duvidasse de tal proeza, chegando alguém a afirmar que de Cotia, 60 Kms. de S. Paulo, não passaríamos. Mesmo assim teimámos e logo no início da viagem chegamos a compartilhar com os duvidosos. Foi na saída de Pinheiros que a coisa se deu.. Pedimos ao tenente Irajá, da Brigada, que seguisse na frente com o comboio e tão logo tomássemos café o alcançaríamos. No entanto não era a intenção do velho Packard, pois alguns quilômetros mais adiante desandou a dar pinotes esquisitos e roncões terríveis, como que reclamando contra uma tarefa tão pesada para a sua idade. A massada era demais, pensamos,



parando o carro e apanhando desconsoladamente, as peças caídas no leito da estrada.

— E agora? perguntei à guisa de comentário, vislumbrando a nossa volta a São Paulo, com o carro guinchado e a ouvir por semanas e meses até, as chacotas irritantes dos colegas.

— Agora? Agora é ir em busca do Carmine, respondeu o Sebastião, para se poder avaliar os estragos existentes aí por dentro.

— Tomei um ônibus e fui em busca do incansável e abnegado Carmine, amigo infatigável das más horas automobilísticas e solucionador absoluto de todos os nossos enguiços mecânicos. Felizmente êle ainda estava em casa e quase não o alcanço, pois já se aprestava para sair.

O caso, porém, era menos grave do que se esperava. A uma da tarde, resolvida a pane, pudemos reiniciar viagem, com a dúvida apertando agora mais forte o nosso pensamento.

No segundo dia de viagem chegámos a Ribeira às sete horas, atravessando logo depois a fronteira do Paraná. Apesar da chuva fina e teimosa que caíra durante quase tôda a noite, havíamos alcançado a parte de caminhões em Apiaí às duas da madrugada e, depois de um breve repouso, continuámos a jornada, agora à frente, para evitar qualquer dúvida ou receio.

O céu estava limpo de nuvens e fazia um dia de magnífica beleza. Enquanto penetrávamos o Paraná, galgando por estradas magníficas os vinte e sete quilômetros de serra, buscávamos, ávidos, os pinheirais tão decantados daquelas regiões e que apenas conhecíamos nas ilustrações de livros e de cinema. Admirando, à medida que o carro subia, as belezas impressionantes da região representadas de um lado pelas montanhas altíssimas que subiam abrutadas, parecendo por vêzes desabar sôbre o carro e, de outro lado da estrada, num contraste

aterrador, sucedendo-se, cada vez mais insondáveis, as profundezas azuladas dos precipícios, perdendo-se muito longe, lá em baixo, no cópado escuro das árvores, chegámos finalmente ao cume da serra. Dos pinheirais, apenas algumas dezenas de pés raquíticos, espalhados incertamente pela vastidão das cristas. Mais tarde o Capitão Tisiano, chefe do comboio, nos esclareceu no seu fraseado bem gaúcho.

— Havia muito pinheiro por aí, mas a cupidez insaciável do homem os derribou e não fêz o replante. Os grandes pinheirais já não existem e nem há pinheiros novos em seus lugares, apesar da lei obrigar o replante das árvores abatidas.. Encontraremos pinheiros pelo caminho, mas gigantes, majestosos e em grande número, só no Estado de Santa Catarina, principalmente nas proximidades da fronteira com o Rio Grande.

Chegámos à tarde a Curitiba, onde passaríamos a noite. Aproveitámos então o ensejo para conhecer a cidade, ainda novidade para nós, e, à noitinha, apesar do aguaceiro que caía e da falta de luz, pois a cidade estava às escuras, demos um giro pelo centro. Cidade bonita, bem movimentada, quase plana. Nada vimos da Força Pública daquele Estado, pois partimos logo na madrugada do dia seguinte. No entanto, tivemos um ligeiro contacto com a Guarda Civil, se bem que não muito agradável. Por um equívoco involuntário, contrariámos o sinal do guarda que dirigia o trân-

sito em uma das principais artérias da cidade. Ouvimos seu apito e parámos. E êle acercando-se:

— O senhor contrariou meu sinal, entrando quando não devia. Acompanhe-me ao comissário.

Ficámos embaraçados ante sua tão brusca atitude, mas obedecemos sem contestação. Durante o trajeto, porêr. comentámos.

— Mas os senhores abandonam assim o posto por qualquer motivo, deixando o tráfego abandonado à sua sorte?

— Sim, nós aqui podemos fazê-lo quando necessário, respondeu o guarda em tom ríspido, notando naturalmente que éramos de outro Estado.

Felizmente o caso não teve piores consequências e o comissário, um graduado bem jovem ainda da guarda civil, aceitou gentilmente as nossas desculpas.

A meio caminho já de Joinville, encontrámos um garoto que na estrada fazia gestos lentos com os braços. Parámos e êle nos pediu uma "carona", até uma venda nas proximidades. O menino era vivo e havia inteligência nos seus olhos.

— Você nasceu e mora por aqui mesmo?

— Sim senhor, nos respondeu cortêsmente.

— O que fazem seus pais?

— Todos nós, em casa, trabalhamos com madeira. Cortamos a árvore e a vendemos depois.

— Mas cortam madeira onde; em terreno do Estado?

— Não senhor, fazemos isso em nosso próprio terreno. Êle é todo êsse que os senhores vêem à esquerda. E nos mostrou, num gesto largo, uma grande extensão de terra.

— Puxa!... então vocês são ricos mesmo! Com tanta terra!...

— Qual nada. Temos muita terra, mas terra por aqui vale pouco hoje em dia.

— Bem, madeira significa dinheiro...

— Sim, mas há pouco pinheiro por essas bandas nesta época. Os nossos bons tempos já se foram de há muito!...

— Rimo-nos gostosamente da expressão daquele garoto de doze anos, referindo-se aos "bons tempos".

E êle, já completamente desembaraçado, foi contando singelamente a história das cruzes solitárias e das choças de capim abandonadas, encontradas pela estrada a fora.

— Você sabe ler, menino? Perguntou em dado momento o Sebastião?

— Não senhor. Gostaria muito de aprender, mas não há escolas por aqui.

— E seus pais e irmãos também não sabem?

— Não. Lá em casa ninguem sabe.

— E há por aqui muita gente que não saiba ler?

— Dos que conheço, ninguém sabe ler, respondeu êle de cabeça baixa. A Vila fica muito longe e só lá tem escola.

Deixámos o garoto à porta da venda e seguimos viagem com o coração confrangido. Quanto trabalho, quanta luta a se empenhar por êsse Brasil a fora em prol da instrução de nosso povo. Pelo menos levávamos conosco um consôlo: o menino era forte, vendia saúde. Se lhe faltava o pão de espírito, o outro, no entanto, lhe sobrava.

Depois de atravessarmos várias serras no Paraná, entramos em Santa Catarina, onde mais serras, de escalada íngreme, de caminhos estreitos e curvas irritantes, nos esperavam. Passámos direto por Joinville, onde parámos mais demoradamente na volta, fazendo uma etapa em Jaraguá, para o almôço obrigatório. Entrámos ali em contato com um jovem e esguio tenente da Fôrça Pública daquele Estado que, na cidade, exerce as funções de delegado. Apesar de haver muitos oficiais com funções de delegado de polícia, ela não lhes era exclusiva, pois civis também a exercem dentro do Estado. A milícia é ali reduzida. Há o problema da transição, reflexo da época que atravessamos; o problema dos claros, dada a insuficiência dos vencimentos é outra realidade, principalmente com referência aos quadros.

Continuámos a viagem logo após o almôço, para estacionarmos logo à noite em Rio do Sul. Na madrugada seguinte, depois de percorrermos uns poucos quilômetros fizemos uma parada em Trombudos Central, afim

de tomar café. Essa refeição matinal nos Estados do sul, se torna necessário frizar, é bem mais farta que o nosso minguaço café com leite e pão com manteiga. Desde que se vai pelo Paraná a dentro, a fartura em alimentação se evidencia. A carne é servida sã e nutritiva e sem finalidades econômicas, a manteiga é magnífica e abundante, o leite não tem o sabor aquoso do fornecido em nossa capital. Além do café leite e pão com manteiga, o café habitual nos estados sulinos, consistia no mel grosso e cheiroso, doces de frutas, linguça frita de pura carne de porco e salames variados. Hoje é com mágua que retornamos aos nossos antigos hábitos.

A originalidade do Estado de Santa Catarina, está no contraste que oferecem as suas com as paisagens paulistas. Sendo uma das principais fontes de renda a extração da madeira, suas casas são na maioria construídas com aquele material quase que exclusivamente. Fere a vista e os sentidos, porém, o bizarro das construções tipicamente nórdicas, de cumieiras altas, cujo teto de aclave acentuado se eleva graciosamente em seus rebordos. Fóra das povoações, são de uma paz ordeira e de um severo asseio, dispondo-se irregularmente ao longo da estrada. Muitas igrejas católicas. Em cada amontoado de casa, por menor que fosse havia sempre uma igreja de torre majestosa enfeitando a paisagem, com fundo nas serras azuladas do horizonte longínquo.

Muita gente loira de olhos azuis. Poucos morenos, pouquíssimos negros. Em uma de nossas paradas, conversámos com u'a mulata, empregada de hotel (é comum encontrar-se no sul, mulheres servindo nos hotéis, como garçonetes);

— Você fala Alemão?

— Falar não falo, mas entendo.

Chegámos a Pôrto Alegre na tarde do quinto dia de viagem. Apesar de protestarmos, o tenente Irajá, que nos acompanhava como cicerone desde Vacaria, insistiu em nos apresentar, naquela mesma tarde, ao coronel Comandante Geral da Brigada. Não obstante nosso deplorável aspécto, o coronel Walter Barcelos nos recebeu jovialmente e sua figura simpática e amável conquistou de pronto nossa admiração e estima. Trocámos idéias sôbre as nossas milícias e por fim foi s. excia., num entusiasmo ardoroso, nos expondo com clareza e precisão admiráveis os problemas atuais da Brigada, suas dificuldades, os seus planos futuros. A milícia gaúcha atravessa atualmente uma série de modificações, sendo intenção principal de seu Comandante Geral empregá-la a fundo no intensivo policiamento de todo o Estado. Com êsse escopo idealizou e planejou a criação de um corpo de Polícia Rural, que substituindo os atuais destacamentos, muito semelhantes aos nossos destacamentos do interior, se encarregará, de maneira mais completa, da manutenção da ordem em to-

do o interior do Estado. Com efetivos variáveis, compostos na sua maioria de graduados recrutados com o máximo rigor no seio da tropa e no mundo civil, os Regimentos de Polícia Rural se constituirão de elementos fixos a pé e a cavalo, destacados em localidades determinadas e também de elementos móveis, motorizados, com a missão de patrulhar tôda a região sob influência policial de sua Unidade. O problema de claros é atualmente mínimo na Brigada.

O coronel Barcelos é bem moço de idade e de espírito e audaz nas iniciativas. Em tôda sua brilhante carreira dentro da Brigada, não mediu sacrifícios para o contínuo engrandecimento da instituição. Hoje o coronel Barcelos é na Brigada Gaúcha a expressão máxima da célula criadora. Por isso vive, exulta ou sofre com ela e para ela, trabalhando infatigavelmente tanto de dia como de noite, sem meios ou buscando meios entre as frinchas das dificuldades. Além de tudo é verdadeiramente um chefe. De energia contagiante, transcende à simpatia e bondade, inteligentemente acolhedor dos subordinados que o cercam as idéias criadoras.

Por fim, percebendo nosso cansaço, o coronel nos desimpediu, considerando-nos, para nosso embaraço, hóspedes oficiais da Brigada, hospedando-nos no Magestic Hotel, um dos melhores da cidade.

Dentro dos breves dias vividos em Pôrto Alegre, visitámos

quase todos os quartéis da Capital. Vimos o Serviço de Subsistência que num impulso de realização se completa dia a dia, para fornecer a todos os elementos da Brigada e seus dependentes os gêneros necessários à vida diária, num índice econômico bem pronunciado. O Serviço de Subsistência conta com fábricas de calçados sob a direção de um técnico civil competentíssimo; mantém indústria de capacetes, tem padaria, pastificio, torrefação e moagem de café, etc.. O Serviço de Transportes progride dia a dia em ritmo acelerado, aumentando sua frota de viaturas automóveis, não se esquecendo também das necessidades particulares dos oficiais e praças da Brigada, fornecendo-lhe gasolina, óleo, serviços de manutenção com um mínimo de lucro para o Estado.

O C.I.M., o 1.º B.C., o Regimento Bento Gonçalves, a todos visitámos, sentindo-nos, em cada visita mais e mais emocionados com o tratamento tão cavalheiresco daquela fidalga gente. Infelizmente não nos foi dado ver a Brigada no afã da instrução, pois a encontramos em período de férias, os quartéis recebendo reparos apressados e necessários, num aproveitamento útil do descanso.

Contudo, pelo que nos foi dado observar, verificámos que o C.I.M. apresenta um aparelhamento escolar mais completo que o nosso, principalmente na parte do armamento. A dificuldade de quartéis, é comum à Brigada, pois

as instalações do 1.º B.C. são exíguas e o Regimento Bento Gonçalves conta apenas com um pavilhão de seu quartel em condições ideais, estando a cavallhada distribuída em construções esparsas. Visitamos o H.M. que sob u'a modelar direção, apesar de dificuldades e ausência de verbas, passa por uma reforma quase total, culminando com as obras do pavilhão para tuberculosos, fruto do sacrifício da oficialidade da Brigada que não poupou suas ecônomias para auxiliar a edificação daquele prédio.

Visitámos demoradamente a farmácia, cujo eficiente corpo técnico coopera grandemente para o engrandecimento da Brigada.

O que nos sensibilizou grandemente foi a acolhida generosa e espontânea que tivemos. O gaúcho da Brigada parece sentir um prazer exultante em receber os elementos da nossa Força. Cada oficial é um amigo que nos recebe de braços abertos e se desdobra na demonstração de sua amizade vasia de interesses. Quando o gaúcho conversa mais profundamente, logo lhe jorra da alma u'a mágua profunda: a de ter lutado em 32 contra S. Paulo.

O tenente-coronel Aparício Borges é um símbolo da bravura gaúcha. Vimos sua estatua em frente ao quartel do 1.º B.C. do qual foi comandante, suspensa e cambaleante, ao ser ferido de morte pelas metralhadoras paulistas de 32. E o Comandante Aparício Borges saiu da trincheira, postando-se deliberadamente fren-

te à metralha mortífera para tombar agonizante.

Por que teria êle buscado a morte assim tão estranhamente? Revolta de consciência ou idealismo consciente?

Foi um oficial da Brigada que nos contou a história do Comandante Aparício. E êle nos falou longamente sobre o simbolismo da bravura daquele soldado dentro da Milícia. Depois falou com mágua da necessidade de ter a Brigada pegado em armas contra São Paulo em 32.

Visitámos, finalmente, a Vila Militar na chácara das Bananeiras que é mais uma obra grandiosa do coronel Barcelos. Há casas para oficiais, sargentos cabos e soldados, sendo que o número de construções cresce constantemente. Tôdas elas são de acabamento simples mas bem construídas, trazendo a vantagem de resolver grandemente o problema de habitação que é ali tão crucial como em nosso Estado.

A escassez do tempo não nos permitiu completar a série de visitas, tanto às Unidades da Capital como às do interior. Vimos ainda parte do sul do Rio Grande e como o tempo urgia passámos rapidamente de volta a Porto Alegre, apresentando, de passagem, nossas despedidas ao ilustre coronel Comandante Geral da Bri-

gada e a luzida officialidade gaúcha:

Nosso carro, que tanto apreensão nos causara na partida, fêz a viagem de retôrno em dois dias, sem causar um mínimo de aborrecimentos, trazendo-nos a S. Paulo ainda a tempo de passar a têrça feira de Momo no Clube Militar, o que afinal compensou o cansaço da viagem de volta.

Agora, novamente em S. Paulo, rendemos nossas homenagens á Brigada Militar amiga sincera e incondicional, que sabemos, da nossa Fôrça Pública. Agradecemos comovidos a tôdas as provas de gentilezas que fomos alvos na bôa e inesquecível Pôrto Alegre. Excelentíssimo Coronel Barcelos aqui expressamos a nossa gratidão pela bondosa acolhida. Ao capitão Tisiano, ao tenente Irajá, nossos amigos das boas e más horas, o nosso afetuoso abraço. Ao tenente Laranjeira, oficial de cultura invulgar e esmerada educação que honra com sua capacidade profissional a culta officialidade da Brigada, cooperando com ardoroso amor nos estudos para o seu engrandecimento, nossas saudações e nossa gratidão sincera, pela bondade e inequívocas provas de amizade com que se esmerou nos acolhendo. Aos oficiais brigadeanos da guarnição de Porto Alegre afinal, o nosso abraço amigo.

CAFÉ ROCHA, o amigo dos bons paladares

Canção da Esperança

Alegretti Filho

(Da Academia de Letrãs de São Paulo)

*Ditosa quem te procura,
Alentadora esperança
Que prometes a ventura
De um céu que nunca se alcança!*

*Nas lindas cousas que dizes
Nessa voz que é sumo bem,
Iludes os infelizes
E os venturosos também...*

*Último pôrto, guarida
De um coração que ainda espera;
Vestes de rosas a vida
No fulgôr da primavera*

*Como um murmúrio de preces,
Num fascínio encantador,
Súbitamente apareces
Nas almas mortas de amor.*

*Na angelitude em que assomas,
Tanta doçura irradias,
Que enches de luz e de aromas,
As horas longas, vazias...*

*E' só por isso que a gente
Fica estática, a sonhar:
— Esquece, o mundo inclemente,
Suporta, todo o pezar!*

Silveira Peixoto,

Prof. da Escola de Jornalismo "Cásper Líbero"

Um "week-end" num hospital

Em meia hora, numa sexta-feira — No dia 25, aos cuidados do dr. Alvaro Machado —
Filha das barricadas do segundo 5 de Julho — No Hospital e Maternidade Santa Maria da
Cruz Azul — Benemérita instituição, onde as mãos da bondade fazem desaparecer a dor
— Isenção de impostos e subvenção, num projeto do vereador cap. Cantídio Sampaio



Concordando, imediatamente quis o dr. Alvaro Machado tomar as primeiras providências. Apanhou o telefone, discou, uma voz de mulher atendeu, trocaram algumas palavras. Depois o fone, acabou de dactilografar uma receita, fez duas ou três recomendações. Levantou-se nuns modos esportivos muito seus, brincou outra vez com a minha idéia de um "week-end" em hospital e despedimo-nos:

— "Então, até sexta, às 9, na Cruz Azul. Não se esqueça de que deve chegar um pouco antes. Há uns tantos preparativos..."

Sexta-feira, minutos antes das oito, o taxi galgou a rampa, contornou os pavilhões, deixou-me à porta principal — ali nas cristas de uma grimpá, a cavaleiro da avenida Lins de Vasconcelos, de onde se descortina um dos mais belos panoramas de São Paulo. A manhã en-

saboara-se tôda na cerração, deixara o céu bem azul, bem brunido, para a festa de luzes e de côres do dia que começava.

Recebeu-me o major Gilberto Maciel da Silva, administrador geral, sempre cuidando que tudo corra bem no hospital. Comentámos a beleza do dia, preenchi umas formalidades, logo fui encaminhado para o quarto 25. Uns olhos mansos a brilhar-lhe no rosto cheio e igualmente todo mansuetude, um enfermeiro, Pedro Campana, apareceu, quis saber si eu havia seguido as instruções do médico, saiu e logo retornou, acompanhado de um rapagão simpático, Arlindo Avezzani.

Bom dia, doutor! — cumprimentei-o, julgando tratar-se de um médico assistente.

— Sou enfermeiro, corrigiu êle, num sorriso. O senhor vai tomar êste remédio. Depois terei de aplicar-lhe uma injeção...

Um pouco mais, entrou o dr. José Mário Maldonado, médico anestesista. Os preparativos foram concluídos, a porta abriu-se ligeiramente, o dr. Alvaro Machado cumprimentou-me, trocou algumas impressões com o dr. José Mário. Cerraram as janelas, fiquei sozinho, na penumbra, para dormir um bocadinho...

Sôbre a mesa de cabeceira me haviam deixado um exemplar de "Militia", a esplendida revista da Fôrça Pública de São Paulo, por si mesma índice da cultura da oficialidade dessa tradicional corporação. Momentos antes eu havia lido em suas páginas...

... "A Cruz Azul de São Paulo é filha das barricadas do segundo "5 de Julho". Nos pequenos intervalos dos combates que se feriam nas ruas da

Capital bandeirante, soldados ilustres pensavam nos feridos, nos que tombavam no cumprimento do dever, nas viúvas e nos orfãos daquela luta cruenta. E idearam a criação de uma instituição com finalidades de assistência social e educativa, a desenvolver seu programa e sua obra no seio da Fôrça Pública, junto às famílias dos seus servidores.

...No dia 28 de julho de 1925...
Naquele dia festivo, funda a oficialidade da Fôrça Pública, capitaneada pela figura incomparável de seu comandante, o coronel Pedro Dias de Campos — verdadeiro artífice da idéia e de sua cristalização — a Associação das Damas da Cruz Azul.

...No mês seguinte são aprovados os estatutos da jovem instituição. Trazem êles, no frontespício, uma transformação no nome inicial. Surge a Cruz Azul de São Paulo.

Alguém moveu devagar a maçaneta da porta. Era a enfermeira com o carrinho. Levantei-me, o corpo já tomado de um certo torpor. Ajeitei-me como pude e fui corredor em fora, rumo à sala de operações. Passei-me para a mesa, ouvi alguém mandar que acendessem um aquecedor, o dr. José Mário mostrou-me a seringa do anestésico, senti a picada da agulha no braço...

— Afinal, começam ou não começam essa operação?

Surpreendi-me com as minhas próprias palavras, tive a impressão de que vinham de muito longe. Também não sabia direito onde estava e a voz brincalhona do dr. Alvaro Machado chegou-me apagada, como si me houvessem enchido de algodão os ouvidos:

— Estou com vontade de deixar para amanhã...

— Tenha paciência, doutor. Já estou aqui, o senhor vai fazer hoje mesmo.

— Já está tudo terminado... — reargui eu, sempre bem humorado.

— Terminado?! Que horas são?

— Nove e meia — respondeu o major Gilberto, as palavras a chegar-me bem mais nítidas.

Um tanto de instruções e de novo me deixaram no quarto em penumbra... Não, não me deixaram. A dado instante — e sobremodo honrosa me foi a visita — ali apareceu o coronel José Ramos Nogueira, presidente da Cruz Azul, soldado valoroso a que São Paulo muito deve, homem que é um dos grandes esteios da benemérita instituição. De espaço a espaço, o major Gilberto, a Irmã Samuela, a Irmã Saveria, Arlindo Avezzani, Pedro Campana, entravam devagar, a ver si tudo corria bem. E eu sentindo o conforto da solidariedade dêles a velar-me — isso a dizer-me que ainda há muita bondade neste mundo.

Chegou a gente de casa. Pedro Monteleone, o companheiro querido de A GAZETA, Sérgio Blumer Bastos, o médico de todos nós os "gazeteiros", amigos mais chegados, alunos meus da Escola de Jornalismo "Casper Libero", foram todos levar-me uma palavra de carinho, foram dizer-me que outros companheiros, outros amigos, queriam saber como iam as coisas, queriam, também, que logo pudesse eu estar de novo entre êles.

Veio a noite. A noite — quantas vezes já o senti! — põe um apêto no coração dos enfermos... Com a noite, porém, chegou Domingos Pontes, o "enfermeiro encarregado do serviço noturno", que essa é a denominação de suas

funções, segundo vejo aqui num relatório. Falando pausadamente, muito sereno, êle partilha com a gente a própria tranqüilidade. Conversamos, nessa e em outras noites. Ouví-lhe os casos e as aventuras de uma vida mais ou menos acidentada. Com isso, Domingos Pontes não se mostrou apenas um hábil enfermeiro do corpo; evidenciou-se, também, um bom enfermeiro do espírito, fêz que passassem muitas das ansiedades que me assaltaram.

O Hospital e Maternidade Santa Maria da Cruz Azul de São Paulo vem funcionando desde 1935 e é de todo justo acentuar-se que essa obra muito deve aos esforços dos que, como diretores da instituição, foram seus grandes animadores: tenente-coronel dr. Tomás de Aquino Monteiro de Barros, coronel Pedro Dias de Campos, coronel José Sandoval de Figueiredo, coronel Joviniano Brandão de Oliveira, tenente-coronel Manoel Marinho Sobrinho, coronel José Teófilo Ramos, coronel Sebastião do Amaral, tenente-coronel Luiz Tenório de Brito, tenente-coronel Júlio Dino de Almeida e coronel José Ramos Nogueira.

Compreendem-se no estabelecimento as clínicas cirúrgica, obstétrica, ginecológica, ortopédica, otorrinolaringológica, serviços de raios-X e eletroterapia, transfusão de sangue e berçário. Tôdas essas clínicas têm a direção de médicos especialistas e contam com um a dois assistentes; há serviço permanente de médicos de plantão, em tôdas as horas do dia e da noite. Os serviços administrativos vêm sendo desde a fundação competentemente dirigidos pelo major Gilberto Maciel da Silva. A assistência religiosa é prestada pelas Irmãs da Ordem de São Camilo de Lelis, sob a chefia da Superiora Irmã Samuela.

Essa casa de saúde, diz o seu regulamento interno, "é um instituto de beneficência aberto a tôdas as pessoas necessitadas de internação hospitalar, sem distinção de classe, nacionalidade ou culto religioso, mediante módica contribuição" (efetivamente módica, assinale-se). Quanto às pessoas das famílias dos sócios da Cruz Azul — e o são, principalmente, os oficiais, inferiores e praças da Fôrça Pública — essas têm "direito à internação e tratamento gratuitos". Uma estatística de 1947 diz que, durante aquele ano, foram hospitalizados 3.795 doentes, dos quais: 1.361 beneficiários, da instituição, que receberam benefícios na importância de Cr. \$ 1.396.650,10; 2.421 pensionistas e 13 indigentes.

Acrescente-se que a Cruz Azul também mantém um ambulatório, por sinal muito bem instalado, presta assistência médica a domicílio aos seus beneficiários, tem um dispensário de tisiologia, dispõe de um gabinete dentário, dá assistência no interior do Estado aos associados e famílias que residem nas cidades onde se aquartelam unidades da Fôrça Pública: Bauri, Campinas, Ribeirão Preto, Santos, Sorocaba, Taubaté, S. José do Rio Preto e Presidente Prudente.

Depois de interessantíssima demonstração de "jiu-jitsu" — êle é um grande conhecedor de todos os golpes, contra-golpes e outros recursos dêsse esporte, um dos melhores e mais entusiastas discípulos de Gracie — o dr. Alvaro Machado confirmou:

— Sim, pode sair hoje, depois do almoço.

— Então — indaguei — foi ou não um "week-end"? Sexta, sábado, domingo, segunda... Quatro dias...

— Quatro, não! — corrigiu Arlindo Avezzani. Três e nem meio, pois ainda não é meio dia.

Não exagero, não fujo à verdade, aqui dizendo que já tenho saúde de esse "week-end" na Cruz Azul, que dêle guardo lembrança muito e muito amável. De todos sim. Do meu médico, êsse admirável dr. Alvaro Machado. Dos diretores e administradores da benemérita instituição. Do dr. José Mário, filho do saudoso e bom Mário Maldonado, velho amigo de minha família. Das Irmãs, dos enfermeiros, das serventes. Também das manifestações de solidariedade da A.P.I. e da A.P.I.S.P. Igualmente de meus amigos, de meus companheiros, de meus alunos, a encher-me o quarto de palavras boas — palavras que eram como ramalhetes de flôres para o meu coração.

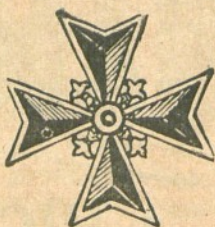
Porque foi um "week-end" numa casa em que, é certo, há muita dor — mas onde essa dor é suavizada, essa dor afinal desaparece, eis que ali as mãos da bondade sabem meios de isso conseguir.

Sim, há alguma coisa ainda a dizer. Serviços relevantes tem prestado a Cruz Azul desde o dia em que foi fundada. Até hoje, entretanto, só uma vez os poderes públicos lhe deram uma subvenção - 80 mil cruzeiros, no exercício corrente, do govêrno estadual. Todavia, há obras a realizar, há necessidade de ampliar as instalações do hospital, há urgência de umas tantas coisas para o ambulatório. Subvenções maiores, isenções de impostos, maiores e melhores elementos econômico-financeiros, claro está que a tudo isso faz jus a benemérita instituição, como reconhecimento pelo muito que vem fazendo em favor da coletividade.

Post-scriptum — Já se achavam com-
postas estas notas, quando tive oportu-
nidade de conversar com o vereador
Cantídio Nogueira Sampaio, também
elemento dos mais brilhantes da oficia-
lidade de nossa Fôrça Pública. Falei-
lhe de conceder-se isenções de impos-

tos municipais à Cruz Azul. Acolhen-
do imediatamente a idéia, quis ampliá-
la e declarou que vai apresentar à Câ-
mara um projeto de lei concedendo à
benemérita entidade não só as isen-
ções em causa, mas também uma sub-
venção razoável.

(Transcrito de "A GAZETA", de 30-8-49)



Muito econômica!

ABSOLUTAMENTE PURA!

20 mil unidades de Vitamina "A" por quilo!

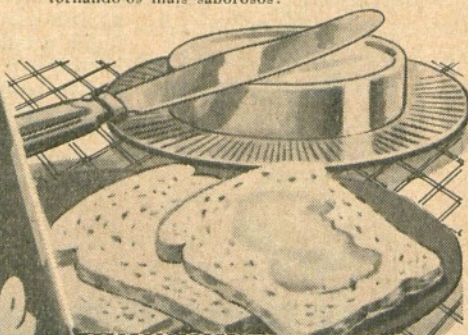
MARGARINA
Saude
ANDERSON, CLAYTON

Paladar suave!

ESTERILIZADA COM 20.000 UNIDADES DE VITAMINA "A" POR QUILograma

ESPLÊNDIDA!...

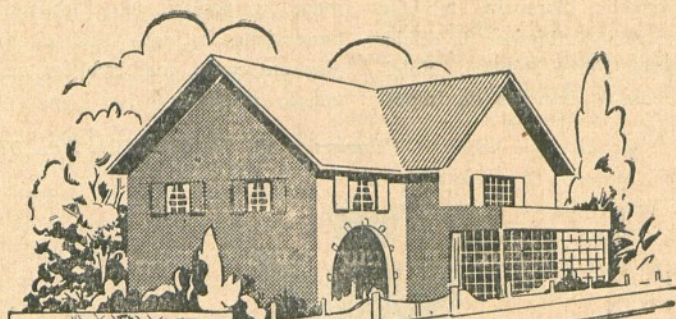
para passar no pão, nas
bolachas, nas torradas, nos biscoitos,
— como se faz com qualquer manteiga, —
tornando-os mais saborosos!



Sirva MARGARINA
Saude
para bem servir!
ANDERSON, CLAYTON & CIA. LTDA.



Beber CAFÉ ROCHA é beber O MELHOR CAFÉ



A HIGIENE DE SEU LAR!

LYSOFORM BRUTO é indispensável na limpeza de sua residência, protegendo-a contra as impurezas nos seus recintos. Lysoform Bruto, empregado em solução adequada conforme a bula, desinfeta e perfuma os banheiros e privadas, limpando, ao mesmo tempo, pisos, paredes, aparelhos sanitários. Inapreciável na limpeza e extinção do mau-cheiro dos refrigeradores. Insubstituível para lavar as roupinhas do bebê.

LYSOFORM ★ BRUTO ★

LABORATÓRIOS LYSOFORM S.A.

São Paulo - R. Taquarí, 1338 ★ Rio - R. Lavradio, 70-A



PANAM — Casa de Amigos

A infecção focal, problema de Higiene

1.º ten. dr. Floriano Basaglia

Entende-se por infecção focal a presença no organismo de um processo inflamatório crônico, localizado num órgão e com repercussão a distância. É o caso, por exemplo, de uma nevralgia do braço, rebelde ao tratamento anti-nevrálgico comum e que desaparece com a remoção de alguns granulomas dentários. Nas raízes dentárias estava localizada a infecção focal, repercutindo, porém, noutra região do organismo (nervos e braço). A inflamação crônica permanece como tal ou às vezes se transforma numa inflamação aguda transitória.

Mas, nem sempre as coisas se passam de maneira tão simples assim; mais vezes, nevralgias, reumatismo, etc., não cedem com a retirada do foco infeccioso. Por isso, a teoria da infecção focal, surgida em 912, tem atualmente poucos defensores entusiastas. A princípio foi supervalorizada, como acontece com quase tôdas as novidades em medicina; hoje, a maioria dos médicos se coloca num ponto de vista neutro, como que aguardando novos estudos.

Vejamos, entretanto, quais os fatos já estabelecidos, sobre os

quais não há controvérsias e que conclusões podemos tirar dos mesmos.

Não se pode negar a existência, no organismo, de focos infecciosos, geralmente localizadas nas amígdalas ou nos dentes; a amigdalite crônica é frequente em adultos e a presença de granulomas dentários é quase que a regra em velhos. Esses focos são responsáveis, às vezes, por reumatismos, nevralgias, inflamações dos rins (nefrites) ou por uma moléstia geral, com fadiga, mal-estar, febre. Nesses casos a remoção do foco faz desaparecer rápida e completamente essas moléstias.

Em muitos outros casos desses mesmos males a extirpação do foco infeccioso não faz o doente melhorar ou o médico não encontra uma infecção focal. É comum, em formações sanitárias militares, recrutas ináptos para o serviço militar, por se queixarem de palpitações, angústia, falta de ar aos esforços, serem prontamente recuperados por um completo tratamento dentário.

Finalmente, o bom senso nos diz que qualquer órgão, sede de um processo inflamatório crô-

nico, traz forçosamente qualquer perturbação para o organismo quando não seja a distância, pelo menos localmente.

A profilaxia da infecção focal é, pois, medida que se impõe.

Mesmo que se consigam evitar as moléstias referidas em pequena porcentagem, já é um resultado que compensa, sendo provável que essa porcentagem seja maior do que se pensa. Porque o fato de um reumatismo ou de uma nefrite não melhorarem com a extirpação de um foco infeccioso não significa certamente que ele não seja a causa dessas perturbações. A moléstia ocasionada pela infecção focal pode depois tornar-se independente dela.

Em nossa Corporação os médicos e os dentistas sempre se têm empenhado no combate à

infecção focal. Seria desejável, entretanto, que todos colaborassem para que tal problema tivesse solução definitiva. Procurando cada qual, em caso de dúvida, o especialista, para ver se não é portador de tais focos; aconselhando os portadores visíveis a que se tratem, principalmente pessoas da própria família.

Quanto aos recrutas, ao serem considerados áptos para o S.M.P. e classificados, poderiam obrigatoriamente passar pela formação sanitária, aproveitando-se essa ocasião para serem instruídos também na profilaxia das moléstias venéreas (com quadros, estampas, gráficos, etc.).

Acreditamos que os resultados futuros muito compensariam esses trabalhos.



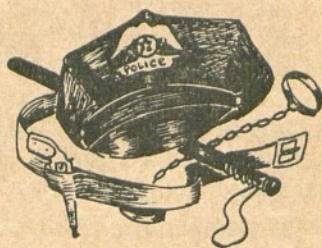
Mr. Bil e Mr. Bul, agentes de polícia



(Ric & Rac, Paris)

Porque o "The Federal Bureau Of Investigation" tornou-se a mais famosa organização policial do mundo

Foi feliz Manoel Viotti ao afirmar em sua magnífica obra **Policilogia** que: «A função policial exige, na atualidade, uma atividade muito variada, complexa e delicada, que requer uma soma enorme de noções científicas e reclama uma série de conhecimentos práticos de tódia espécie, umas e outras aliadas a qualidades pessoais não muito comuns».



Corroborando com as sabias palavras do insigne Viotti, John Edgar Hoover atual dirigente de «The Federal Bureau of Investigation» disse:— «a função policial, na atualidade, atingiu o grau de uma profissão».

Tendo certeza da própria assertiva foi que Hoover procurou dar àquela modelar e ímpar organização policial norte americana uma estruturação adequada às necessidades policiais e sociais daquele grande povo, ao mesmo tempo que procurou ministrar aos seus componentes uma formação profissional aprimorada, selecionando-os rigorosamente, capacitando assim o F.B.I. a executar satisfatoriamente sua importante função junto à sociedade, prevenindo e reprimindo o crime sob as múltiplas e complexas formas.

Muito evoluiu o F.B.I. desde a criação até os dias que correm, no setor organização, seleção do pessoal e métodos de instrução.

Na atualidade, por sua eficiência, importância e perfeição, destaca-se «The Federal Bureau of Investigation» em primeiro plano entre as organizações policiais similares das Américas e dos demais países do velho mundo.

Podem os Estados Unidos da América do Norte vangloriar-se do F.B.I., pois é êle, indiscutivelmente, a melhor e mais bem organizada polícia do mundo.

Isso conseguiu aquela Nação irmã graças ao espírito de compreensão de seus homens públicos e de seu próprio povo.

Desde a fundação, as maiores vitórias daquela organização, foram:— a diminuição do índice de criminalidade naquele país e o afastamento por completo de influência política de elementos estranhos à mesma, em questões de nomeações para preenchimentos de cargos e funções policiais.

Graças a essas conquistas é que o F.B.I. progrediu, tornando-se o que é hoje, modelo de eficiência e organização para as entidades congêneres do mundo inteiro.

A evolução histórica de «The Federal Bureau of Investigation» é interessante, vejamos algo sôbre a mesma.

No ano de 1908, por conseguinte 40 anos passados, era fundado nos Estados Unidos da América do Norte o Gabinete Federal de Investigações, que viria a ser, como o é, a organização número um do universo.

Inicialmente, o Gabinete ficou subordinado ao Departamento de Justiça daquele país, do qual ainda faz parte integrante.

Com o decorrer dos anos tomou o F.B.I. as denominações:— «Bureau of Investigation» e «Division of Investigation».

A medida que o tempo avançava e a sociedade norte-americana evoluía, o Gabinete também foi ampliando suas atribuições, completando sua jurisdição na época em que o Congresso dos Estados Unidos aprovou determinadas leis federais, destacando-se entre elas a do lenocínio (tráfego de mulheres) em 1910 e a de furto de veículos motorizados, em 1919.

Tal foi o desenvolvimento e prestígio do F.B.I. que, na atualidade, alguns crimes e contravenções que eram antes da alçada estadual passaram para a esfera federal, cabendo a essa organização policial a prevenção e repressão dos mesmos, indistintamente, em qualquer parte do território ianque.

No ano de 1924, o Gabinete passou por modificações extraordinárias, pois não só foi reorganizado dentro das necessidades policiais daquela época, como ainda foram organizadas as «Working Policies» — (Policías Trabalhadoras), ainda existentes naquele país.

Foi nessa ocasião, também, que o F.B.I. se divorciou da política, aproveitando a oportunidade para selecionar o seu pes-

soal, baseando-se exclusivamente — no princípio, ou melhor, no critério da capacidade e eficiência individual.

Nesse mesmo ano, aquela modelar organização deu um passo de gigante para sua vida futura. Foi a seleção de seus agentes especiais, pois daquela época em diante passou a exigir dos candidatos àquele posto, diploma de escolas de direito reconhecidas, ou diploma de perito-contador.

Em complemento àquelas modificações, logo em seguida, foi criada a Escola Preparatória para Agentes Especiais, em Washington, sem dúvida medida de grande importância para a formação profissional dos componentes daquela organização.

O período áureo, de fama universal de «The Federal Bureau of Investigation» teve início no ano de 1933, quando JOHN EDGAR HOOVER foi nomeado seu diretor. Desde então não tem êle poupado esforços em aperfeiçoar e aparelhar cada vez mais aquela organização; daí ser o chefe dos **G-Men**, considerado, na atualidade, o policial n.º 1 do mundo.

O que contribuiu grandemente para que o F.B.I. progredisse a passos largos, foi como já nos referimos, a eliminação de nomeações para provimentos de cargos policiais dentro de sua organização, por indicação política de pessoas estranhas à mesma.

Foi HOOVER, ainda, quem conseguiu êsse quase que milagre, pois há alguns anos atrás acontecia naquela organização o que acontece na maioria das polícias sul-americanas na atualidade, onde políticos e pessoas influentes, prevalecendo-se de seus cargos e prestígios, não raro nomeam indivíduos incapazes e amorais para cargos e funções policiais.

Os cursos de formação profissional mantidos pelo F.B.I. em sua Escola de Polícia, cuja sede é no próprio Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América do Norte, são os mais eficientes e modelares.

O corpo docente da escola em aprêço, conta com mais de 50 professores e instrutores, além de grande número de peritos criminalísticos.

Entre os vários cursos alí ministrados, destacam-se dois pela sua importância: — um é o que se destina aos novos Agentes Especiais — Curso de Formação Profissional — o outro é o de Aperfeiçoamento e Atualização, destinado aos antigos Agentes Especiais, os quais de 18 em 18 meses retornam a Washington, afim de se colocarem ao par dos novos métodos de repressão criminal.

A seleção dos Agentes Especiais, como dissemos, é rigorosa e dentre os requisitos que o candidato deve preencher

destaca-se os seguintes:— idade de 25 a 35 anos, ser formado em Direito por escolas reconhecidas, devendo, além disso, estar regularmente inscrito na Ordem dos Advogados e ter no mínimo 2 anos de prática da profissão.

São também admitidos na carreira policial, além dos bacharéis em direito, em cargos técnicos, os peritos-contadores que tenham pelo menos 3 anos de prática de contabilidade ou de revisão de contas.

A Escola de Polícia da qual falamos neste trabalho é a famosa Academia Nacional de Polícia do Gabinete Federal de Investigação, em Washington, onde são ministrados a todos os elementos do F.B.I. os mais variados cursos policiais.

Eis aí, em rápidas pinceladas, o que é «The Federal Bureau of Investigation» dos Estados Unidos da América do Norte e porque se tornou êle uma das mais famosas organizações policiais do mundo.

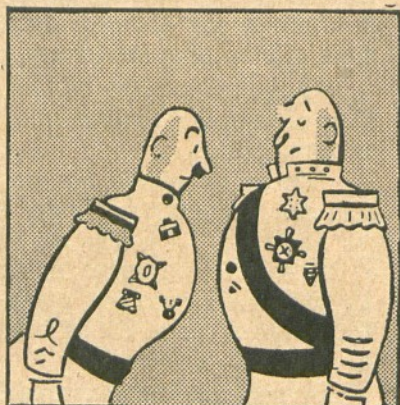
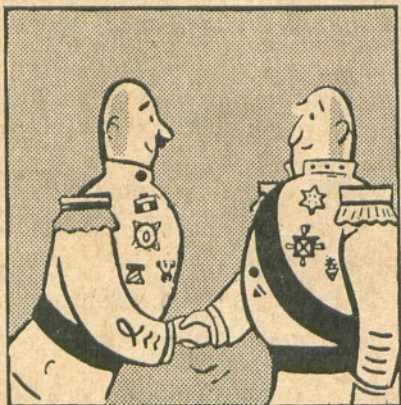


BRINCANDO DE GUERRA

Nas manobras, os recrutas usavam cabos de vassoura à guisa de fuzis, tendo ordens de bradar **bum!** quando dessem um tiro; **bum-bum!** quando usassem a metralhadora; e **zing!** significaria ataque a baioneta.

Um dos recrutas, entrando bem no espírito das singulares manobras, atacou outro num bosque, bradando primeiro **bum!** depois **bum-bum!** e em seguida **zing!** Pediu então à "vítima" que desse o sinal de estar morto, mas o outro respondeu, furioso: "Seu burro, você não me ouviu dizer **tchue-tchuc?** eu sou tanque...".

O cumprimento e o interêsse...



PERSEVERAR É VENCER

Ten. MONTE SERRAT F.º

Acaba de graduar-se pela Faculdade de Odontologia de Ribeirão Preto, um nosso camarada. Fôsse êle do nosso círculo não nos moveríamos a vir, pelas páginas de MILITIA, comentar o acontecimento, de vez que, todos os anos, jovens companheiros são diplomados pelas escolas superiores de São Paulo. Ainda recentemente, colaram grau pela Faculdade de Direito o ten. cel. Benedito Antunes Chaves e os caps. José Arimatéia do Nascimento e Mário Ferrarini, pela Escola Politécnica o 1.º ten. Waldemar de Oliveira Urbano, pela Escola Paulista de Medicina o cap. Paulo de Andrade Correia e pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras o 1.º ten. Alfredo Marchetti.

E tem sido assim todos os anos. Oficiais desejosos de aprimorar seus conhecimentos, alçando-os a plano superior, procuram os bancos universitários, e lá, depois dos afazeres profissionais, no tempo destinado ao descanso e ao convívio da família, a que todos têm direito, entregam-se ao desenvolvimento do espírito e da cultura.

Para nós que vemos nas demais Polícias Militares do Brasil o prolongamento da própria caserna, tem sido motivo de júbilo constatar movimento idêntico entre a oficialidade das co-irmãs. Ainda agora, quando em São Paulo se reúnem acadêmicos de todos os Estados da Federação, em viagem de estudos, prazerosamente encontramos entre êles — que tomam as refeições no Serviço de Subsistência da Fôrça Pública, — oficiais das Polícias Militares da Bahia, de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, do Paraná e do Rio Grande do Sul. Conhecemos, também, de outros Estados, colegas alunos de escolas superiores e que não participaram da excursão à Terra das Bandeiras, talvez impedidos pelos deveres do officio.

Há uma como que vontade comum de aprimoramento e de elevação de nível cultural no seio da grande Família Policial Militar Brasileira.

O recebimento de grau científico ou literário por oficiais nossos tem sido fato habitual de todo fim de ano. E eis porque afir-

mamos não discorreríamos sôbre o evento, caso se tratasse de um colega.

O presente caso merece, no entanto, menção.

Não conhecemos o personagem. Sabemos tão sômente que é soldado do 3.º Batalhão, um "praça velha" com quinze anos de serviços prestados à Corporação.

Na quietude da redação, instalada numa das salas da Biblioteca, Arquivo e Museu da Fôrça, quedamo-nos, por instantes, folheando o imaginário livro histórico da sua vida como policial.

Vemo-lo, então, semi-alfabetizado, garatujando o nome na seção de alistamentos, com aquêlo olhar espantado de paisano que se decide a enfrentar os percalços de uma vida inteiramente nova.

Depois vieram as marchas, instruções, manobras, guardas, policiamentos, prontidões, revistas e desfiles.

As obrigações eram tantas que o pracinha não percebeu passarem os anos.

A idade era um obstáculo ao ingressô na Escola de Oficiais.

O sucesso acenou-lhe doutro campo. Fêz os preparatórios e matriculou-se no ginásio. E nós o vemos em meio aos adolescentes do primeiro ano, envergando a modesta, mas gloriosa farda cáqui, talvez nem recortada.

Seis anos de luta! Seis anos de trabalho à tarde e à noite, para obter a dispensa do expediente da manhã. Seis períodos de férias "gozadas" nas vésperas de exames, grudado nos livros, varando noites em claro.

A primeira etapa, a mais difícil, foi vencida galhardamente. Festa, discurso, diploma, baile.

Quedou-se aturdido, tendo à mão o canudo de papel atado por fita auriverde, sem o qual nem os sábios seriam admitidos numa escola superior brasileira.

Ingresa na Faculdade de Farmácia e Odontologia. Os superiores, reconhecendo-lhe o valor, aumentam-lhe as oportunidades. Passa a trabalhar na enfermaria do Batalhão, como auxiliar de dentista da Unidade. Na boca dos colegas põe em prática a teoria aprendida dos mestres. Atende aos familiares dos companheiros, levando-os à clínica gratuita da Faculdade.

Passa-se o tempo que êle tão bem soube aproveitar.

Conclusão do curso! Colação de grau!

Justa recompensa a nove anos de privações e sacrifícios que mal calculamos para fielmente descrevê-los.

Quinze anos de serviços à Corporação! Parte ponderável da existência, — a mocidade, — deu à nossa Milícia, à qual continua ligado por vínculos muito fortes.

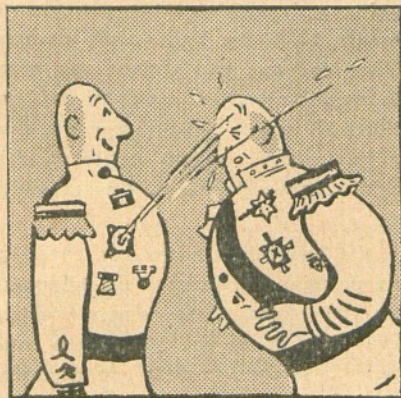
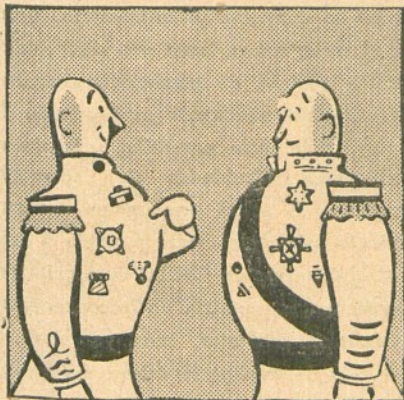
Passamos de relance pelas páginas do livro que narra três lustros de abnegação de um soldado admirável. Nas fôlhas em branco, do futuro, se pudéssemos, escreveríamos suas alterações como tenente do quadro de odontólogos da Fôrça. E o esforçado Clarindo Gonçalves Pereira de Queiroz formaria ao lado do Brisola, ex-sargento enfermeiro, hoje 1.º ten. médico, constituindo ambos o paradigma de quanto pode a vontade, quando aliada à perseverança.



RESOLUÇÃO

O comando da unidade achou que o quartel merecia e exigia novo prédio. Reunido o C.A., após terem falado todos os membros, resolveu-se que seria lançado em ata o seguinte: "Resolve-se que seja construído outro prédio para este quartel; que, em vista da carestia dos materiais de construção, o novo prédio seja construído com o material existente no prédio atual; que, para evitar quaisquer interrupções no funcionamento normal do expediente, o atual edifício continue a ser usado até que fique pronto o futuro prédio".

...pela condecoração.



TRANSPORTES COLETIVOS

É comum dizer-se que o Rio tem de melhor que São Paulo, apenas as belezas naturais. Não é demais arrolar como beleza natural a excelente topografia da cidade guanabarina que lhe permitiu um desenvolvimento urbanístico harmonioso, com as suas consequências benéficas refletindo-se sobre tudo no tráfego. Cidade plana, quase toda pavimentada, sem rampas, dotada de ruas largas e retas, oferecendo ao transporte urbano uma área de tráfego incomparavelmente maior do que a que temos aqui em São Paulo.

Tal conjunto de condições propícias bastaria para justificar a existência de um serviço de transporte urbano, capaz de satisfazer às necessidades mínimas de locomoção do povo carioca. Mas não é o que acontece, a despeito de a livre concorrência manter a exploração do transporte coletivo, dividido entre várias e pequenas empresas privadas, e de vigorar tarifa que alcança até Cr. \$ 3,50 nas linhas mais extensas. O carioca em seus plainos ano nível do mar, transporta-se em condições bem piores do que o paulista aqui em suas colinas, a mais de 800 metros de altitude, com a agravante de pagar muito mais.

Os que sabem disso por experiência própria, comparam e são tolerantes em sua crítica quase sempre construtiva. Mas há os que não podem comparar baseados em dados de experiência própria.

Soubemos de fontes fidedignas que o Prefeito do Distrito Federal, Gen. Ângelo Mendes de Moraes, espírito objetivo, administrador dinâmico, manifestou ao Prefeito desta Capital, Cel. Asdúbal E. da Cunha, a ótima impressão que lhe proporcionou o serviço de transporte urbano que a Companhia Municipal de Transportes Coletivos proporciona ao povo paulista, em confronto com o que é servido ao povo carioca. Sobre tudo no que respeita ao material rodante. S. excia. ficou muito bem impressionado com a grande quantidade de ônibus novos e com a linha de tróleibus recém-criada.

Nós, melhor do que ninguém, conhecemos nossas próprias deficiências nesse setor. Mas, à vista das declarações do ilustre visitante, que é um observador estranho e impessoal, o paulistano, o comerciário, o bancário, o industrial, somos levados a reconsiderar nossa posição de condenação intransigente para adotarmos uma atitude de maior tolerância em relação às nossas próprias dificuldades de locomoção urbana. E assim preparamos um ambiente psicologicamente propício à ação administrativa da CMTC cuja principal preocupação, sempre o reconhecemos, tem sido melhorar, cada vez mais, o serviço de transporte urbano na capital paulista.

UM SÍMBOLO NA ETERNIDADE

Ten. cel. Alfredo Feijó

“Consiste em ser herói em viver justo, e tanto pode ser herói o pobre, como o maior augusto”.

A arte exprime a beleza e a individualidade. A música expressa melodia e harmonia, ritmos e sensibilidades. Ao artista cabe provocar a emoção; ao público, senti-la. Nisto reside a alma criadora, o palpitar do coração.

O compositor traduz pela música os seus sentimentos. A linguagem da música possui existência e intensidade de um poder moralizador. As forças morais e disciplinadoras da música foram atribuídas por Lutero, como uma função social.



(Gentileza de "A GAZETA").

A Rússia comunista, e a Itália e a Alemanha fascistas, parecem ter criado um movimento musical coletivo. Trata-se exa-

tamente de correntes estéticas, que dizem a respeito das forças criadoras da nação.

A vida agitada, pelos seus reflexos, levam o artista à fonte da inspiração. O artista tem necessidade de liberdade, de movimentos livres, para não ser obrigado a desviar o curso subterrâneo da sua riqueza sensitiva. Essa é a razão por que o artista é rebelde e desorganizado.

A inspiração não é, no fundo, senão uma amplificação, uma idealização daquilo que se viu ou se sentiu. A contemplação desperta sensações e sentimentos que mergulham em remotas existências, o sentido dos grandes movimentos. Aquilo que foi criado pelo engenho do artista, está presente, não como reliquia de um inventário, mas como alma do sentimento que empolga àvidamente os vivos meandros da fantasia espiritual. Assim é que a arte, os pensamentos, os velhos sonhos humanos, carecem do artista para viver, e do povo para reviver. Necessitam das paixões, dos desejos, da vontade do homem, para darem formas aos dramas da vida.

O professor Joaquim Antão Fernandes, o mestre das orquestrações sinfônicas de São Paulo, o regente preto das mu-

sas doiradas, na psicologia da formação artista de nossa terra, teve o mesmo papel que a filosofia no transcendente, razão em que se colocam todos os fatos que fogem ao exame do intelecto.

O ritmo pode ir até ao infinito, sem que existam, entre a percepção auditiva e visuais, relações de simetria ou periodicidade. Os ritmos primordiais, pela sua espontaneidade e sua pureza instintiva, são o cunho do gênio. O ritmo é, na sua natureza imaterial e imponderável, a excelência. Sob o aspecto sonoro ou visual, não passa de um fenômeno ondulatório — movimento puro.

Tratando-se de música, verso, canto ou dança — as quatro vias sagradas em que o ritmo se manifesta — um organismo vivo está sempre em jôgo entre êle e o ouvinte ou espectador. Como a sensibilidade, a memória, a consciência, o ritmo é um dos atributos do ser. A própria vida é um ritmo na sua essência. O ritmo é pois um movimento puro de natureza vital. Como a própria vida êle integra em si elementos de natureza simétrica e dinâmica, que têm entre si relações de ordem matemática. Tendo por palco o mundo fenomenal, que impulsio-

nã o mundo emocional, o ritmo se apresenta sob o duplo aspecto de um número que se move e de um movimento que se enumera, neste sentido: dele carece para exprimir nas divisões do tempo e do espaço, e que não se pode representar senão em dimensões mensuráveis — comprimentos de ondas e número de vibrações.

Pela sua manifestação sensível, o ritmo entra, portanto, na categoria dos fenômenos. Desde logo, êle é da alçada da ciência experimental, cujas leis obedece, e dela tira-se a análise que condicionava as manifestações e as sensibilidades da alma justa, dêsse herói pobre que foi em vida, Joaquim Antão Fernandes, mas que a posteridade o coloca na riqueza de um pedestal de marfim, encrustado de louros esplendentes de glória, e cravejado dos diamantes cristalinos da eterna gratidão humana.

* * *

Joaquim Antão Fernandes, o velho major inspector da Banda de Música da Fôrça Pública de São Paulo, na idade de 86, faleceu a 27-VII-49, nesta Capital. Por ocasião do seu sepultamento, foram-lhe prestadas as devidas honras militares. Dois

oradores falaram à beira do seu túmulo.

* * *

Joaquim Antão Fernandes foi filho do fluminense Antônio Rodrigues da Silva e da mineira Maria do Carmo, tendo nascido a 17-I-1864, na cidade de Bataiais, no Estado de S. Paulo. Órfão de pai, ainda criança, aos oito anos de idade passou a frequentar a escola do maestro Caetano. Aos dez anos ingressou na escola do maestro Leonardo, onde iniciou-se na música. Quando terminou o seu «aperfeiçoamento» já era músico. Falecendo sua genitora a 24-VII-1876, foi acolhido por uma sua tia que resolveu entregá-lo ao maestro Leonardo. Na casa do mestre foi sua pessoa aquilo que se pôde chamar «desabafa desgostos». Por qualquer coisa era castigado, e muitas vêzes injustamente. Em casa do maestro Leonardo, além de músico, foi ama sêca.

Aos dezesseis anos, não podendo mais suportar a sua odisséia, transferiu-se para a casa do seu padrinho, coronel Joaquim Alves Costa. Depois de trabalhar na roça e sofrer impostras, foi despedido. Ei-lo agora «senza letto, senza cuna», a caminhar sobraçando sua

trouxa de roupas. Depois de tragar amarguras e de levar vida igual às páginas de um Dos-toiewski, a 31-VII-1888, assentou praça no Corpo de Permanentes do Estado, com destino à Banda de Música. Sendo 2.º sargento, em agosto de 1888, deu baixa do serviço. A 18-X-1892 ingressava no 1.º Batalhão da Fôrça Pública de São Paulo. Em 1894, sendo 1.º sargento combatente, foi transferido para o 5.º Batalhão, e no posto de sargento ajudante graduado, assumiu o lugar de maestro da respectiva banda de música. Organizou, ensaiou e executou, a 15 de novembro de 1895, inédito concêrto, com 208 figuras, no Largo do Palácio, hoje Pátio do Colégio, sendo presente o presidente do Estado o dr. Bernardino de Campos. Êsse concêrto valeu-lhe a graduação de alferes.

Por iniciativa do dr. Eugênio Egas, ensaiou e passou a executar, nas retretas do jardim do Palácio do Govêrno, peças de Beethoven, Wagner e de outros grandes músicos. Ainda por iniciativa do dr. Eugênio Egas, admirador da Banda de Música da Brigada, no comêgo de 1898, foi mandado à Itália pelo dr. Campos Sales, então presidente do Estado. Esteve em Milão,

Florença, Veneza e Roma. Em Florença assistiu ensaios da Banda do 67.º Regimento de Infantaria, da qual era maestro Giuseppe Colucci. Foi discípulo do maestro Antônio Scontrino, professor de contra-ponto da R.A. de Música de Florença. Em Roma freqüentou os ensaios da Banda Municipal, dirigida pelo maestro Vessella.

Em 1899 regressava à Pátria. Por extinção do 5.º Batalhão, foi transferido para o 3.º. Posteriormente, foi encarregado de organizar a Banda da Fôrça Pública do Estado. Assim fêz, dando-lhe os moldes da Banda Municipal de Roma, dividindo-o em duas secções, de 30 homens cada uma.

Na Capital Federal, por ocasião da exposição da Praia Vermelha de 1908, levada a efeito em homenagem à franquia dos portos nacionais, deu vários concertos, sendo um dêles cláássico, com músicas de Bach, Beethoven e Wagner. Nesta ocasião, a Banda da Fôrça Pública de S. Paulo, sob sua regência, venceu o concurso ali realizado, recebendo o maestro Antão, das mãos do grande jornalista Alcindo Guanabara, o prêmio que consistiu numa batuta de marfim.

Entre inumeráveis concertos realizados nesta Capital e no interior do Estado, destaca-se o executado no jardim da Luz em 1909, em favor da estátua de Carlos Gomes, onde apresentou o trabalho de instrumentação do Hino Nacional, com marcha batida, cornetas e tambores, tendo sido plenamente aprovada pela respectiva comissão julgadora, composta dos maestros João Gomes, Francisco Braga, Chiafarelli e Henrique Osvaldo.

A 7 de setembro de 1922, centenário da emancipação política do Brasil, às margens do lendário arroio Ipiranga, alentando com entusiasmo de um herói invicto, os vultos gigantescos da nossa independência, que ali se encontram plasmados no bronze imortal do monumento histórico da Pátria, como a mais fascinante epopéia de um espírito clarividente, regou uma grande orquestração, composta da Banda de Música da Fôrça Pública, de quatro bandas de música do interior do Estado, da banda de clarins do Regimento de Cavalaria (a cavalo), das bandas de cornetas e tambores de várias unidades, de quatro mil escolares e quinhentos soldados, executando, com brilho inexcusável, em homenagem à data, o Hino Nacional Brasileiro, e o

belíssimo poema **O Centenário**, escrito, a seu pedido, pelo maestro Savino de Benedectis, letra de Henrique Macedo.

O caipira de Batatais, o maestro negro, o personagem arrancado de uma página de Máximo Gorki, sentindo o coração palpitar sob a blusa do soldado de S. Paulo, superou, naquele instante memorável, a própria ufania da nacionalidade, fazendo transbordar a poesia que se ouve no sustenido piedoso das mansas águas do épico Ipiranga !

Beleza extraordinária alcançou nessa extraordinária vitória !

Triste eclipse deveria ocorrer em sua vida militar. Em 1924 era reformado, mas sua grandeza artística haveria de brilhar novamente. Assim, em 1930 era revertido à atividade, e em 1932, depois de haver servido à Fôrça Pública durante 50 anos, o velho «jequitibá», sofria as mesmas conseqüências daquele capitão do exército francês, que fôra degradado e remetido para a Ilha do Diabo. Fôra reformado, mas não fôra vencido, pois em 1939, no centenário da fundação da cidade de Batatais — sua terra natal — lá estava a reger várias

bandas de música, e a executar o «Hino a Batatais», de sua autoria e letra do poeta Antônio Nogueira Braga.

* * *

Numa síntese, por si escrita, que me veio às mãos, êsse espírito indomável e batalhador, manifesta:

«Confesso não alimentar rancor aos que procuraram trans-

formar o meu viver. Estou contente com o que pude realizar, embora fôsse impedido de fazer muito mais. Os que foram meus inimigos, declaradamente ou não, tudo faço para esquecer suas ofensas, e aos que me auxiliaram, me iniciaram e me dirigiram para o progresso, rendo o culto da minha mais fervorosa gratidão».

Importadora Pindorama S/A

CASA FUNDADA EM 1924

↳ IMPORTAÇÃO DIRETA

Ferragens — Artigos de caça e pesca — Armas, munições e explosivos
Papéis em geral para embrulho — Sacos vazios novos de juta e algodão para cereais.

AV. TIRADENTES, 184

Tel. 6-6255

End. Telegr.: "PINDORA" — Caixa Postal, 1120 — SAO PAULO - Brasil

"Hum official, a quem a ambição não incita a servir bem, como deve, e que para o fazer he preciso ser constringido, he indigno do seu posto".

(art. 14 — Capitulo VI do regulamento do conde de Lippe).

* * *

O prisioneiro, ao selvagem:

— Tenha compaixão! Estou gripado e posso transmitir-lhe a doença!
— Não se preocupe; para dentro da panela já foi um médico.

* * *

CAFÉ ROCHA — O amigo dos bons paladares

PLURALIDADE DOS MUNDOS

Assunto de delicada penetração e empresa das mais exaustivas, tem sido ainda a investigação contínua que vem sendo feito, há milênios, pelo espaço afora, em busca de um mínimo capaz de nos assegurar sempre, e com maior clareza, a pluralidade dos mundos. E hoje, sem as ameaças da antiga "fogueira", da "roda", do "emparedamento", e de outros tantos meios de involução, podemos abordar êsse velho e interessante problema, que já faz parte da filosofia e da ciência, pois à luz da astronomia de cada planeta do nosso sistema solar, verdades aterradoras sucedem-se ininterruptamente, nos alumando, a cada passo, o caminho das conquistas.

Mesmo assim, quanta dúvida ainda perdura! Quanta reserva e quanto misticismo a cada descoberta! Pois se de um lado a quase totalidade dos homens acredita, por comodismo ou convicção — não importa — nos movimentos reais mas imperceptíveis da Terra, há ainda quem, dentre êles, não aceite, por um dogmatismo religioso ou acanhamento intelectual, talvez, a vida fora dêste nosso mundo caótico. Contudo, sem pretendermos decepcionar quem quer que seja, nem ferir melindres, juntamos aqui a nossa humilde, despretensiosa e fraca opinião sôbre o assunto, fundamentada, porém, em detalhes curiosíssimos, fornecidos por um seletto número de renomados cientistas, que ousadamente se insurgiram, tão seguros estavam da verdade, contra a palavra do "anjo da escola", o maior



teólogo e filósofo da idade média, S. Tomás de Aquino, em sua suma teológica, no capítulo: "Utrum sit Mundus unicus?"

Raciocinemos, então.

A Terra ocupa o terceiro lugar na ordem das distâncias do sol, colocado no centro do sistema, e em redor do qual se movimentam, com velocidades diferentes, os demais planetas: Mercúrio, Venus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Neptuno. Sendo menor que a Terra, e estando mais próximo do sol, Mercúrio recebe, aparentemente, calor e luz sete vêzes mais que a Terra, em superfície igual. Porém, levando-se em conta (e é preciso que se o faça), a constituição física da sua atmosfera, êle recebe calor e luz, duas vêzes, somente, mais do que nós.

As estações e os dias em Mercúrio se alternam, como os da Terra, embora

as primeiras tenham duração menor. Parece-nos, que é de vinte e dois dias, aproximadamente.

A intensidade do pêso na superfície de Mercúrio, comparada à da Terra (1,00), é de 1,15. A queda dos corpos lá se efetua em 5m, 63, no primeiro segundo, para 4m,90 na Terra, e nas mesmas condições. A disposição dos astros se lhe apresenta, igualmente, como a nós aqui.

Venus, cuja astronomia é idêntica à da Terra, surge em segundo lugar. Seu diâmetro é de 0,98 para 1,00 da Terra. A intensidade do pêso é de 0,95. A queda dos corpos lá se efetua em 4m,45, nas mesmas condições estabelecidas para Mercúrio.

Em virtude da inclinação do eixo sobre sua órbita, o clima se torna variadíssimo, ocasionando, como se supõe, uma rara longevidade para os presumíveis seres que o habitem.

As constelações se lhe apresentam da mesma maneira como as que nós vemos daqui.

Marte é um planeta muito semelhante à Terra, em seus pontos mais importantes. Observado à noite, quando está como nós aqui, do mesmo lado do sol, em virtude da sua revolução anual, tem configuração geográfica igual à da Terra: neves nos polos, mares, continentes, montanhas, rios, etc. E as próprias nuvens, como as daqui, gostam de amontoar-se no cimo das cordilheiras.

Suas estações pouco diferem das nossas, em virtude da inclinação de sua órbita no plano de rotação, que é de 28°-42", e de 23°-27" para a Terra. A intensidade do pêso é de 0,40, e a queda dos corpos lá se efetua em 2m, 16, nas condições precedentes.

O mais curioso, porém, é observarmos a pequena diferença na duração dos dias siderais de todos êles, o que lhes dá uma afinidade bem visível. Senão, vejamos: Mercúrio - 24 horas, 5 minutos e 28 segundos; Venus - 23 horas, 21 minutos e 57 segundos; Terra - 23 horas, 56 minutos e 4 segundos, e finalmente Marte, com 24 horas, 39 minutos e 21 segundos.

Interrompemos aqui o nosso comentário. Diante do exposto, embora em linhas gerais, desnecessário se torna, para o fim a que nos propusemos, alongar esta apreciação sobre os demais planetas submetidos à ação deste nosso sol. E ainda à simples vista deste resumo, não nos parece difícil chegarmos, serenamente, à conclusão lógica da vida extra-terrena. E por que não aceitarmos o fato? Por que os planetas habitáveis não possam ser habitados (Galileu)? Acaso somos tão dignos de um exclusivo privilégio, qual seja o de sermos nós os únicos povoadores do universo inteiro? E' bem verdade que a ciência terrena não chegou ainda a positivar a existência de vida nesses planetas, e muito menos nos demais! Mas será que o Onipotente criou todos êsses mundos, alguns bem maiores que a nossa mesquinha Terra, para gáudio, apenas, do *Homo Sapiens*?

Mas há os que acreditam mesmo, embora sem nos dar explicações razoáveis e convincentes, haver Deus criado tanto para o deleite de tão poucos, isto é, tudo ter sido criado para servir, exclusivamente, aos imperfeitos homens da Terra. E que esta é o grande fim da criação.

Que egoistas pretensiosos!

TRILHOS

Ten. Felix Morgado

— Sabe, vou fazer serão hoje. Não poderiam ir ao circo ainda desta vez, pensou Zé Bento que planejava essa distração há dias, imaginando uma porção de coisas para dizer a Julieta, bai-

Já se aproximavam do bairro operário onde morava Julieta. «São João». Entardecia de vagar, como se custasse muito ao sol conseguir uma passagem entre o céu e as elevações longín-



xinho, só para ela ouvir, enquanto esperassem pelo espetáculo. Não contara, porém, com o serão da fábrica de louças.

— Que pena, lastimou-se êle, logo hoje.

quas. «São João» começava além dos trilhos da estrada de ferro, com as suas casas dispostas em ruas mal traçadas, com restos de grama ao longo do centro, onde a garotada fazia o seu bate-bola.

— Você fica por aqui Zé. Papai não gosta.

De fato seu Vitório não gostava mesmo de namoricos e Julieta só conseguia ir ao cinema ou ao Jardim da Estação quando êle se convencia de que seria com suas colegas da fábrica. Antes, porém, fazia uma série de recomendações e ameaças. «Se eu te pilho a bater-perna por aí com algum vagabundo...». Isso seria muito difícil, pois o velho Vitório era paralítico e não dava um passo por conta própria. Por essas e por outras Zé Bento nunca fôra descoberto. Mas Julieta temia, além do pai, a vizinhança, gentinha sedenta de intrigas e de escândalos. Daí não poder Zé Bento ultrapassar os trilhos da estrada de ferro. Estes eram o limite, no espaço e no tempo, do seu convívio diário com Julieta. O trajeto entre a fábrica e os trilhos, pelo fato de não ser longo, impunha-lhe a tortura de dizer muita coisa em pouco tempo. Geralmente nada lhe saía pela boca, ficava tudo na ponta da língua ou vinha aos pedaços, quando êle gaguejava, no esforço supremo de falar seus pensamentos. Caminhava,

então, ao lado de Julieta, a chutar pedrinhas invisíveis, com os olhos cravados no chão, até chegarem aos trilhos.

Zé Bento gostava mesmo de Julieta, ao ponto de pensar em casamento. Muitos dos seus conhecidos tinham namoradas, sem pretensões iguais às dêle, porém. Preferiam que o apetite sexual agisse em lugar do coração, demorando-se pelos cantos mal iluminados, propícios aos beijos e apertões. Mas Zé Bento estava sendo movido por uma boa intenção. Almejava uma casinha, pequena que fôsse, onde moraria com Julieta, depois de casados no cartório e na igreja, sem dúvida. Teriam filhos, não muitos, para quantos bastasse o seu magro ordenado. Sim, somente o seu, pois não permitiria que Julieta continuasse a trabalhar. Ficaria em casa, cuidando dos filhos e da marmita. E o velho Vitório? Concordaria, certamente. Veria nele um marido trabalhador; pobre, mais honesto. Zé Bento, porém, não tivera ainda oportunidade de falar dessas pretensões a Julieta. Por mêdo não. E que ao chegarem aos trilhos poucas palavras mutiladas tinham «pingado» da sua bôca.

Foi pouco depois da Semana Santa que surgiu em cena Durão. Parece que procedia da da capital. Dizia-se bom jogador de futebol, cansado do profissionalismo. Pelo menos tinha ares de zagueiro, corpo, pés grandes, petulância e uma camisa de gola aberta que lhe punha à mostra os pelos do peito. Falava alto e movia a cabeça dum lado para o outro, como se estivesse cabeceando uma bola invisível. Durão ocupou logo lugar de destaque nos comentários esportivos da cidade.

— Já treinou no Esporte Clube. O homem é um «assombro!».

No dia em que o time da cidade venceu o campeonato da zona, Durão foi ovacionado em praça pública. Não lhe regatearam elogios e gordas gratificações. O homem era um espetáculo em campo. Passou a ser o «tal» do Esporte Clube e fiscal da Prefeitura. Até no quadro social do Recreativo foi convidado a ingressar, passando a ser visto em todos os bailes, envergando seus ternos de talhe revolucionador, feitos na capital, diziam.

Nem Julieta (quem diria?) escapou de conhecê-lo de perto. Naquela noite chovera bastante e a rua, lamacenta e escorregadia, estava até perigosa. Julie-

ta caminhava com cuidado, escolhendo os trechos menos alagados, levada mais pelo instinto, pois os postes de iluminação eram muito espaçados e a rua ficava quase às escuras. Já era tarde. «Serão comprido o de hoje», vinha pensando, «estou esbodegada». Foi nesse momento que esbarrou no Durão que regressava duma festa de aniversário. Instante de movimentos desordenados, de indecisão. Quase caíram os dois. Por um triz. Julieta sofreu uns apertões, ela bem que percebeu.

— A senhora me desculpe.

Durão era um tipo insinuante, engraçado, e Julieta não pôde impedir que êle a acompanhasse até os trilhos da estrada de ferro. Permitiu mesmo que a pegasse pelo braço. Permitted? Qual! Êle nada pediu, foi pegando de mansinho, assim como quem quer apenas auxiliar. Julieta nem notou os trilhos e quando se lembrou dêles era tarde. Também, naquela escuridão! Depois precisou fugir. Durão já estava passando da conta.

Disseram uma porção de coisas no ouvido de Zé Bento, coisas de espantar. Não quis dar crédito, relutou, debateu-se, gaguejou. Iria procurar Julieta imediatamente, quanto a isso

não havia dúvida. Pois nesses dias em que estivera doente, sem sair de casa, Julieta fôra vista a bater-perna com o Durão! Intimamente reconheceu que este era um adversário forte demais para êle (o melhor elemento do Esporte Clube!). Havia sangue no Zé Bento, pouco vá lá, mas o bastante para aquecer-lhe a cabeça e levá-lo a atitudes agressivas, perigosas. Por Julieta faria o diabo, se faria!

Decidido assim é que foi esperá-la aquela tarde à porta da fábrica. Mas Julieta passou por êle sem percebê-lo. Zé Bento ficou meio atordoado, marcou passo por uns segundos e depois passou a segui-la, sem coragem de abordá-la para pedir explicações. Ora diminuía, ora aumentava a distância que os separava, ao sabor da sua indecisão. Enfim, ei-lo que dá uns passos apressados, arregala os olhos e...

— Boa tarde, Julieta.

— Ué, ressuscitou?!

Ficou nisso. Os pés de Zé Bento procurando nervosamente pedrinhas invisíveis, até os trilhos implacáveis.

— Você fica por aqui, Zé. Papai não gosta.

— 'té logo.

— 'té logo.

Logo Julieta sumiu numa esquina. A última réstea de sol demorou-se um pouco sobre o bairro e se foi também. Zé Bento deixou-se ficar para cá dos trilhos, abobado, pestanejando nervosamente, como se estivesse prestes a romper num choro histérico. O «pomo-de-Adão» subia e-descia no seu pescoço descarnado. Teve um sobressalto quando uma composição passou por êle como um bólido, apitando desvairadamente.

— 'tá dormindo palhaço, gritou-lhe o guarda-chave.

Aos poucos foi saindo daquele transe e como seu corpo pendesse para um lado seus passos se sucederam nessa direção, levando-o para a cidade, por ruas apinhadas de operários de regresso das fábricas.

Durão e Julieta continuaram em cena. Passaram a ser vistos a miúdo, pelos cantos mais escuros. Alguém chegou a dizer à Julieta que Durão queria aproveitar-se dela, não tinha outra intenção. Um indivíduo da posição dêle iria perder tempo com uma operária! «Ele quer é safadezas». Mas Durão não demonstrava isso. Agia com jeito, com muita arte. Até seu Vitório em pouco tempo foi incluído na conquista, ou melhor

esta chegou até êle, quando Durão, sempre insinuante e perfumado, entrou-lhe pela casa a dentro a rir, como se há muito desejasse ser seu parente, honrando-o com umas palmadinhas nas costas. Não havia dúvida mesmo, o rapaz queria casar.

Mas um dia a coisa estorou. Todo mundo ficou sabendo da trapaga do Durão.

— Sujeito atôa !

Não é que Durão no fim do jôgo do Esporte Clube com o campeão de outra zona, um jô-

go decisivo, deixa Picolé marcar o gôl que derrotou o clube local ! Nem se mexeu em campo. Foi um escândalo. A assistência quis linchá-lo e não fôra a ação imediata da polícia, Durão não sairia vivo do campo.

— Sujeito atôa ! Vendeu-se por um punhado de cruzeiros !

Durão, na verdade, precisava de dinheiro com urgência. Tinha que deixar a cidade naquele mesmo dia. Tomára essa decisão quando Julieta, na noite anterior, lhe revelara, entre soluços, que ia ser mãe.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial . . . 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

Banco do Estado de São Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr. \$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DECONTOS —
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z:

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGENCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES
— RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

A SANTA

Furnarius Rufus

Contam por aí, com visos de verdade, que em priscas eras comandava um batalhão miliciano um velho soldado, crente na sua Corporação e no seu Deus.

Um dia, (grande dia aquele!), o experimentado comandante viu surgir na face mais uma carquilha que marcava «mais um ano de incomensuráveis serviços prestados à Pátria».

Momento azado para a officialidade prestar sincera homenagem ao inconfundível chefe.

— Mas no que consistiria a homenagem ?

Segundo a opinião abalizada do major fiscal, assentou-se que se ofertasse u'a imagem de Nossa Senhora das Candeias, (a devotada do comandante) de ouro de lei e de portentoso tamanho.

Todos, solícitos, assinaram a clássica lista.

O tenente Tiburciano, «homem dotado de raros dotes de oratória» foi o encarregado para, em nome da classe, saudar e entregar o mimo ao homenageado de qualidades morais tão

marcantes, que ao prender um subordinado faltoso no mesmo boletim dava-lhe a cidade por



menagem e, particularmente, fazia preces à sua devotada pedindo-lhe desse juízo àquela ovelha tresmalhada...

Na hora aprazada o êmulo de Demóstenes descarregou no austero chefe um rosário sem fim de adjetivos colhidos no bojo do «Fonseca», transportando-o aos píncaros da glória.

Êste, militarmente, recebia a saudação inesperada.

Depois... a Santa...

Nessa ocasião uma lágrima furtiva bailou nos olhos do brioso soldado.

.....
.....
Mais uma vez a probidade do comandante foi posta à prova e mais uma vez êle demonstrou a integridade do seu caráter.

No dia seguinte o boletim regimental transcrevia o discurso, agradecia e mandava o quartel-mestre carregar no mapa carga da unidade a valiosa dádiva.

Dalí por diante quem folheasse aquele livro encontraria na letra N o seguinte:

— «Nossa Senhora de ouro... 1 (uma)».

Passam os tempos. Os quartéis-mestres foram se sucedendo e sempre na entrega da carga a Santa passava para novas mãos.

Mas a vida já não era a mesma.

Ventilados pelos jornais o povo conhecia e sentia os efeitos de um neologismo: crise.

As cousas estavam se tornando pretas e o vocábulo expediente ia também tendo a sua aceitação.

.....
.....
Uma comissão nomeada pelo «Inspector Geral» inspecionava os Corpos.

Barbas de mólho, baixas ao hospital, etc. ...

No batalhão, origem do nosso conto, a conferência corria mais ou menos sem «nuvens». Alto e pausadamente um oficial lia o mapa e o quartel-mestre ia apresentando o objeto apregoado.

Chega o momento crítico; o oficial lê: «Nossa Senhora de ouro... Uma!».

O quartel-mestre fleumáticamente tira do bolsinho da calça microscópica medalha à guisa da Santa.

Nada de espantar. A coitada, passando por tantas mãos, tinha que sofrer, fatalmente, as conseqüências da lei do atrito...

— O resto, leitor amigo, bem podes imaginar: o último «otário» arcou com as conseqüências, sem ter, quicá, recebido uma aurífera lágrima da milagrosa Santa...

CAXIAS

Maria Aparecida A. Marques

Comemoramos de 19 a 25 de agosto a Semana do insigne general brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva.

O mais notável dos generais brasileiros nasceu no Rio de Janeiro em 25 de agosto de 1803 e morreu na mesma cidade em 1880, na Fazenda Santa Mônica, a 8 de maio.

Aos 5 anos de idade assentaram-lhe praça, e D. João VI, em atenção aos serviços de seu pai e de seu avô, mandou que lhe contassem desde então o tempo de serviço. Aos 15 anos era alferes, cursando com brilho a Academia Militar.

Dedicou-se ao estudo de engenharia, e em 1821 era tenente. Agitavam-se as lutas da Independência; D. Pedro I escolheu-o para ajudante do Batalhão do Imperador, encarregado de marchar sobre a Bahia a fim de repelir as tropas portuguesas que sob o comando do Brigadeiro Inácio Luiz Madeira de Melo não queriam aceitar a Independência do Brasil. Dois anos passados (1825), no posto de capitão, partia para Montevi-

déu, então capital da Província brasileira Cisplatina, incorporada por D. João VI ao Brasil, e



insurrecta por Lavaleja, instigado pela República Argentina.

Durante 4 anos, fêz Lima e Silva esta campanha, distinguindo-se entre os mais distintos oficiais. Mais tarde, quando lhe foi confiado o comando das linhas avançadas em frente a Montevidéu fez proezas nas sor-

tidas de 7 de fevereiro, 5 e 7 de julho, 5 e 7 de agosto de 1827.

Lavaleja tinha um corsário que, no Prata, armado de canhões, impedia que se aproximassem as embarcações que transportavam petrechos e mantimentos para o Exército, saqueando-as e recolhendo o produto do saque, à noite, à retaguarda da linha inimiga. Sendo de vital importância pôr termo àquelas investidas, Luiz Alves, uma noite, à frente de um punhado de homens, atravessou a galope as linhas dos Orientais, caiu inopinadamente sôbre os 50 homens da guarnição, aprisionou-os, apoderou-se da embarcação e regressou incólume. Por estas façanhas foi promovido a major, aos 2 de dezembro de 1828.

Em 1839, foi promovido a coronel e encarregado do govêrno da Província do Maranhão e do comando em chefe das tropas que haviam de operar contra a revolta dos Balaíos.

Em julho de 1841 estava de volta ao Rio de Janeiro, já barão de Caxias.

Derrotou o ditador Oribe, na guerra contra Rosas. Fêz tôda a campanha do Paraguai, vencendo, como chefe das fôrças brasileiras, as batalhas de

Tuiutí, Humaitá, Uruguaiána e outras.

Entrou, em Assunção a 10 de janeiro de 1869.

Marechal, senador, conselheiro, grande do Império, ministro e presidente do Conselho, era dignatário de tôdas as ordens brasileiras, inclusive a Grã Cruz de D. Pedro I, reservada aos Príncipes de sangue.

Luiz Alves de Lima e Silva, o soldado por excelência, é bem o polo magnético norteando, com a fôrça dos seus feitos cívicos, a bússula da vida nacional.

Caxias é um símbolo. Símbolo porque deu ao Brasil o exemplo das mais altas virtudes que se pode exigir de um homem de armas.

Roteiro mais ideal não se podia ter escolhido para exprimir a sua grandeza e o seu heroísmo, do que êste guia que simboliza, com a sua imortal presença, o exemplo dignificante do valor moral do nosso soldado. Busquemos, na têmpera de aço de seu caráter e na inflexibilidade das suas decisões em prol das causas justas, um exemplo a seguir.

Tenhamos o culto de Caxias. Vivo, os soldados o seguiram. Morto, a Nação inteira o segue, como símbolo da nacionalidade.

Virtudes teologais

Prof. Dr. Benedito Vieira da Fonseca

Especial para "MILITIA"

FÉ — Pelos teus postulados, que não apenas confortam e animam, mas reanimam forças e alimentam as chamas para a fogueira do porvir, segue o homem pela vida em fora, na contemplação maravilhosa de teus acenos. E na extensão de seus horizontes, quase infinitos, és profundo e maravilhoso mistério e permites àqueles que têm, a convicção das supremas venturas. Enquanto esmorecimento, e quanta queda, e quanto entrave tu afastas, semeando a semente germinadora para o acaimento de sagradas realizações. Assim, de etapa em etapa, sobrepondo-te a tudo e por tudo te infiltrando, projetas clarões sem contar por entre os corações, conduzindo-os à fortaleza para os novos embates. E porque assim, tantas e tantas têm sido as derrotas que transformaste em maiores e positivas vitórias. E o fizeste graças à

potencialidade do teu invisível mas nunca menos certo valor de crença; êste sublime sentimento que embala os sonhos, suavizando tormentos.

ESPERANÇA — Quê és, maravilhosa virtude, senão admirável bandeira constantemente desfraldada e oscilando sempre ao sôpro de brisas fagueiras? És alento e és carinho, porque afastando-nos do mau da vida, pões-nos de frente com as docuras da mesma vida. Sem ti os *nãos* e os *contras* não se sufocariam, os fatores adversos não se amortalhariam. E porque existes, Esperança, tudo nos são acenos, tudo nos são flôres cuja fragrância nos inebria elevando-nos aos páramos misteriosos do amanhã. E em ti repousam, em bendito sacrário, as centelhas vivificadoras de todos os sonhos, quer os de olhos abertos para as ingratidões da terra, que sempre se prima pelo

egoismo do homem, quer os sonhados na ausência da razão, e nos quais imperam os mistérios da Ciência, ainda réles infusório perante tôdas as verdades. Esperança, tu és o único reativo no laboratório das ilusões, e o possuir-te no escrínio do peito é ter o patrimônio compensador dos desgastes que as provações produzem na carcassa humana.

CARIDADE — Sacrossanta emanção dos sentimentos, é em ti que se alicerçam os pendores da bondade, pondo a opulência a serviço da miséria, e elevando o coração do homem à doçura de haver-te praticado.

E por ti, caridade, vive um mundo ao serviço de outro mundo, e postulando pelo prazer dignificante de amainar tormentos, senão matar e mitigar sêdes.

A pobreza humana, e que ras-teja pelo solo de sua desdita, enlameada de desventuras, tem o bálsamo que consola, e que mitiga queixumes, quando tu, esplendorosa, partes de um gesto filantrópico, transformando prantos em sorrisos.

E no ansêio de ti, porque em ruínas e desalentos, gemendo e chorando, vive todo um povo, parcela da imensa família humana, porque és caridade e te consubstancias no agasalho às carnes desnudas, e nas luzes às

trevas, e no calor ao frio, e no pão à fome, e na água à sede, e no prazer ao sofrimento, e no remédio às chagas, e na ventura à desdita.

FÊ, ESPERANÇA E CARIDADE — Na culminância de minhas percepções, e quase feliz sôbre as águas ençapeladas em que navega o barco de minhas ilusões, sinto que vos fizestes leme e bússola nortean-tes para a jornada a que aspiro, e que realizarei por certo, se Deus, nos Seus supremos desígnios, não determinar em contrário.

Pela Fê, que é convicção irremovível e que impulsiona a avan-ça que conduz às metas desejadas, hei de manter crepitante o fogo que aquece e impede esmorecimentos.

Pela Esperança, que é firmeza e recrudesce todos os sonhos, conduzindo-nos para os acenos do porvir, hei de dirigir o leme que nos conduz aos portos em que abicam os barcos da felicidade.

Pela Caridade, que é a essên-cia de nossos atos, alegrando-nos e confortando-nos pelo que de melhor realizamos, hei de ser bom para comigo mesmo, sendo-o também para com os nos-sos semelhantes, e aos quais a fortuna fôra ávara e os aquens

se patentearam pela prodigalidade do adverso.

Fé, Esperança e Caridade !
Sois a tríade que encerra o mais perfeito dos conjuntos e pelo qual o homem esmoita imperfeições, apara as aréostas das construções da vida, ascende

em forças, aeroplana na imensidade das conjecturas, traça diretrizes, promove generosidades e sublima a sua própria dor.

E eu tenho Fé.

E eu tenho Esperança.

E eu confio na Caridade.

* * *

Capitão Dr. José Nogueira Sampaio

ADVOGADO

* * *

Rua Barão de Itapetininga n.º 50 — 7.º andar, salas 725 a
729 — Telefones 6-6216 e 4-4210

SÃO PAULO



— Seu guarda, assim e ntrará
mais luz..

(La Tribuna Illustrata, Roma)

A ETIMOLOGIA DE “LARAPIO”

Muita gente chama a um gatuno vulgar um larápíio, mas geralmente todos desconhecem de onde vem o nome. Pois vem de que em Roma existia um pretor chamado Lucius Antonius Ruffus Appius, que se assassinava L. A. R. Appius, habitualmente.

Acontecia que o referido pretor era venal, sem escrúpulos, o que deu lugar a que se chamasse aos como êle “larappius”, dando isso o nosso popular “larápíio”.

Se não é verdade... é bem achado.





Ao amanhecer

FLÁVIA MARIA DA ROCHA

Fômos os dois à praia adormecida,
Para ver o raiar do sol nascente.
O céu estava em braza lá no oriente,
O mar cantava uma canção dorida !

Ao longe, um fumo branco em despedida.
Gaivotas baloiçando docemente
Por sôbre a onda crêspa, efervescente,
Que morria na areia umidecida !

Olhamo-nos calados, num espasmo.
Nossas bôcas se uniram. Nesse instante,
Tudo em volta quedou-se num marasmo.

Pensei então sentindo o teu calor:
Nada mais belo do que um beijo amante !
Nada mais forte do que o nosso amor !

NOTICÁRIO

Solenidades comemorativas da epopéia de 32

Na capa e contra-capla dêste número, MILITIA publica clichês alusivos à data:

- na capa: alegoria ao Grande Movimento;
- na contra-capla: ao alto, um aspecto da Sessão Cívica, frente ao Municipal; ao centro, um apanhado da Marcha Luminosa da Fôrça Pública; em baixo, flagrante do desfile dos Mutilados e Veteranos de 32.

A marcha luminosa da Fôrça Pública

Mais um vez o povo paulista veio às ruas para comemorar vibrantemente a data da eclosão do movimento constitucionalista. As comemorações estenderam-se por todo o dia 9, desde as primeiras horas da manhã, culminando com a magnífica marcha luminosa, que a Fôrça Pública levou a efeito às 20 horas, num espetáculo que o povo não se cansou de aplaudir. São Paulo inteiro esteve presente às demonstrações de reconhecimento e de saudade prestadas àqueles que nas trincheiras expuseram suas vidas em prol da reconstitucionalização da

Pátria. Entre tôdas as festas realizadas devemos destacar, pela sua imponência, a Marcha Luminosa, e a solenidade realizada na escadaria do Teatro Municipal, pela Associação dos Ex-Combatentes de São Paulo. Eram 20 hs. quando, passando sob o original arco luminoso construído pelo Corpo de Bombeiros com duas escadas "Magirus", aproximou-se grande contingente de ex-combatentes que veio colocar-se ao lado das autoridades já postadas na escadaria do Municipal, isso sob calorosas manifestações da massa popular.

Abaixo: os alunos oficiais da F.P. abrilhantam a marcha luminosa.



Dá-se, em seguida, o início da Marcha Luminosa. 4.000 mil homens, empunhando lanternas, sob o comando do ten. cel. Guilherme Ro-

chá, desfilaram perante as autoridades oferecendo ao paulistano, que não regateou aplausos, espetáculo de rara belesa.

Sessão cívica

Terminado o desfile da tropa iniciou-se a sessão cívica prevista, falando inicialmente o representante da Associação dos Ex-Combatentes, que, precedido de um toque de clarim, fez a chamada simbólica dos heróis que tomaram em 32, ao que o povo respondia "presente!" Falou em seguida o padre José de Alencar, capelão das tropas constitucionistas. Seguiu-se na tribuna popular o acadêmico Araripe Serpa, e após as palavras do sr. João Eduardo Fernandes, todas rememorando episódios da luta de S. Paulo pela reconstitucionalização do Brasil, falou,

encerrando a solenidade, o governador Ademar de Barros. Referiu-se s.excia. ao sacrifício dos paulistas que lutaram pela volta do Brasil ao regime da lei, tecendo longas considerações em torno do que foi o movimento de 1932.

Terminados os discursos, foi o povo convidado a participar, no Teatro Municipal, de uma sessão artística, que teve a presença de grande assistência, ficando literalmente tomadas as suas dependências. A Banda Sinfônica da Fôrça Pública executou escolhido programa, sendo bastante aplaudida.

Monumento aos heróis de 32

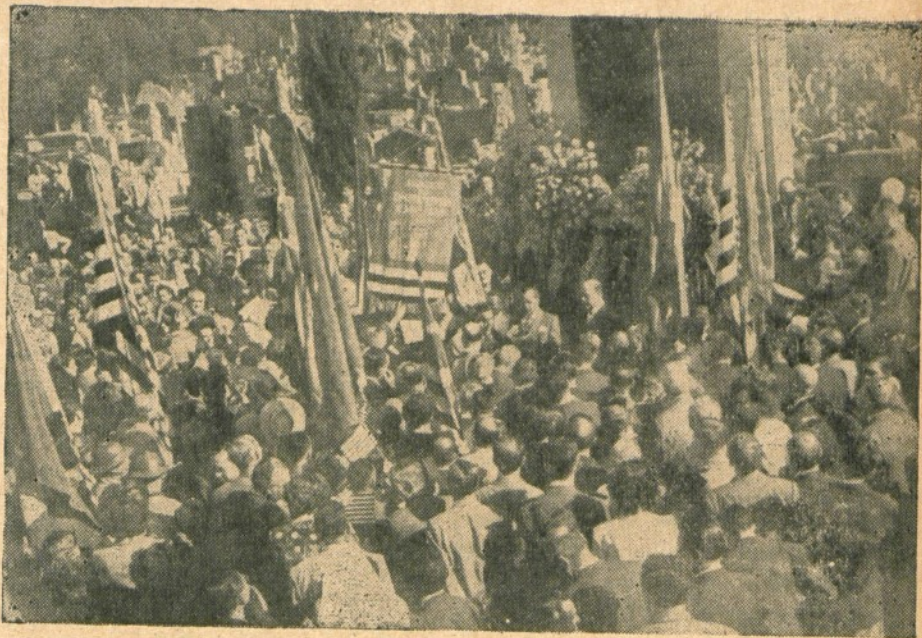
As 17 horas, no Parque Ibirapuera, foi lançada a pedra fundamental do monumento aos mortos de 32. Estiveram presentes o Governador do Estado, altas autoridades e grande número de pessoas. Discursou o prof. Ernesto Leme, o qual ressaltou a significação da data de 9 de Julho, historiou longamente as

lutas e sacrifícios dos paulistas pela volta do Brasil ao regime constitucional e congratulou-se com a Câmara Municipal pela decisão de se erigir o monumento. Falaram ainda o sr. Prefeito Municipal, e o representante da Câmara Municipal. A pedra fundamental foi lançada pelo prof. Benedito Montenegro.

General Júlio Marcondes Salgado

Dia 23 de Julho, aniversário da morte do general paulista, a Fôrça Pública compareceu ao Cemitério São Paulo para prestar-lhe, como vem fazendo todos os anos, justo preito de saudade e gratidão. Além do representante do sr. Governador do Estado, estiveram presentes os

coronéis Eleuthério Brum Ferlich, Odilon Aquino de Oliveira, comandante e chefe do Estado Maior da Fôrça, representantes de altas autoridades civis, da Região e da Zona Aérea, da Associação dos Ex-Combatentes, do Clube Piratininga, da



No cemitério S. Paulo, povo e forças armadas prestam homenagem aos heróis de 32, e seu grande comandante, Gen. Salgado.

Federação dos Voluntários de 32, e delegações de soldados, cabos, sargentos e oficiais da milícia paulista. Discursou em nome da Força Pública o 1.º tenente Sebastião Rufino Freire, que teve ocasião de se reportar à brilhante ação do general Marcondes Salgado, como comandante da Corporação bandeirante, até o dia em que foi escolhido para dar a mais custosa contribuição para a causa que abraçara com o povo.

Falando por si mesma, apresentamos a oração do ten. Rufino:

Estamos, ante um quadro, que além de traduzir fase ímpar da História de Piratininga, rememora saudoso filho saído das fileiras da Centenária Milícia paulista. A homenagem que agora prestamos nesta necrópole da saudade, é,

portanto, um preito de profunda e sincera amizade da presente geração ao saudoso General JÚLIO MARCONDES SALGADO e ao seu companheiro, falecido na mesma ocasião, Major JOSÉ MARCELINO DA FONSECA.

Há quem diga e com justificada razão que o silêncio é, certas vezes, eloqüente. O conceito que se formula nesta sentença, nos permite dar uma interpretação bem exata do acontecimento que motivou tal solenidade. Cumpre-nos notar que a sabedoria destas palavras está, primariamente, em nos fazer sentir que, na sua impressionante mudez, e falando eloqüentemente através do silêncio deste tumulto heróico, encerra-se hoje uma existência, toda ela crivada de virtudes e de ação, e uma personalidade que constitui indiscutível

estímulo para a atual geração de oficiais, e indiscutível exemplo para todos que militam nas fileiras da gloriosa Corporação.

Na galeria de nossos antepassados ilustres, avulta o inesquecível e bravo General, tão caro ao coração e à lembrança de todos os paulistas, e por que não, de grande parte de patrícios seus, os quais não desconhecem a sua vida e as passagens marcantes de uma carreira tóda devotada ao engrandecimento da Fôrça Pública, o que vale dizer, de São Paulo e do Brasil.

23 de julho de cada ano, e a reunião que ora se realiza, só poderá ser estranha aos eternos indiferentes e aos que não têm o dom de reviver em seus heróis, a nobreza de sua gente. Particularmente para a Fôrça Pública e de modo especial, para os paulistas, êste dia tem expressão e sentido equivalente aos de uma data nacional.

Senhores:

Era intenção do orador recorrer à História, desfiando um rosário de fatos relevantes da vida de Marcondes Salgado, com o objetivo de salientar, em côres vivas e testemunhos justos e fiéis, as passagens de maior brilho que assinalaram a vida e a figura do nosso herói. Como amigo, por índole e formação, da verdade histórica, teríamos a feliz oportunidade de apenas nos cingirmos, sem devaneios e coloridos supérfluos, ao exame exclusivo de sua personalidade. Todavia verifiquei que anualmente a história tem sido aqui reproduzida, de forma brilhante, e assim me pareceu mais adequado e oportuno apelar à embora falaz inspiração, certo de vossa absoluta tolerância, dando roupagem mais nova à epopéia invulgar de Piratininga.

Não deve ser levado à conta de exagêro afirmar-se que 23 de maio, 9 de julho e o dia de hoje, assinalam acontecimento de suma revelância e que jamais hão de apagar-se da lembrança e da gratidão de todos. Nesses três vértices cronológicos está contido todo um simbolismo histórico tendo no inesquecível mártir Constitucionalista, o protótipo ou o marco inicial de uma nova geração de bandeirantes.

A 23 de maio de 1932, o então tenente coronel Júlio Marcondes Salgado, dois dias depois promovido a coronel, assumiu o Comando da Fôrça Pública. Com êste ato do Govêrno do Estado, ficou a Corporação com o Chefe que, por suas qualidades de inteligência e capacidade de comando, já anteriormente postas a prova, em circunstâncias não menos difíceis, a levaria a grandes destinos. Aí estava o líder de uma geração de bravos, disposto aos maiores sacrifícios pêla sua terra. Não é passível de estranheza se porventura houvesse até um exacerbado regionalismo de sua parte e de seus companheiros de luta, pois é conceito firmado que o lar, a família, a escola, a vila, a cidade, a metrópole, unificados, formam a Nação ou a Pátria Comum.

Marcondes Salgado foi o Chefe para os grandes momentos e, em face da causa que defendia, soube dar provas de firmeza impressionante. Os fatos aí estão, não obstante os 17 anos já decorridos, a atestar o elevado sentido de brasilidade e o espírito de desprendimento que fêz São Paulo "LEVANTAR-SE COMO UM SÓ HOMEM", com o objetivo de reivindicar uma Constituição para o País, e restaurar o regime da ordem e da lei em nossa Pátria.

23 de julho assinala, pois, o ponto culminante da causa Constitucionalista

de 32, com o sacrifício de um dos seus defensores. Entretanto, jamais se arrefeceu o ânimo dos paulistas, que na defesa das instituições republicanas têm sido legítimos baluartes. Em tôdas as épocas, quais novos Marcondes Salgado, estão êles, como os demais irmãos patrióticos, na estacada para preservação da Nacionalidade. Há 17 anos, o novo bandeirismo paulista se mantém, não

mais nas frentes de combate, nos pontos sensíveis do território do Estado, mas, qual lâmpada votiva, aqui se plantou nessa trincheira simbólica que é o túmulo de Marcondes Salgado, num perene compromisso com a Pátria, de que estará sempre alerta na qualidade de guardiã intemerata da Constituição e dos princípios basilares da Federação Brasileira.

}}}

Entrega de espadas aos aspirantes de 1949

Teve lugar no Centro de Instrução Militar, no dia 6 de agosto, a cerimônia de entrega de espadas aos novos aspirantes a oficial da nossa Fôrça Pública. Ao ato compareceram os srs. dr. Ademar de Barros, Governador do Estado, que se fêz acompanhar de sua exma. sra. Da. Leonor Mendes de Barros, general Henrique B. D. Teixeira Lott, Cmt. da II R.M., cel. Eleuthério Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça Pública, cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior, cmts. de Corpos e chefes de Serviços, representantes de autoridades civis e militares, além de grande número de convidados.

Abrindo a cerimônia, o 1.º ten. Sérgio Rodrigues Caldas leu o Boletim Especial que, entre cousas, dizia: "Camaradas, a Fôrça Pública, nestes últimos anos, vem indelêvelmente aumentando as páginas de sua história, tôda dedicada ao serviço de São Paulo e do Brasil, com transformações que só mesmo decisões acertadas, como foram as do exmo. sr. Governador, poderiam decretar medidas por nós tão desejadas. Nós que presenciámos esta ver-

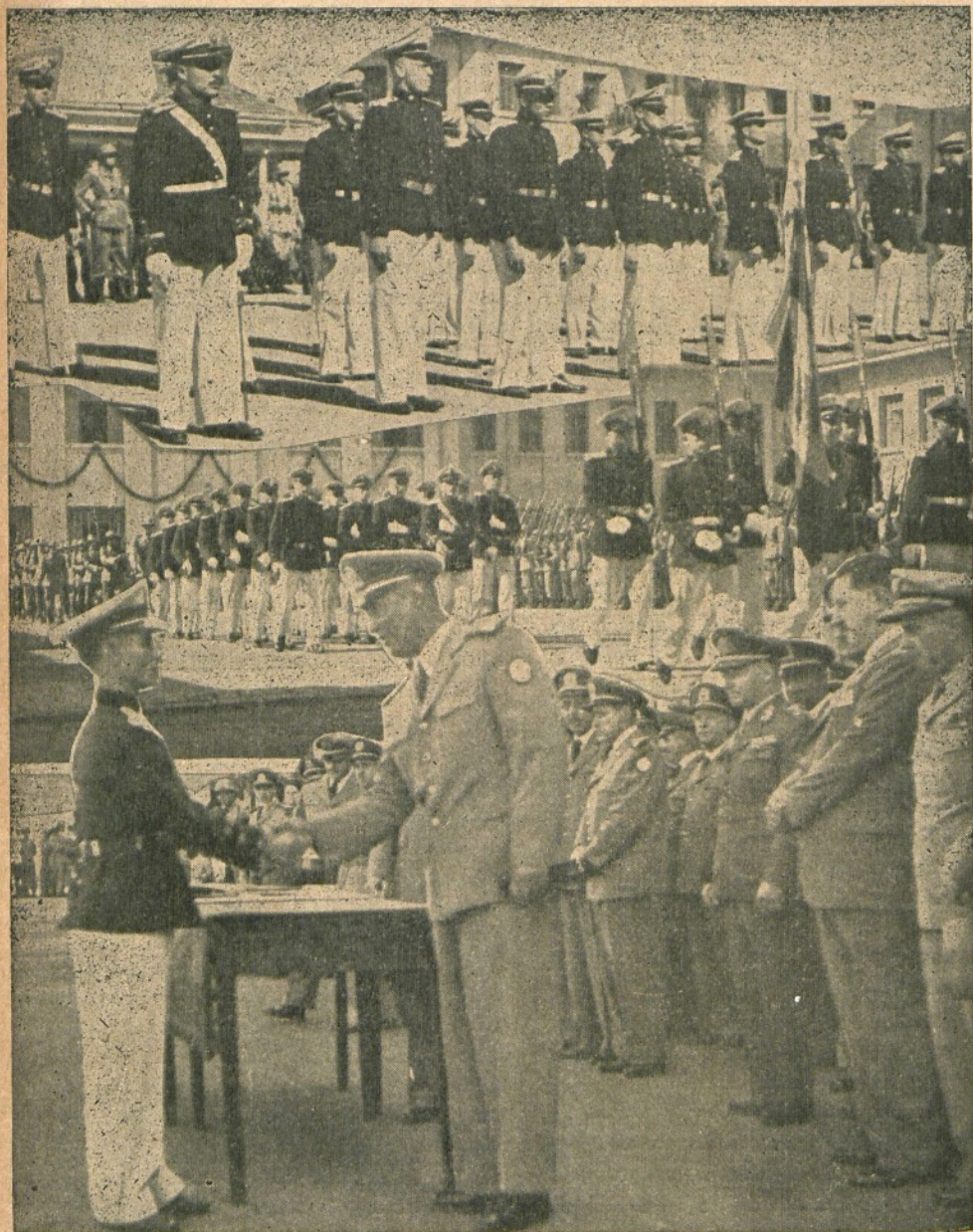
dadeira renascença da Fôrça Pública, precisamos corresponder à expectativa do ato governamental".

A seguir, foi feita a entrega das espadas aos novos aspirantes, realizando-se depois o juramento à Bandeira e desfile perante as altas autoridades. Um coquetel foi servido a todos os presentes.

Foram considerados aspirantes a oficial, de acôrdo com o R.C.I.M.: Alcides Lelis Moreira, José Augusto Resende, João Viana Júnior, José Fernandes, Valdomiro de Abreu, Odwaldo Silva, Antônio Mendes, Pedro Marcondes, Nelson Trancheski, Osvaldo de Oliveira Leite, Nelson Monteiro, Henrique Nogueira, Valter Lara, João Máximo de Carvalho Neto, Alberto Fernandes da Silva, Sinésio de Oliveira, Jatyr de Souza, Almir Ribeiro Gomes e José Leite Barbosa.

Da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso: Domingos Santana de Miranda, Benedito de Campos Couto e Paulo Xavier.

No dia 8, na Igreja da Consolação, teve lugar a solenidade da bênção das espadas dos novos aspirantes.



Ao alto: os novos Aspirantes, quando se aprestavam para o juramento à Bandeira; no centro, aspecto do desfile em homenagem às autoridades; em baixo, o asp. Antônio Mendes, quando, após o recebimento da espada, era cumprimentado pelo Comando do 5.º B.C.



Bênção de espadas, na igreja da Consolação: ao alto, os aspirantes e respectivas madrinhas quando se dirigiam ao altar; em baixo, de joelhos, o asp. Domingos Santana de Miranda, da P.M. de Mato Grosso, quando do ato solene.

* * *

Novos sargentos para a Fôrça Pública

No dia 6 de agosto, no Centro de Instrução Militar, realizou-se a cerimônia da conclusão de curso de mais uma turma de sargentos da nossa Fôrça Pública. A solenidade, seguiu-se à declaração de aspirantes, a que nos referimos retro.

Após o desfile dos aspirantes, desfilaram os novos sargentos perante as autoridades presentes.

Eis os nomes dos novos sargentos, por ordem de classificação: Dervile

Germano, Salomão G. Rocha Júnior, Antenor Coelho Amorim, Dimas Virgolino Freire, José de Oliveira, Paulo Tavares Muniz, Patrício Genaro Monteiro, Orlando Diniz Avelar, Paulo Miquilini, Faustino Antônio Lourenço, João Antônio dos Santos, Domingos de Oliveira; Sebastião Moreno, Juvêncio Bertolino Rodrigues, José de Barros Guimarães, Antônio Vitorino da Silva, Antônio Gualberto de Moura, José Antônio Pinho, Antônio Magalhães de Lima, Eu-



Ao alto: chegada de s. excia. o Governador do Estado e exma. esposa e aspecto da assistência que compareceu às solenidades.

Em baixo: a nova turma de sargentos e um flagrante do coquetel que lhes foi oferecido pelo C.S.S., em sua sede social.

rípedes Gomes da Conceição, Lindolfo Rodrigues dos Santos, José Pontes de Souza, Josias Cavalcanti Sena, José Clementino Nascimento, José Ramos, Clementino Nunes da Silva, Dimas de Melo Corrêa, Antônio Ferreira de Souza, Mário Mendes Pedroso, Antônio Antonino de Souza, Onofre Pinto da Silva, Ivo Lunardi, Diácio Pimentel, Antônio Florêncio da Silva, Dumont de Alencar, Luiz Cândido de Albuquerque, Manoel Domingos O. Santos, Júlio de Oliveira, Otávio de Paula Sales, Arlindo Camargo, Paulo Cardoso dos Santos, José Joaquim de Andrade, Orlando Ildefonso da Silva, Domingos Batista de Paula, Benedito Torr Bozano, José Luiz Pereira, Hugo Gregório, Manoel Nogueira, João Batista de Araujo, Miguel Prado, Jorge Artur Lima, Milton Silvério, Antônio B. H. Cavalcanti, Osvaldo Batista, Osvaldo Pereira da Costa, João dos Santos, Carlos Estevam dos Mares, José Ribeiro de Souza, Geraldo Pinheiro Bispo, Ernesto Caetano de Souza, Osvaldo Fiori, Enoch Rodrigues Moura, Edmar Meira de Queiroz, Fran-

cisco Crispim de Oliveira, Carlos de Castro, Carlos Antunes, José Domingos de Abreu, José Inácio dos Santos, João Alves Cordeiro, Landovir Corrêa Dias, Abécio Garcia de Oliveira, João de Oliveira, Anselmo Matosinho, Elí Bernardino de Oliveira, Magno Rafael de Siqueira; Alcides Cubas de Miranda, Venâncio Mendes Barbosa, João Martins, Lídio Santana Costa, Nelson Lopes de Oliveira, Manoel de Freitas, Clemente do Nascimento, Luiz da Cruz Morais e João Alexandre Ribeiro.

Após a cerimônia realizada no C.I.M., o Centro Social dos Sargentos ofereceu aos recém-formados, em sua sede, um coquetel. Homenagem essencialmente íntima, contou com a presença do sr. cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do Estado Maior da Fôrça Pública, além de um grande número de sócios daquela entidade. Apresentando os cumprimentos do Centro aos que acabavam de ingressar no círculo dos sargentos, proferiu o sub-tenente Ezequiel Corrêa de Oliveira um formoso improviso.

}}}

O festival de Lydia Bastiani

LYDIA BASTIANI — a loirinha folclorista — bastante conhecida dos radiouvintes nacionais através de sua atuação firme nos microfones cariocas, ofereceu o seu concurso artístico para um festival em benefício de nossa Colônia de Férias.

Assim, tivemos o ensejo de vê-la e ouvi-la no noite de 8 de agosto no Teatro Municipal, desenvolvendo um programa misturado de coisas da nossa gente e da alma de outras terras.

Artista inconfundível que se impõe pelo dedilhar seguro de seu violão, pela maneira emotiva com que interpreta as canções, deu-nos momentos cheios de encantamento e beleza.

A brejeirice das canções do nosso povo, as arremetidas da música de Agustín Lara, ou ainda a graciosidade das canções italianas, têm em Lydia Bastiani a sua intérprete perfeita.

A noitada de arte que nos proporcionou foi mais um sucesso marcante em sua carreira artística.



Ao alto, a chegada de Lydia Bastiani, em companhia de membros de sua família, vendo-se o cap. Milton Marques de Oliveira, da diretoria do Clube Militar, representando o seu presidente e o cap. Francisco Vieira da Fonseca, representante de "Militia".

Ao centro, parte da assistência ao festival.

Em baixo, a folclorista acompanhada de sua progenitora, ao descer do avião que a trouxe da Capital Federal; e um flagrante da execução de um dos seus números, entre as corbelhas que lhe foram oferecidas.



Ao alto, a Banda Sinfônica da Fôrça Pública sob a direção do maestro cap. Antônio Romeu, abrindo o festival.

Em baixo, parte da assistência.

Em seu festival tivemos o concurso de nossa Banda Sinfônica que procedeu à sua abertura e encerramento, sob a batuta brilhante do cap. Antônio Romeu. O nosso grande regente foi vivamente aplaudido na execução de seus números, não podendo deixar de bisar a sinfonia "Guilherme Tell", de Rossini, em vista dos calorosos aplausos que recebeu da assistência.

LYDIA BASTIANI nasceu no Rio de Janeiro, descendendo de músicos.

Seu avô paterno, o maestro Júlio Bastiani, foi um dos fundadores do Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo. Desde menina dedicou-se à música. Veio o primeiro recital. E, pelo sucesso alcançado e pelo incentivo de seus professores, a família permitiu-lhe a expansão artística: De festival em festival chegou ao rádio, a aí, através das ondas da Rádio Nacional o seu prestígio se firmou. Chamada pelo cinema nacional, fêz parte do elenco de

"Mãe", onde desempenhou o papel de "Vanda". O teatro também a conquistou e, em diversas companhias, faz os seus números de folclore.

O programa foi o seguinte:

Abertura pela Banda Sinfônica da Fôrça Pública, executando *Freischutz*, de C. M. Weber.

Em seguida, Lydia Bastiani, acompanhando-se ao violão, cantou *Leilão* de Hekel Tavares; *Quando uma flor desabrocha*, de Francisco Mignone; *Sevilla*, de Agustin Lara; *Mangaba*, de Myrthes do Vale; *Vestidinho Novo*, de Joubert de Carvalho; *Singnorinella*, de Li-

bero Bovio e N. Valente, concluindo assim a 1.^a parte.

A segunda parte foi preenchida com *Saracura*, de Myrthes do Vale; *Prenda Minha*, harmonização de Ubiratã; *Firenze Sogna*, de Cesar Cesarini; *Querer bem não é pecado*, de Osvaldo de Souza; *Uirapurú*, de Valdemar Henrique e *Novillero*, de Maria Tereza Lara.

A gentil cancionista foi delirantemente aplaudida, sendo bisados muitos dos seus números, tal a exigência dos que ali foram para vê-la e ouvi-la.

Terminou o espetáculo com a execução, pela Banda Sinfônica da Fôrça, da Sinfonia do *Guarany*, de Carlos Gomes, e *Guilherme Tell*, de Rossini.

* * *

○ 4.º B. C. festejou seu 48.º aniversário

Programa das comemorações — Colaboração das Escola de Educação Física e do Regimento de Cavalaria — Recepções sociais e outras notas. Com o convite honroso que o 4.º B. C. distinguiu nossa revista, designamos o redator-secretário de MILITIA para representar-nos nas festividades em aprêço. As solenidades tiveram o seu brilho acrescido, uma vez que foram entrosadas na semana comemorativa do 53.º aniversário de Bauru.

Dia 6, às 8 horas, estando a tropa formada no pátio, presentes os oficiais do Corpo, o prefeito municipal, dr. Otávio Pinheiro Brisola, dr. Luiz de Oliveira Lima, delegado regional de polícia, ten. cel. Armando Lima Carvalho, chefe da 6.ª C.R. e oficiais seus subordinados, dr. Miguel Marques de Sousa, representante do cel. Lima de Figueiredo, diretor de Estrada de Ferro Noroeste, dr. Lourival Gomes da Silva, promotor público, sr. Manoel Almeida Brandão, representante do vice-cônsul português, Pe. Pedro Dangenauts, Paulino Rafael, diretor da Folha do Povo, sr. Bevilacqua, presidente do Aéreo Clube de Baurú, sr. Odair

Cham, vereador municipal e representante do Sindicato dos motoristas, dr. Osório de Freitas, sr. Sinibaldi Gerbasi, e outros convidados cujos nomes nos escaparam, deu-se início ao programa com a leitura do Boletim Comemorativo, pelo cap. Plínio Rolim de Moura. Em seguida, deu-se cumprimento ao programa a cargo dos atletas da Escola de Educação Física da Fôrça, comandados pelo capitão Adauto Fernandes de Andrade, os quais foram calorosamente aplaudidos em todos os números, a saber:

— demonstração de esgrima de conjunto pelos mestres d'armas;

- assalto de florete, sabre e espada;
- ginástica de aparelho e de solo;
- paralelas, banco e força conjugada;
- demonstração de combate a baioneta (cap. Adauto e sgt. Ezequiel);
- demonstração de Jiu-Jitsu (tens. Vilela e Ademar);

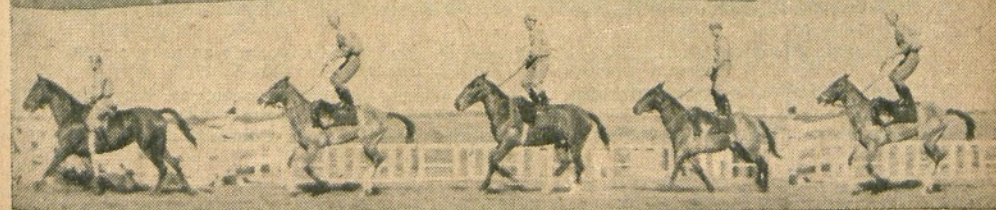
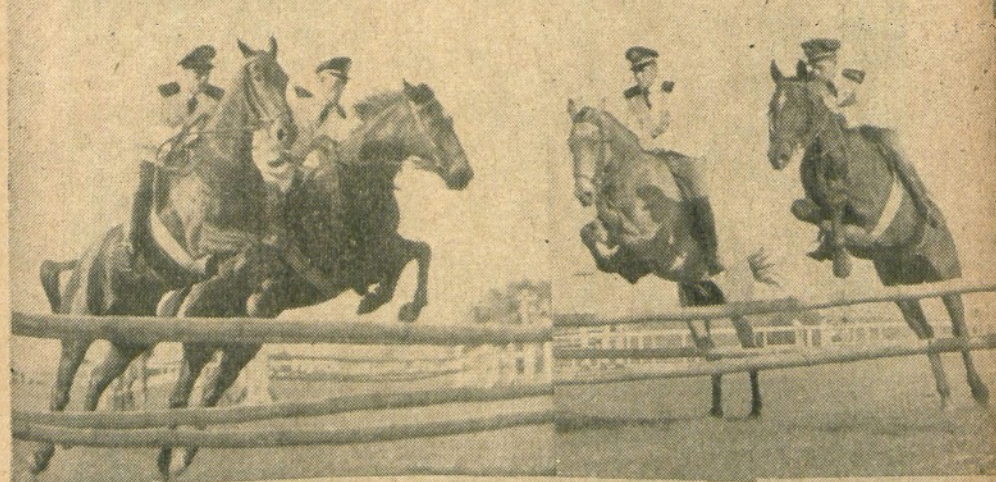
— Bailado Joinville-le-Pont (corpo de atletas).

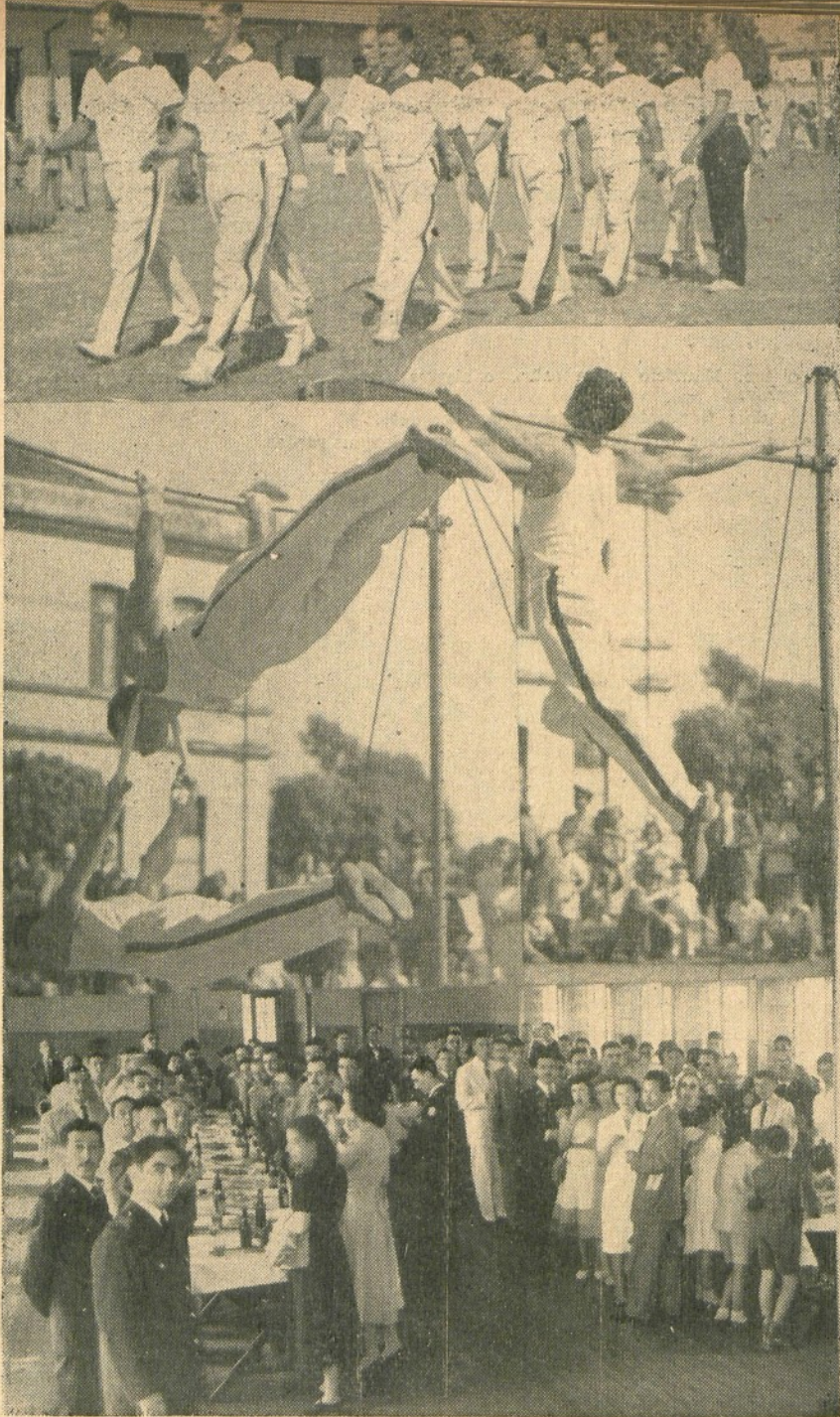
Terminadas as demonstrações esportivas, dirigiram-se os presentes para a sala de estar dos soldados e cabos do Batalhão, instituída pelo ten. cel. Benedito Antunes Chaves, espírito moderno e sempre preocupado com a sorte dos que servem sob o seu comando.

Ao alto, o ten. Maurício num salto, e alguns cavaleiros que tomaram parte nas provas.

No centro: dois flagrantemente de saltos em conjunto.

Em baixo: a Escola de Voltelino, numa de suas demonstrações.





Ao alto: monitores da E.E.F., sob a direção do cap. Aduato, quando se preparavam para a execução do bailado Joinville-le-Pont.

No centro: o sargento Haroldo, executando uma parada de nuca, na barra, e os sargentos Plínio e Aleixo na execução da prancha dupla.

Em baixo: flagrante do coquetel oferecido aos visitantes, pelo Comando do 4.º B.C.

Com a inauguração dessa sala de estar terão os soldados do 4.º B.C., após os trabalhos da caserna, motivos de recreação, de desenvolvimento intelectual e de repouso. Pela iniciativa foi o ten. cel. Chaves muito felicitado. Na inauguração da sala de cabos e soldados falaram os ten. Carolino Xavier de Oliveira, secretário da Unidade e dr. Oscar Brisola, ambos encarecendo a importância do acontecimento.

Finalizando a primeira parte do programa foi oferecido aos convidados um coquetel que decorreu em ambientes de franca cordialidade, falando na ocasião o comandante Chaves e novamente o sr. Prefeito Municipal.

A segunda parte do programa teve prosseguimento no dia seguinte, às 15 horas, no Parque da Exposição Regional de Animais, onde uma equipe de praças do Regimento de Cavalaria, sob a competente direção do ten. Bráulio Guimarães, fez demonstrações de volteio.

Sob o comando do cap. Fernando Henrique da Silva, sem favor um dos mais destacados cavaleiros de São Paulo, exibiram-se numa demonstração de saltos em "reprise" e saltos de estilo, os tenentes Maurício Macedo Cardoso, Felix de Barros Morgado, Roberto Mondino, Bráulio Guimarães e Wilson Vasconcelos. Tanto a equipe de oficiais como a de volteio proporcionou à numerosa e seleta assistência que acorreu ao recinto da Exposição, belo e emocionante espetáculo, do qual apresentamos alguns instantâneos.

Recepções Sociais

Dia 6, à noite, o vereador Odair Cham ofereceu aos oficiais visitan-

tes, num dos bares da cidade, um beberete que contou com a presença do sr. Vitor Curvelo, presidente da Câmara Municipal de Baurú. Falou, agradecendo a homenagem, o cap. Fernando Henrique da Silva. Em nome do ofertante discursou o sr. Vitor Curvelo. A reunião foi encerrada com a Canção da Cavalaria, cantada pelos oficiais do Regimento. Dirigiram-se, então, os oficiais ao Tenis Clube de Baurú onde participaram do baile beneficente pró menores abandonados, que se prolongou até às 4 hs. do dia seguinte.

Dia 7, no Hotel Central, o sr. Arquimedes Fernandes ofereceu também o jantar almôço, ao qual estiveram presentes o ten. cel. Benedito Antunes Chaves e exma. Espôsa. Pelos homenageados falou o ten. Felix Morgado e pelo anfitrião o ten. Hélio Fernandes, que, como o primeiro orador prendeu a atenção dos circunstantes pela eloquência de seus conceitos. Por fim, em bem feito improvisado, no qual pôs em relêvo sua inteligência e cultura, falou o ten. cel. Chaves, comandante do 4.º B.C.

À noite, no Automóvel Clube, houve animada partida dansante dando à sociedade bauruense mais uma nota brilhante do esplendor dos seus salões.

Dia 8, pela passagem de sua data natalícia, o capitão Geraldo Ottomi Claro, sub-comandante do Batalhão, ofereceu aos colegas da Capital, lauta mesa de doces.

Ao "champagne" o aniversariante foi saudado pelo ten. Monte Serrat. Visivelmente emocionado agradeceu o cap. Geraldo a presença dos co-

legas e amigos. Deixando essa festa íntima, ainda bastante animada, os visitantes despediram-se do amável e hospitaleiro casal Otoni Claro, para embarcar pelo noturno de volta a

São Paulo, maravilhados pelas manifestações de civismo e cordialidade de que foram alvos na Capital da Terra Branca, na semana do seu, positivamente, cintilante 53.º aniversário.

* * *

Aniversário da cidade de Bauru

Reportagem de Monte Serrat Filho

Quando recebemos a incumbência de seguir para Bauru a fim de colher notícias e aspectos das festividades comemorativas do 48.º aniversário do 4.º Batalhão de Caçadores, pressentimos vagamente as emoções que nos assaltariam ao voltarmos à cidade da qual saíramos há quase duas décadas. E foi sob essa suave sensação que embarcamos dia 4 de agosto com a nossa exímia equipe de cavalarianos, rumo à Capital da Terra Branca.

Durante os quatro dias em que lá permanecemos, a comitiva, no dia seguinte acrescida com a chegada dos atletas da Escola de Educação Física, foi alvo de seguidas provas de cavalheirismo e aprêço por parte do Comando do 4.º B.C., da Prefeitura, do Legislativo Municipal, da imprensa e da sociedade bauruenses.

Lemos bastante, e mais ainda, ouvimos falar sobre o surto de progresso que acometeu certas cidades do nosso interior, entre as quais se destaca Bauru. Estávamos certos de que iríamos encontrar, aformoseada e engrandecida, a cidade da qual nos despedimos em 1930. A realidade, no entanto, excedeu à expectativa.

E foi sob um misto de entusiasmo cívico e de saudades, que percorremos suas modernas avenidas e encantadoras praças. Vibração cívica por constatar que o antigo entreposto do sertão noroestino e do comércio bandeirante galopara na pista do progresso. Em menos de vinte anos, ruas como a Araujo Leite e a Rodrigues Alves, estradões de areia que os automóveis "trilhavam" para não encalhar, transformaram-se em duas belas avenidas, calçada a primeira e asfaltada e arborizada



— Foi minha mulher: ela diz que não me reconhece nos desfiles.

CAFÊ ROCHA, O INSUPERÁVEL

à segunda, cada uma delas com extensão superior a dois quilômetros. A estrada que levava ao 4.º B.C. e ao antigo campo de aviação da Força Pública é hoje rua com paralelepípedos amontoados, prestes a receber calçamento. E o Quartel? Pequena ilha no meio da macega densa que o circundava, está hoje rodeado de casinhas de telhados vermelhos e paredes coloridas. Parece até que a cidade, zelosa dos seus soldados, estendeu para o aquartelamento os braços ternos, como para envolvê-lo num amplexo permanente de carinho.

Vila Falcão, em cujo grupo escolar recebemos as primeiras luzes da instrução, é hoje um bairro servido de todos os melhoramentos, uma pequena cidade mesmo.

Praças onde acampavam companhias circenses e parques de diversões, transformaram-se em pátios ajardinados e recantos aprazíveis.

A cidade alastrou-se e agora começa a crescer para o alto com os primeiros prédios de apartamentos.

Araujo Leite, 1.º de Agosto, Rodrigues Alves, Bandeirantes, Independência, ruas onde morámos, relicário de recordações de nossa infância. Alguns nomes saltam do subconsciente: dr. Marinho Rêgo, médico e amigo da família; prof. Anunciata, chefe de escoteiros e companheiro de ideal de meu Pai, também mestre escola; o filho do Pa-

cífico, da venda da esquina; o companheiro Arnaldo Serra; e outros, estão ligados às saudosas e ridentes lembranças da meninice. Os carnavais de 29 e 30, com as ruas cobertas de confétis e serpentinas. Eram usadas em tal profusão que às tantas da noite vinham os empregados da limpeza pública desimpedir os trechos de maior movimento, para a continuação do corso. Estes e outros fatos vividos por nós nesta Terra que não descança no labor sacrossanto de engrandecer a Pátria, ocorrem-nos atabalhoadamente à memória.

Passeando pelas ruas de Baurú e conversando com seus velhos moradores sentimo-nos como se tivéssemos regressado ao próprio lar depois de prolongada ausência.

Noz cinco dias que lá permanecemos, experimentámos as mais enternecedoras recordações dos tempos de menino.

Bauru - Capital da Noroeste! E a pensar que há meio século apenas, foi a primeira casa erigida pelos seus fundadores! O teu progresso é bem o atestado eloquente do dinamismo dos teus filhos, bravos descendentes dos gigantes das botas de sete léguas e dos gibões de couro, os quais levaram no peito destemido, a linha das Tordesilhas, às fraldas da cordilheira andina, e semearam cidades na vastidão palmilhada.

* * *

Dia do soldado

Comemorando o Dia do Soldado, 25 de agosto, o Círculo Militar de São Paulo, realizou, no Ginásio do Pacaembú, dia 29 do mesmo mês,

um festival em homenagem às Guarnições da 2.ª R.M., 4.ª Zona Aérea e Força Pública do Estado. Esse festival constou de uma demonstra-



Apanhado da assistência que compareceu ao ginásio do Pacaembu

ção pelos instrutores e alunos da Escola de Educação Física da Força Pública e de um espetáculo coreográfico pelas famosas solistas do "Balet São Paulo", dirigido por Mme. Maria Olenewa.

A Banda de Música da Força Pública, sob a regência do maestro

cap. Antônio Romeu, abrilhantou a festa com a execução do Hino Nacional, Hino a Caxias e o Guarany. Todos os números foram muito apreciados e aplaudidos pela numerosa assistência que compareceu ao Ginásio do Pacaembú.

Sociedade Comercial de Tecidos

ARGUISO LTDA.

FORNecedores DA FÓRÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062

Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUISO" — SÃO PAULO

O Centro de Instrução Militar inaugura o seu casino



Da esquerda para a direita: o nosso Diretor, cel. Coriolano de Almeida Jr., — um repórter gaúcho, — ceis. Eleutherio Brum Fellich, Anchieta Torres e S. Amaral, — sr. Júlio Barbosa, do "Diário de Pernambuco", — e o representante do sr. Secretário da Fazenda.

O cap. Cardoso, representante do sr. Secretário da Segurança Pública, dando a tacada inaugural das mesas de "snoocker" do Casino do Centro de Instrução Militar.



* * *

Promoções

Por decretos de 24 publicados no D.O. de 25, tudo do corrente, foram promovidos os seguintes oficiais:—

NO QUADRO DE COMBATENTES

Por merecimento

— ao posto de tenente coronel, o major Jaime Bueno de Camargo, do 3.º B.C.;

— ao posto de major os capitães — José da Silva Viana, do 2.º B.C., — Alcides José de Oliveira, do S.I., — Luiz De Cicco, do C.I.M., — Pedro Alves de Brito, do 6.º B.C., — Manoel de Carvalho Vilar, do C.B., — Milton Leonel do B.G. — e Artur Guisolfe de Castro, do 8.º B.C.;

— ao posto de capitão, os 1.ºs tenentes Paulo Afonso Fonseca Pires,

do R.C., — Carlos Domingues Ambrogi, do C.I.M., — Dagoberto Veltri, do C.B., — Osvaldo Feliciano dos Santos, José Vilela dos Santos e Bolestaw Zdanovicz, do Q.G. — e Frederico Rodrigues Gimenes, do C.I.M.;

— ao posto de 1.º tenente, os 2.ºs tenentes Eurico José Cola, do C.I.M., — Osvaldo Talarico e Jorge Moogen Magalhães, do B.P., — Gilberto Tuiuti Vila Nova e Salvador Muler, do 6.º B.C., — José da Cunha Caldeira Júnior, do C.B., — Nelson Broto, do S.E., — Hugo de Castro Viana, do 5.º B.C., — José Furtado Pisani, da E.E.F. — e Camilo Cristófaró Martins, do B.P.;

Por antiguidade

— ao posto de major, os capitães Décio de Lima, do 8.º B.C., — João Franco Madia, do Q.G., — Nabor Nogueira Santos, do 5.º B.C., — e Geraldo Rangel de França, do C.I.M.;

— ao posto de capitão, os 1.ºs tenentes Ari Ferreira de Souza, do S.E., — Cállo de Campos Montes, do B.G., — João Batista Cardoso, do 8.º B.C., — José de Pina Figueiredo, do B.P., — Lafaiete Moreira Freire e Alfredo Guilherme de Toledo, do 2.º B.C.;

— ao posto de 1.º tenente, os 2.ºs tenentes Antônio Bruno, do 8.º B.C., — Délio de Barros Veloso, do S.E., — Alfieri Calciolari, do 1.º B.C., — Osvaldo Moura Lopes, do B.P., — Salvador De Cicco e Miguel Melchhiades Sendim, do C.I.M., — Aedemar Ferreira, da E.E.F., — Edilberto de Oliveira Melo, do B.P., — e José Gonçalves da Silva, do 5.º B.C.;

NÓ QUADRO DE SAUDE

por merecimento

— ao posto de tenente coronel médico, o major dr. Henrique Arouche de Toledo, do H.M.;

— ao posto de capitão médico, o 1.º tenente dr. Alvaro Catini, do S.S.

por antiguidade

— ao posto de capitão médico, o 1.º tenente dr. Ivo de Campos Padim, do H.M.

por conclusão de estágio

— ao posto de 1.º tenente farmacêutico, o 2.º tenente estagiário José Marques Pires, do S.S.

NO QUADRO DE ADMINISTRAÇÃO

por merecimento

— ao posto de major, o capitão Nelson de Carvalho Rosa, do S.E.;

— ao posto de capitão, os 1.ºs tenentes Ernesto Damico, do D.C.S., — Gustavo Baltensberger Sobrinho, do S.F. — e Olívio Franco Marcondes, do S.M.B.

por antiguidade

— ao posto de tenente coronel, o major Mário Lameira de Andrade, do S.Subs.;

— ao posto de major, o capitão Aníbal Francisco Ribeiro, do S.F.;

— ao posto de capitão, os 1.ºs tenentes Southey Machado, do Q.G., — Nelson Martins da Silva, do S.T.M. — e Manoel Pereira da Silva, do S.I.

Aos promovidos "MILITIA" apresenta seus cumprimentos e lhes deseja felicidades no novo posto.

Beba **CAFÊ ROCHA**, o insuperável



Um aspecto tomado no Campo de Congonhas, por ocasião do embarque dos camaradas da P. M. de Goiás.

Camaradas da Polícia Militar de Goiás se despedem

Consoante tivemos oportunidade de publicar em o nosso número de março-abril d'êste ano, diversos camaradas da P. M. de Goiás aqui vieram para colher ensinamentos no Curso de Informação e Instrução Policiais, oportuna e criteriosamente organizado pela atual administração Geral da Força. Aproveitaram aqueles camaradas para estagiar no Curso de Ataque e Defesa da nossa Escola de Educação Física e, após seis me-

ses de estada entre nós, regressaram a Goiás.

Ao bota-fora dos companheiros goianos, — cap. João Batista Nelson Guimarães e 2.ºs tens. Luiz Antônio dos Santos, Antônio Bonfim dos Santos e Mauro de Freitas Correia, — compareceram representantes do Comando Geral e de tôdas as Unidades da Capital. Esteve presente também uma secção da Banda de Música desta milícia.

• * •

Publicações recebidas

“MONTE CASTELO” e “SENTINELA”

Assinalamos o recebimento de mais estas publicações: o 6.º — de “Monte Castelo”, interessante quão útil “Órgão de Propaganda e Difusão Cultural da Casa do Sargento de São

Paulo”; e o n.º CXV de “Sentinela” — mensário noticioso editado na Polícia Militar do Paraná, sob a direção e redação do camarada ten. Orlando Xavier Pombo, também nosso assinante.

É com grande satisfação que "MILITIA" registra em suas páginas o aparecimento de "Libertas", revista publicada sob a supervisão do Quartel General da Polícia Militar de Minas Gerais.

Ao novo confrade consignamos nos melhores votos de progresso certos de que, lado a lado, conosco pugnará em benefício da causa comum das Polícias Militares do Brasil.

Benvinda seja, "Libertas".



"VIGILANCIA"

APRESENTA-SE EM NOVA FASE

VIGILANCIA — "publicação a serviço da segurança pública" sob a direção do Comandante Naul de Azevedo, velho batalhador da imprensa periódica paulistana, — vem de se apresentar em sua nova fase, com excelente aspecto gráfico e texto interessante.

Deixamos aqui consignados, também a êste nosso confrade, os augúrios de que a nova arrancada seja coroada de pleno êxito.

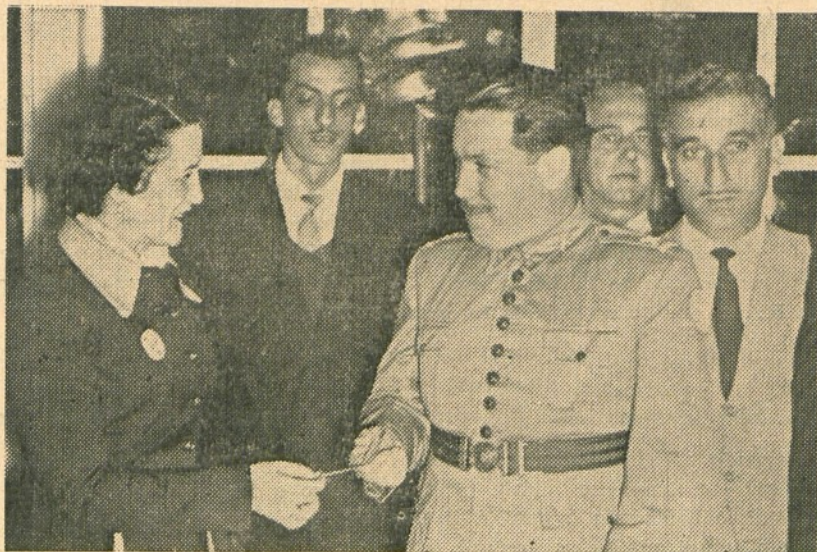
* * *

SÓ COMEU PEIXE...

Um sujeito, para outro que se banhava num rio:

- Não se deve tomar banho depois de comer!
- Que é que tem? Eu só comi peixe...

Serviço de Assistência Social



O clichê fixa o momento em que d. Ana Zeglio fazia entrega do cheque ao sub-ten. Hyder Vaz Moreno, representando o Comando Geral da Fôrça Pública. (Gentileza de "A GAZETA").

O S.A.S. do Brás promoveu, no salão do Clube Comercial, um baile em benefício do fundo social. O produto da arrecadação seria distribuído entre o S.A.S. daquele bairro e o da Fôrça Pública.

Em agosto realizou-se a cerimônia da entrega da quota que coube ao órgão assistencial desta Milícia,

igual à que coube ao seu confrade do Brás, ou sejam oito mil setecentos e vinte e quatro cruzeiros para cada um.

A iniciativa do movimento esteve a cargo de d. Ana Lamberg Zeglio, que contou com o concurso de d. Gigeta Fiori Zeitunleam e demais membros do Departamento Feminino do Brás.



Notícias dos Estados

Polícia Militar do Espírito Santo

PROMOÇÕES

Por decreto de 13 de julho, do Chefe do Executivo estadual, foram promovidos aos postos de capitão e primeiro tenente, respectivamente:

— por merecimento: os 1.º e 2.º tens. Aldo Baroni e Argeu Furtado de Almeida;

— por antiguidade: os 1.º e 2.º tens. Antônio Fernandes Filho e Lauro Faria.

NOMEAÇÃO

Por decreto de 23 de julho, do mesmo govêrno capixaba, foi nomeado 2.º ten. dentista da Polícia Militar o dr. Sebastião Tavares Baeta Neves.

CONCESSÃO DE MEDALHA

O sr. Governador do Estado, consoante o Regulamento Geral da Corporação, concedeu medalha de prata com passador de prata ao 1.º ten. Isaac Lopes Rubim, por contar mais de 15 anos

de bons serviços prestados à Corporação e ao Estado.

OUTRAS NOTAS

Por iniciativa do deputado Judith L. C. Ribeiro, foi apresentado à Assembléia Legislativa estadual um projeto de lei que dispõe sobre a concessão de licença especial para as praças de pré. Pelo que se sabe, até o momento, referido projeto já logrou obter aprovação em segunda discussão.

• * •

No Rio Grande do Sul propõe-se a criação da Polícia Rural

Segundo notícias por nós colhidas através da imprensa diária desta Capital, e consoante o que já tivemos oportunidade de nos referir em (N.º 6 — de "Militia"), constou da pauta dos trabalhos do XVI Congresso Rural, realizado em julho, em Pôrto Alegre, amplo debate em tôrno da criação, em moldes definitivos, da Polícia Rural Gaúcha.

O ten. cel. Dagoberto Gonçalves, chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, de acôrdo com a referida fonte, encaminhou ao governador gaúcho, por intermédio do Secretário do Interior, proposta para a instituição de um policiamento nas zonas rurais. O trabalho é acompanhado de elementos informativos, não só da delinqüência no interior dos municípios, como das situações ecológicas dêstes. A Polícia Rural projetada seria constituída de chefes de policiamento e guardas rurais distribuídos pelos municípios.

O policiamento teria caráter extensivo e fixo em cada distrito. A sua principal função seria a vigilância preventiva da delinqüência rural. Faria rondas diárias, em veículos especiais; exigiria documentos de propriedade de mercadorias e animais em trânsito, quando necessário; providenciaria para que todo trabalhador rural possuísse documentos de identidade; exerceria vigilância junto aos estabelecimentos pastoris e agrícolas, prevenindo os crimes contra o patrimônio e, em especial, o do abigeato.

Propõe-se ainda, no trabalho aludido, sejam ouvidas previamente as associações agrícolas quanto às atribuições e localização da Polícia Rural. Caberia às associações rurais indicar as pessoas para o provimento da função de guardas e chefe do policiamento rural.



Sócrates recomendou três cousas aos seus discípulos: sabedoria, prudência e silêncio.

Sofre a Cruz Azul de São Paulo perdas irreparáveis

Passamento do dr. Mesko e de dona Angelina

Pedro Paulo Mesko

Faleceu Pedro Paulo Mesko. Figura muito relacionada na sociedade paulistana e, especialmente entre os elementos da nossa Força Pública, deixou, pelas virtudes que ornavam o seu belo caráter, traços indelévels de uma vida dedicada ao bem.

Durante 20 anos, com profunda abnegação e reconhecido valor profissional, serviu a "Cruz Azul" de São Paulo. Foi, aliás, um dos seus primeiros médicos.

Por ocasião das homenagens que foram tributadas à sua memória pela Diretoria daquela instituição, o cel. José Ramos Nogueira, seu diretor, numa demonstração eloqüen-

te de reconhecimento aos serviços prestados pelo ilustre extinto, proferiu palavras repassadas de saudade e admiração. "O passado, disse êle, precisa ser lembrado mesmo a despeito do perpassar do tempo". A-deante, analisando as atribuições de quem possui a noção exata do cumprimento do dever, declara: "Era de ver, vêzes sem conta, atendendo chamados em lugares longínquos, servidos por ínvios caminhos. Trabalhou enquanto pôde, e do seu posto só se afastou para morrer".

Honesto, leal, incansável, Paulo Mesko tem hoje, como prêmio de valia aos seus esforços, a admiração e o respeito dos que o conheceram.



Maria Angelina Pacheco de Mendonça

Sofreu a "Cruz Azul" de São Paulo uma perda verdadeiramente contristadora. Deixou o seu convívio, após 18 anos de trabalho profundamente humano, onde o sentimento do dever se confundia com os mais aloqüentes atos de abnegação, a figura querida de Maria Angelina Pacheco de Mendonça.

Enfermeira de reconhecido valor profissional, espírito de ilibada conduta para com a família e a sociedade, coração devotado aos sofrimentos do próximo, d. Angelina foi bem a sacerdotisa preconizada por Ana Néri. Deixou, por isso, e de maneira indelével, na memória dos que a conheceram, marcos definitivos de uma vida dedicada ao bem, ao amor,

àqueles que sofrem. Leal e justa, honesta e sem apêgo às glórias terrenas, por certo ganhou, lá no Alto, um lugar entre os que souberam, aqui na Terra, amar o próximo como a si mesmos.

Quando das homenagens que lhe foram prestadas pela Diretoria da "Cruz Azul", o cel. José Ramos Nogueira, Diretor daquela instituição, abordando a personalidade da extinta, disse, entre outras cousas: "Não é, meus senhores, só a beleza física que encanta, que empolga e que conquista; a prática das boas virtudes, a lhaneza no trato, os atos prestativos e, sobretudo, a educação e o amor ao próximo e às responsabilidades, também produzem a mesma fascinação que seduz e que arrebatava. D. Angelina foi dessas pessoas que

sabem conquistar; já vi muita gente, sem ligação alguma com a extinta, sob o ponto de vista de parentesco, chorar, deixar lágrimas sentidas rolares pelas faces”.

Também falou, em nome dos funcionários da “Cruz Azul”, a enfermeira Prescilliana Silva Faro que, a certa altura, disse: “Possa pois, a sua vida, servir de exemplo e es-

tímulo a todos nós. A sua dedicação ao trabalho, a sua noção de responsabilidade no cumprimento do dever, o seu abnegado amor ao próximo, era para nós, nas horas atribuladas das nossas lutas, de nossas esperanças e desilusões, um lenitivo e uma inspiração”.

MILITIA associou-se a tôdas as homenagens prestadas aos extintos.

Caixa Econômica Federal de São Paulo

— GARANTIDA PELO GOVERNO FEDERAL —

Depósitos populares até Cr. \$ 50.000,00 a juros de 5% ao ano, capitalizados em 30 de junho e 31 de dezembro.

Empréstimos com garantias de hipotecas, jóias e objetos

MATRIZ: Praça da Sé, 111 - Enderêço Telegráfico: “CAIXAFEDERAL”

AGÊNCIAS

Brás	Av. Rangel Pestana, 2078 — Capital
Santos	Rua XV de Novembro, 175
Campinas	Rua Barão de Jaguará, 1230
Taubaté	Rua Souza Alves, 630
Ribeirão Preto	Rua Duque de Caxias, 705
Bauru	Rua Rio Branco, 8-29
Sorocaba	Rua XV de Novembro, 28
Santo André	Rua Campos Sales, 124
Marília	Av. Sampaio Vidal, 562
Ourinhos	Rua 9 de Julho, 302
Pinhal	Rua José Bonifácio, 38
Lapa	Rua 12 de Outubro, 443 — Capital

AGÊNCIAS ECONÔMICAS POSTAIS

Rio Claro, Franca, Mogi Mirim, Jau e Cafelândia

POR QUE ESTAVA ALI...

A dama caridosa, que visita as prisões :

— Por que o senhor está aí ?

— Porque ainda não consegui fugir ! — explicou o condenado.

* * *

A experiência é um troféu composto de tôdas as armas que nos feriram. (Marco Aurélio).

educação física e DESPORTOS

Campeonato Geral de Tiro de 1949

De acôrdo com o Calendário Esportivo da Fôrça Pública para o ano de 1949, foi realizado, no período compreendido entre 19 e 27 de Julho de 1949 o Campeonato Geral de Tiro.

O Torneio reuniu em confraternização desportiva representantes de

tôdas as Unidades de nossa Corporação, que desta vez primaram pelo preparo técnico apurado, como se pôde verificar na disputa acirrada pelas primeiras colocações e nos resultados obtidos.



No estande do Barro Branco, quando se realizava uma das provas.

Cabe salientar aqui o feito do cap. Oscar Paes Leme, do 4.º B.C., que superou o recorde da prova de revólver 38, a 30 metros, de posse do cap. José Tenório Quirino dos Santos, com 242 pontos, alcançando a marca de 245 pontos, e do sub-ten. Agenor dos Santos Silva, do 7.º B.C., que superou por um ponto a antiga marca da prova de fuzil a 200 metros para sargentos, alcançando 266 pontos.

É também digno de nota o fato de terem atingido o mínimo neces-

sário para gozarem de regalias de atiradores selecionados — 8 oficiais em revólver; 5 oficiais em fuzil; 7 sub-tenentes e sgts. em fuzil e 1 cabo, também em fuzil.

Foram os seguintes os resultados gerais: —

1.ª Prova - Revólver - 30 metros -
Oficiais - Classe "B" e "C".

1.º lugar - cap. Oscar Paes Leme - 4.º B.C. - 245 pontos;

2.º lugar - 1.º ten. Alfredo de Paula Pereira das Neves - 5.º B.C. - 242

pontos; 3.º lugar - 1.º ten. Dagoberto Veltri - C.B. - 238 pontos; 4.º lugar - 2.º ten. Benedito Neto - 4.º B.C. - 236 pontos; - 5.º lugar - ten. cel. Oscar Luiz Concistré - 6.º B.C. - 234 pontos; 6.º lugar - cap. Brasilino Antunes Proença - C.I.M. - 229 pontos.

2.ª Prova - Fuzil - 150 metros - oficiais - Classe "B" e "C".

1.º lugar - 1.º ten. Ênio Colaço França - C.I.M. - 243 pontos; 2.º lugar - 1.º ten. Nelson Simões Scheffer de Oliveira - B.P. - 242 pontos; 3.º lugar - 1.º ten. Alfredo de Paula Pereira das Neves - 5.º B.C. - 235 pontos; 4.º lugar - cap. José João Batal - 6.º B.C. - 229 pontos; 5.º lugar - 2.º ten. Inajá Rodrigues de Barros - 1.º B.C. - 226 pontos; 6.º lugar - ten. cel. Oscar Luiz Concistré - 6.º B.C. - 224 pontos.

3.ª Prova - Fuzil - 200 metros - sargentos - Qualquer classe.

1.º lugar - sub-ten. Agenor dos Santos Silva - 7.º B.C. - 266 pontos; 2.º lugar - 1.º sgt. Brás de Brito - Q.G. - 261 pontos; 3.º lugar - 3.º sgt. Teodósio Rodrigues dos Santos - 5.º B.C. - 261 pontos; 4.º lugar - 2.º sgt. Euclides Túbero - 3.º B.C. - 261 pontos; 5.º lugar - 2.º sgt. Ex-

pedido Marcondes Salgado - 8.º B.C. - 259 pontos; 6.º lugar - 1.º sgt. Elias Honório de Abreu - C.I.M. - 259 pontos.

4.ª Prova - Fuzil - 200 metros - Cabos e sds. - Qualquer classe.

1.º lugar - cabo José Feliciano Arouca - 5.º B.C. - 255 pontos; 2.º lugar - cabo Manoel Leite da Silva - 5.º B.C. - 252 pontos; 3.º lugar - sd. João Romão Sobrinho - 5.º B.C. - 250 pontos; 4.º lugar - cabo Deoclécio Fernandes - 6.º B.C. - 243 pontos; 5.º lugar - sd. Luiz Berberi - C.I.M. - 240 pontos; 6.º lugar - sd. Joaquim Bueno - B.P. - 240 pontos.

5.ª Prova - Oficiais - Classe "A" em qualquer arma.

Parcial "A" - Revólver - 50 metros.

1.º lugar - cap. José Tenório Quirino dos Santos - 1.º B.C. - 419 pontos; 2.º lugar - cap. Rubens Teixeira Branco - C.I.M. - 418 pontos; 3.º lugar - 1.º ten. Felix de Barros Morgado - R.C. - 390 pontos; 4.º lugar - 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade - Q.G. - 390 pontos; 5.º lugar - 1.º ten. Antônio de Araujo - B.G. - 387 pontos; 6.º lugar - ten. cel. Otoniel Eugênio Aranha - 5.º B.C. - 379 pontos.

Grupo de oficiais que tomaram parte nas provas de tiro.



Parcial "B" - Fuzil - 300 metros.

1.º lugar - 1.º ten. Elio Afonso da Cunha - Q.G. - 377 pontos; 2.º lugar - 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade - Q.G. - 357 pontos; 3.º lugar - cap. Otávio Gomes de Oliveira - C.B. - 355 pontos; 4.º lugar - 1.º ten. Antônio de Araujo - B.G. - 353 pontos; 5.º lugar - 1.º ten. Sadoç Chaves Simas - B.G. - 349 pontos; 6.º lugar - cap. José João Batal - 6.º B.C. - 338 pontos.

Parcial "C" - Tiro sobre silhueta - 25 metros.

1.º lugar - cap. José João Batal - 6.º B.C. - 20 silhuetas - 118 pontos; 2.º lugar - 1.º ten. Felix de Barros Morgado - 6.º B.C. - 20 silhuetas - 113 pontos; 3.º lugar - cap. Rubens Teixeira Branco - C.I.M. - 19 silhuetas - 129 pontos; 4.º lugar - cap. Otávio Gomes de Oliveira - C.B. - 19 silhuetas - 126 pontos; 5.º lugar - cap. José Tenório Quirino dos Santos - 1.º B.C. - 19 silhuetas - 110 pontos; 6.º lugar - 1.º ten. Saul Brasil Faleiros - Q.G. - 19 silhuetas - 105 pontos.

Final

1.º lugar - cap. Rubens Teixeira Branco - C.I.M. - 15 pontos perdidos; 2.º lugar - cap. José Tenório Quirino dos Santos - 1.º B.C. - 15 pontos perdidos; 3.º lugar - 1.º

ten. Antônio de Araujo - B.G. - 23 pontos perdidos; 4.º lugar - 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade - Q.G. - 23 pontos perdidos; 5.º lugar - ten. cel. Otoniel Eugênio Aranha - 5.º B.C. - 25 pontos perdidos; 6.º lugar - cap. Otávio Gomes de Oliveira - C.B. - 26 pontos perdidos.

Classificação por equipe:—

1.ª Prova - 1.º lugar - 4.º B.C. - 691 pontos; 2.º lugar - C.B. - 688 pontos; 3.º lugar - C.I.M. - 668 pontos; 2.ª Prova - 1.º lugar - C.B. - 657 pontos; 2.º lugar - 6.º B.C. - 650 pontos; 3.º lugar - C.I.M. - 635 pontos; 3.ª Prova - 1.º lugar - 5.º B.C. - 761 pontos; 2.º lugar - C.I.M. - 701 pontos; 3.º lugar - 7.º B.C. - 700 pontos; 4.ª Prova - 1.º lugar - 5.º B.C. - 757 pontos; 2.º lugar - C.I.M. - 650 pontos; 3.º lugar - 7.º B.C. - 616 pontos.

Vencedor Geral do Torneio

5.º B.C. - 10 pontos.

Classificaram-se ainda:—

2.º lugar - C.I.M. - 8 pontos; 3.º lugar - C.B. - 8 pontos; 4.º lugar - 4.º B.C. - 5 pontos; 5.º lugar - 6.º B.C. - 3 pontos; 6.º lugar - 7.º B.C. - 2 pontos.

As demais Unidades não alcançaram ponto algum.

* * *

O Basquetebol na Fôrça Pública

O tradicional esporte da cesta viveu dias de intensa movimentação na Fôrça Pública, na primeira quinzena de agosto, com o campeonato que congregou na Capital as representações dos

círculos de oficiais e sargentos de todas as unidades da Secular Corporação.

A competição teve abertura solene, no ginásio *cap. Delphin Balancié* da Escola de Educação Física, formando

tôdas as equipes, sob as ordens dos oficiais regimentais. Presidiu o cerimonial o Diretor Geral de Instrução, cel. Aníbal de Andrade, estando também presentes os Comandantes de Corpos e delegações de oficiais.

O calendário elaborado previa o sistema de *pule*, para cada um dos círculos. Dêsse modo, cada equipe de oficial, como de sargento, teve de enfrentar tôdas as demais participantes do certame. As quadras da Escola de Educação Física — a do ginásio *Delphin Balancié* e a do estádio da avenida Cruzeiro do Sul — foram escolhidas para o desenrolar de todos os embates.

Na *pule* de sargentos a turma do Corpo de Bombeiros apresentou-se mais técnica e mais homogênea que as demais, seguida bem de perto pelo quinteto do Contingente do Quartel General que se mostrou um concorrente temível, aguerrido, pela representação do Batalhão de Guardas, e pelos praianos do 6.º B.C. Já no círculo de oficiais o panorama foi diferente. Terminados os jogos da *pule*, achavam-se em igualdade de condições as turmas do Corpo

de Bombeiros e do Regimento de Cavalaria, ambas possuidoras de iguais recursos técnicos, físicos e morais. Programou-se, então, uma partida extra para decisão do título máximo, saindo vencedor o quinteto do C.B., após um embate rico de movimentação, de entusiasmo, cheio de alternativas, agradando, plenamente, à numerosa assistência que encheia o ginásio.

Foram as seguintes as classificações dos concorrentes:

CÍRCULO DE OFICIAIS

- 1.º lugar - Corpo de Bombeiros;
- 2.º lugar - Regimento da Cavalaria;
- 3.º lugar - 6.º Batalhão de Caçadores e Contingente do Quartel General;
- 4.º lugar - Batalhão Policial;
- 5.º lugar - Centro de Instrução Militar;
- 6.º lugar - Batalhão de Guardas e 2.º Batalhão de Caçadores.

CÍRCULO DE SARGENTOS

- 1.º lugar - Corpo de Bombeiros;
- 2.º lugar - Batalhão de Guardas, Contingente do Quartel General e 6.º Batalhão de Caçadores;

Os quadros do R.C. (vice-campeão) e do 6.º B.C., vendo-se ao centro o cel. Diretor Geral de Instrução e juizes da competição.



3.º lugar - 1.º Batalhão de Caçadores, Batalhão Policial e Centro de Instrução Militar;

4.º lugar - Regimento de Cavalaria;

5.º lugar - 2.º Batalhão de Caçadores.

Vencendo, com reias méritos, nos dois círculos, o Corpo de Bombeiros tornou-se campeão absoluto do certame, seguido do 6.º Batalhão de Caçadores e do Contingente do Quartel General que conquistaram, empatados, o segundo posto.

Os comandados do tenente Ulisses Teodoro dos Santos, competente oficial regimental do Corpo de Bombeiros, os campeões de basquetebol da Força Pública, no corrente ano, são: tenentes Ulisses Teodoro dos Santos, Luiz Nóbrega e Silva, Dagoberto Veltri, José da Cunha Caldeira Júnior, João Bidim, Clovis de Melo, Antônio Gonzaga de Oliveira e Geraldo de Andrade Corrêa, no círculo de oficiais; os campeões do círculo de sargentos, são: subten. Onofre Fava, sargentos Antônio da Silva, Boaventura de Souza, Lapo-

nésio Batista, Domingos Gomes, Fernando Guimarães Struck, Pacômio Dimas de Lelo e Francisco Ferreira de Carvalho Matias.

A proclamação dos vencedores, entrega de prêmios e troféus, verificou-se no ginásio da Escola de Educação Física, na manhã de 13 de agosto, em expressiva solenidade que contou com a presença do Comandante Geral da Força Pública, coronel Eleuthério Brum Ferlich, coroneis Aníbal de Andrade e Odilon Aquino de Oliveira, Diretor Geral de Instrução e Chefe do Estado Maior, respectivamente, Comandantes de Corpo, oficialidade, esportistas e pessoas gradas.

"Militia", que acompanhou de perto o desenrolar do certame, felicita a Escola de Educação Física pela maneira brilhante com que o organizou e dirigiu e saúda os valorosos oficiais e sargentos do Corpo de Bombeiros, pelo expressivo feito que aumenta os louros desportivos dos "Heróis das Chamas".

* * *



NA DELEGACIA

O cidadão, dirigindo-se apressadamente ao delegado:

— Doutor, eu lhe disse ontem que me haviam roubado a carteira... Foi engano — encontra-a!

— Agora é tarde, meu senhor — o ladrão já está preso!



— Que é que está esperando? Não vê que o homem se afoga?

— Nada. Não tenho mais espaço para medalhas.

(Bic & Rac. Paris)

S. Paulo enviará oficiais da Fôrça Pública à II Lingiada

Pela segunda vez, os educadores de todo o mundo são convocados para o importante conclave de cultura física com que a Suécia vai homenagear a memória de Pedro Henrique Ling, o imortal criador do Método Sueco de Educação Física.

A II Lingiada — e esse é o nome que foi dado ao magno certame — já organizou a sua agenda, prevençõ exhibições ginásticas, pedagógicas e desportiva, estudo e discussão de trabalhos e cursos de ginástica sueca, a serem levados a efeito em trinta dias de trabalhos, com início a 27 de julho.

A Suécia enviou emissários a todos os continentes com o objetivo de interessar os govêrnos e órgãos especializados, ao lado de profusa distribuição de prospectos com o programa pormenorizado de grandiosa reunião. E' de se prever, portanto, que II Lingiada assuma as proporções do mais notável acontecimento da cultura física mundial, de todos os tempos, principalmente sabendo-se que mais de 50 países já anunciaram a sua adesão.

A Fôrça Pública vem de ser honrada com a designação de dois oficiais dos seus quadros — o capitão Arrisson de Souza Ferraz e o capitão médico Armando Bergamini — para tomarem parte na II Lingiada. O capitão Arrisson de Souza Ferraz foi nomeado pelo sr. Governador de São Paulo, para a

representação oficial do Estado, e ao capitão dr. Armando Bergamini foi outorgada a missão de representar a centenária Milícia de Piratininga.

A escolha não podia ser mais feliz. Trata-se de dois professores veteranos da nossa Escola de Educação Física, portadores de sólida cultura geral e especializada, com vasto tirocínio de reuniões dessa natureza, no Brasil e no estrangeiro. E' bem recente, o sucesso que conquistaram na III Conferência de Professores de Educação Física da República Argentina, para a educação física brasileira, pelos trabalhos que lá apresentaram e que mereceram a mais calorosa aprovação do plenário. Por isso, esperamos que êsses companheiros elevem bem alto, nas terras cultas da Escandinávia, a educação física da Milícia Paulista que é, em essência, a educação física bandeirante e brasileira.

Os capitães Bergamini e Arrisson partiram a 15 de julho, por avião da *Scandinavian Airlines System*, com destino a Estocolmo, para o desempenho da alta missão que lhes foi confiada. "Milítia" augura aos dois ilustres oficiais uma boa viagem e o mais completo êxito no memorável conclave, para maior glória da Fôrça Pública que se ufana de ter criado, no Brasil, a primeira Escola de Educação Física.

* * *

CAFÊ ROCHA, o amigo dos bons paladares

Empolgante partida de futebol

Animada partida de futebol no Campo da Escola de Educação Física no dia 23 de julho — O ponta-pé inicial dado pelo representante do Sr. Cel. Comandante Geral — A numerosa assistência que ocorreu ao campo do Canindé — 4 x 2 o resultado, saindo vencedor o "Veteranos".

Em animadíssima partida futebolística defrontaram-se no dia 23 de julho os quadros do «QUEGÊ F.C. e «VETERANOS PAULISTAS F.C.» («Araras»), no campo da Escola de Educação Física. Apitou o jôgo o árbitro Ari, que, na verdade, conduziu-se de forma brilhante pela sua desapaixoadada e independente atuação. Todos quantos compareceram ao importante jôgo tiveram ensejo de tecer os mais lisonjeiros comentários.

A partida foi iniciada com o ponta-pé dado pelo comandante Cândido Bravo, representante do cel. Eleutherio Brum Ferlich, Comandante Geral da Fôrça Pública.

Compondo o quadro dos Veteranos jogaram os craques da velha guarda do esporte paulista — Tufi, Junqueira, Caieiras, Brito, Sobral, Del Nero, Godoi, Araquém, Barriloti, Joani e Hércules.

O «Quegê» se apresentou com Gil, Odilon, Profeta, Canindé, Lourival, (Oliveira), Carvalho, Gervásio, Gibi, Ferreira, Geraldo e Tieres.

Marcaram os «goals» do «Araras» os veteranos Canindé, Godoi, (2 pontos) e Araquém e do «Quegê», Gervásio (2 «goals».

Acorreu ao local do jôgo numerosa assistência, destacando-se oficiais e outras personalidades, além dos torcedores de ambos os quadros — sargentos, praças e civis — que impuseram vivacidade ao desenrolar da empolgante partida.

Segundo a opinião dos críticos mais abalisados, o encontro entre o «Quegê» e os «Veteranos Paulistas» correspondeu à expectativa de todos quantos aguardavam, ansiosos, aquele importante jôgo, pois realmente ambos os quadros se empenharam com entusiasmo vibrante na conquista da vitória.

De nossa parte, temos a salientar que o «Quegê», enfrentando verdadeiros craques do esporte paulista, brilhou perante a assistência e perante o esporte paulistano.

«Quem foi rei conserva a majestade»... Os velhos jogadores, «araras» experimentados nas lides futebolísticas, brincavam com a pelota, enquanto os seus adversários se cabravam numa luta desigual e renhida.

Bom e animado jôgo o da tarde do dia 23 de julho, no Canindé.

4 x 2, o desfêcho da partida.

Página Humorística

— ESPÍRITO HUMORÍSTICO DOS LEITORES —

Conforme anunciamos nos números anteriores, «Militia» oferece esta página ao espírito humorístico dos seus leitores. Mande-nos uma legenda que se adapte ao desenho abaixo e concorra aos prêmios de 100, 50 e 25 cruzeiros que serão oferecidos aos textos mais engraçados.

Os textos poderão ser enviados à Redação, assinados ou com pseudônimos, segundo a vontade do concorrente. Além dos três textos premiados serão publicados também os que, pelo seu espírito humorístico, merecerem citação.

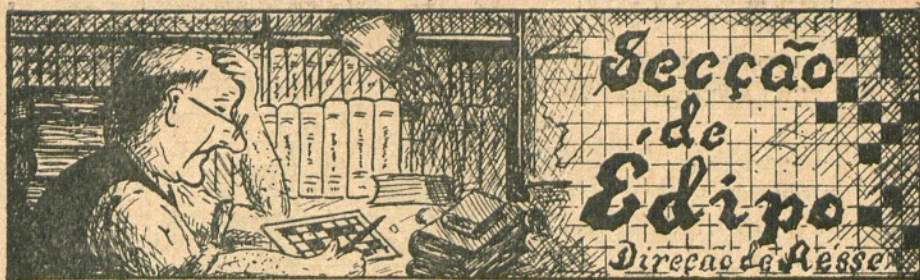


Atendendo aos interesses dos nossos assinantes e leitores dos estados e território mais longínquos, resolvemos estender os prazos para a remessa das relações (referidas as datas aos carimbos do correio) para:

— Soluções do n.º 10 desta revista — até 31 de dezembro de 1949;

— Soluções dêste número:— até 31 de janeiro de 1950.

CAFÊ ROCHA, O INSUPERÁVEL



Recebemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos, auxiliares, logogrifos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas à "Militia" — Secção de Edipo. Avenida Tiradentes n.º 1088.

São adotados nesta secção, o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa e o Breviário do Charadista.

Será sorteado um livro, entre os solucionistas de mais de 50% dos problemas.

As soluções deste número serão aceitas até 28 de fevereiro de 1950.

LOGOGRIFOS EM PROSA

1 — Ao Contra

Regosijando-me pela agradável 4 - 5 - 10 - 7 - 6 notícia de sua promoção, fruto de uma carreira sem máculas 14 - 13 - 3 - 12 - 13 - 14, própria de oficial cõncio de sua responsabilidade 1 - 12 - 3 - 7 - 10, tenho o prazer 5 - 13 - 4 - 10 - 9 - 2 de enviar ao gentil 9 - 2 - 8 - 11 - 6 - 2 amigo as minhas sinceras e cordiais felicitações.

(Silvoski).

2 — Ao Rei Sábio

Nestas paragens 1 - 7, disse-me um homem prático, só é sábio quem coloca ao pescoço o jugo 1 - 2 - 5 -

6 - 2 do ignorância, silencia 1 - 7 - 3 - 7 a verdade, arrenda 7 - 3 - 4 - 6 - 2 sua consciência a interesses imediatos e se porta como um boneco.

(Contra).

CHARADAS AUXILIARES

3 — + nelinha = súcia
 + fas = o que não é ilícito
 + ra = maluco
 + dente = satisfeito
 + medela = ganho ilícito
 conceito = elogio

(Joca).

4 — + cora = símbolo da esperança
 + no = juízo
 + a = indivíduo que guia os outros
 + nisco = hábil
 + votado = afeçoado
 conceito = tempo de serviço num cargo

(Lino).

CHARADAS NOVISSIMAS

5 — Comprei a beca e enviei-a com uma nota ao magistrado. 2 - 1.

6 — Aqui em casa nada tenho a ocultar. 1 - 1.

(Lino).

PALAVRAS CRUZADAS

7 — Rente à cerca o porco comeu o resíduo. 1 - 1.

8 — Na esquina sem motivo houve terrível contratempo. 2 - 1.
(Joca).

9 — O instrumento comprado na prisão estragou a fazenda. 1-1.

10 — A Deusa da tranqüilidade castigou o moço. 1 - 1.

11 — Igual, nesta terra, só a morte. 1 - 1.

12 — O mágico tirou uma nota da planta do pé. 1 - 1.
(Casa Branca).

13 — Ao Contra.
Depois de maer êste enigma, espero que você nos mande outra espécie de enigma.
(Silvoski).

CHARADAS CASAIS

14 — O quinhão do traidor será sempre a sexta parte de qualquer coisa. 2.

15 — Era tal o luxo que o menor arranhão desagradava. 2.

16 — A mandioca de talo vermelho matou o animal. 3.
(Contra).

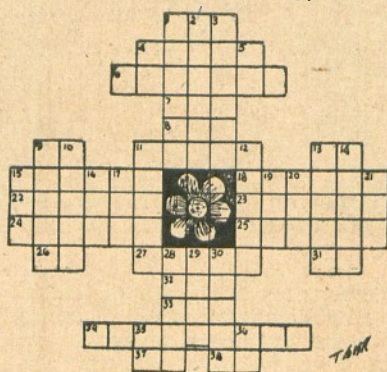
CHARADAS SINCOPADAS

17 — Só quem tem lábia pode ser funcionário público. 3 - 2.

18 — É necessário manter êsse indivíduo encarcerado. 3 - 2.
(Lino).

19 — Não é vantagem comprar objeto com defeito. 3 - 2.
(Joca).

20 — No pináculo estava o seu quinhão. 3 - 2.
(Onz).

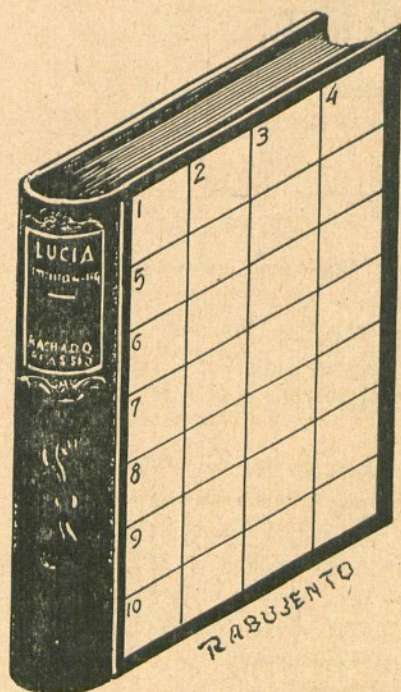


Horizontais:— 1 - Aguardente. 4 - Amantes de padres. 6 - Chefes. 7 - Avestruz. 8 - Coisa nula (sem a última). 9 - Metal de pêso atômico 63,57. 11 - Suco vegetal completo (pl.). 13 - Metal de pêso atômico 26,97. 15 - Limitar ou dividir em taipas. 18 - Chegar ao seu termo. 22 - Enrêdo. 23 - Que tem rama. 24 - Curtir com casca de angico. 25 - Gratificação que se dá aos trabalhadores. 26 - Contração. 27 - Peixe da família dos ciclídeos. 31 - Carta de jogar. 32 - Marco das portas. 33 - Em um. 34 - Tartaruga. 37 - Exclamação de asco. 38 - Pronome do caso reto.

Verticais:— 1 - Famoso pintor. 2 - Doutores em lei. 3 - Trabalho enfadonho. 4 - Tumor também chamado arrieira. 5 - Nome de homem. 9 - Celebra em poesia. 10 - Piel. 11 - Ave da família dos psitacídeos. 12 - Designação vulgar de vários peixes acantopterígeos. 13 - Asfixia. 14 - Faixa navegável de rio (pl.). 15 - Irmã dos pais. 16 - Planalto frio da Cordilheira dos Andes (sem a última). 17 - Mau cheiro. 19 - Vai ao chão. 20 - Governanta de padre. 21 - Mulher formosa (sem a última).

28 - Jôgo de bois. 29 - Pequeno molusco do Brasil. 30 - Estraga. 35 - Metal de pêso atômico 58,69. 36 - Metal de pêso atômico 197,2.

19 - Mazama-mama. 20 - Presigo-prêso. 21 - Polhastro-potro. 22 - Recato-reto. 23 - Treponema-trema. 24 - Travado-trado. 25 - Grabato. 26 - Bolo-a. 27 - Cerco-a. 28 - Pas-seiro-a. 29 - Ouro-a. 30 - Dita-o.



Horizontais:— 1 - Ligam. 5 - Pedra preciosa. 6 - Medida antiga (inv.). 7 - Cortava com os dentes. 8 - Viscera (pl.). 9 - Sulcam a terra. 10 - A parte líquida de um fluido orgânico.

Verticais:— 1 - Seguras. 2 - Erário. 3 - Acalmar. 4 - Fraqueza extrema.

SOLUÇÕES DO NÚMERO 7

1 - Psiquiátrico. 2 - Corifeu. 2 - Corifeu. 3 - Obrigação. 4 - Escopo. 5 - Mesnada. 6 - Lapa. 7 - Cavallo. 8 - Regalia. 9 - Coaduna. 10 - Entrevero. 11 - Ardente. 12 - Amortecido. 13 - Acrobata. 14 - Alapar. 15 - Regulamento. 16 - Vagalume. 17 - Sobrado. 18 - Boletoboto.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema aos principiantes

Horizontais:— 1 - Cabana. 7 - Abafar. 8 - Ra. 9 - Ata. 10 - Atinar. 12 - Serosa.

Verticais:— 1 - Caras. 2 - Abate. 3 - Ba. 4 - Afano. 5 - Natas. 6 - Arraras. 11 - Ir.

Problema São Paulo

Horizontais:— 1 - Auau; 2 - Petrópolis - Ar; 3 - Arrebatat - Rã - En; 4 - Madagascar - Queirôga; 5 - Lesos - Ea - Raul Torres; 6 - Ems - Cata - Belém - Biela; 7 - Abandonára - MB - Lagôa; 8 - Veio - Araraquara - Oral; 9 - Osamar - Furna - Abandonar; 10 - Desacatar; 11 - Esqualo - Ar - Gera; 12 - Une - Aviar - Ela - Ille; 13 - Egger - OMATG - São Paulo; 14 - Arma - Nioac - Schema; 15 - Ali - Salmanasar - Sá; 16 - Havana - Litoral; 17 - Acirrar; 18 - Dr - Moema; 19 - Anão - Ia; 20 - Alar; 21 - Sá.

Verticais:— 1 - Ou - Leaes; 3 - Membim; 4 - Ae - Assada; 5 - Untado; 6 - Arrasada; 7 - Grou - Tora; 8 - Pea - Ana; 9 - Obsecar; 10 - Laca - RAFD; 11 - Ita - Ba-quee; 12 - Sarre - URSS; 13 - Almanaque; 14 - Quebra-Cangalha; 15 - Ulm - Alegria - Da; 16 - Et - Ato - Em - Varna; 17 - Riobamba - Casára - Al; 18 - Arnão - Varo - Animo-as; 19 - Oregon - Rio Claro - Rã; 20 - Regeláram - Amam - Rei; 21 - Nasalar - Grão(a)Lama; 22 - Pé - Tinira; 23 - Tanger; 24 - Al - Só; 25 - Assar; 26 - Acra; 27 - Oh; 28 - Ipês; 29 - Lama; 30 lua; 31 - El.

Premiado — Coube por sortêlo um livro ao solucionista
Lino Marcondes.

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam "MILITIA" nos Estados e Territórios

(Continuação do verso da contra-capa)

RIO DE JANEIRO, ESTADO DO (Polícia Militar)

— Q.G. (Niterói) — 2.º ten. Luiz Gonzaga Guerra.

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Pôrto Alegre) — 1.º ten. Renato Moro Ramos.

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — 1.º ten. Teseu Domingos Muniz.

SÃO PAULO (Fôrça Pública).

— Q.G. (Capital) — 1.º ten. Sebastião Rufino Freire.

— C.I.M. (Capital) — 1.º ten. Osvaldo Hildebrand.

— R.C. (Capital) — 1.º ten. Felix de Barros Morgado.

— B.G. (Capital) — cap. Antônio Araujo.

— C.B. (Capital) — 2.º ten. Antônio Gonzaga de Oliveira.

— B.P. (Capital) — 2.º ten. Wilson Rodrigues de Albuquerque.

— 1.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Darcí Vital dos Santos.

— 2.º B.C. (Capital) — 2.º ten. Wilson Gonçalves Ferreira.

— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 2.º ten. Eros Afonso da Cunha.

— 4.º B.C. (Bauru) — 2.º ten. Aparecido do Amaral Gurgel.

— 5.º B.C. (Taubaté) — 2.º ten. José Gonçalves da Silva.

— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Ari José Mercadante.

— 7.º B.C. (Sorocaba) — 1.º ten. Domingos de Melo.

— 8.º B.C. (Campinas) — 1.º ten. Osvaldo Teixeira Pinto.

— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.

— S.E. (Capital) — cap. Augusto de Abreu.

— S.F. (Capital) — cap. Germano Ribeiro Scartezini.

— S.I. (Capital) — cap. Manuel Pereira da Silva.

— S.Subs. (Capital) — cap. Efraim Bratfisch Lastebasse.

— E.E.F. (Capital) — cap. Adauto Fernandes de Araujo.

— S.T.M. (Capital) — cap. Nelson Martins da Silva.

— S.S. - H.M. (Capital) — 1.º ten. Geraldo Paglia.

— 2.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — cap. Divo Barsotti.

— 3.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 2.º ten. José de Oliveira Godói.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracajú) — 1.º ten. Osvaldo de Albuquerque.

ALÉM DOS REPRESENTANTES SUPRA MENCIONADOS, também são nossos agentes *todos os comandantes de destacamentos* do interior do Estado.

Legislação

Direção do cap. José Arimatéa do Nascimento

Adiantamentos

Vide: Recolhimento de Adiantamento não utilizado.

Alistamento Eleitoral

Os Comandantes devem providenciar o alistamento dos oficiais, subtenentes e sargentos que ainda não são eleitores. Publica instruções para esse fim. (Bol. Geral n.º 179, de 13-VIII-1949).

Boletim Geral

Por medida de racionalização do serviço e mesmo por economia de material, determino as seguintes providências na confecção dos Boletins Gerais:—

a) — As escalas de serviço diário, de plantão à Central e de revista do recolher serão distribuídas somente às unidades da Capital e Ctg. do Q.G., e apenas uma via por unidade;

b) — Os órgãos provedores encaminharão diretamente ao S.F. as relações de débito contraído por elementos da F.P., até o dia 10 de cada mês, a partir deste;

c) — Somente assuntos que interessam a F.P. de um modo geral, deverão ser transcritos. (Bol. Geral n.º 150, de 11-VII-1949).

NOTA:— A partir de 1.º de julho os Boletins Gerais e Regimentais do Ctg. deixaram de ser impressos na Tipografia e passaram a ser mimeografados.

Cantina

Publica-se em anexo o termo de responsabilidade lavrado sobre a concessão pela F.P. ao Clube Mi-

litar dos serviços de Cantina e venda de artigos de uso pessoal e doméstico nas unidades da Força. (Bol. Geral 185, de 22-VIII-1949).

Carteira de Identidade — Instruções

Estabelece o modelo e as normas para a sua concessão. (Bol. Geral 185, de 22-VIII-1949).

Correspondência oficial

Recomenda fiel cumprimento do que prescreve o art. 44 das "Instruções para a Correspondência Oficial da F.P.", a fim de evitar que, em vez de informação, voltem com ofício os processos distribuídos às unidades, repartições e serviços, para esclarecimentos. (Bol. Geral 145, de 4-VII-1949).

Diária de diligência de civis

O S.F. fica autorizado a proceder ao saque das diárias de diligência de todos os civis da Corporação, mesmo daqueles que não tenham os seus vencimentos sacados e pagos por intermédio da F.P.

As unidades que possuírem civis cujos vencimentos não sejam sacados pelo S.F., deverão, quando esses servidores fizerem jus a diárias de diligência, requisitar aquele serviço, mediante ofício, requisição regular em duas vias e uma folha comum de diárias, a quantia correspondente ao pagamento das diárias a que tenham direito. (Bol. Geral 157, de 19-VII-1949).

Diárias de diligência

Fica alterada a tabela "B" do D-L n.º 15620, de 19-I-1946, da seguinte forma:

Posto ou grad.	Diária
Oficiais superiores	Cr\$75,00
Capitães	Cr\$65,00
Ofs. subalternos e aspirantes	Cr\$50,00
Als. oficiais e subtenentes	Cr\$40,00
Sargentos	Cr\$40,00
Cabos e soldados	Cr\$30,00

(Lei n.º 419, de 12-VIII-49, publicada no Bol. Geral 184, de 16-VIII-49).

Diligências em Estabelecimentos da Fôrça

Quaisquer diligências policiais por parte de autoridades civis ou militares estranhos à Fôrça não poderão ser feitas nos quartéis sem ordem expressa, para cada caso, dada pelo Cmt. Geral.

O mesmo critério deve ser obedecido em relação à reportagem dos jornais ou rádio.

Nas unidades destacadas, em caso de urgência ou de impossibilidade de consulta prévia, o Cmt. respectivo solucionará a respeito, comunicando circunstanciadamente o fato ao Cmdo. Geral.

Essa recomendação se aplica especialmente ao Hospital Militar, dada a natureza do seu serviço. (Bol. Geral 145, de 4-VII-1949).

Efetivo da Fôrça Pública

Fixa o efetivo da F.P. para 1949 e estabelece diversas gratificações. (Lei n.º 404, de 4-VIII-1949).

Exclusão de praças sujeitas a processo no foro militar

Os Cmts. de Corpo, Chefes de Serviço e Diretores de Estabelecimento não devem encaminhar ao Q.G. pedidos de exclusão disciplinar ou por outros motivos, de praças sujeitas a processo militar.

No caso de pedidos de baixa do serviço por conclusão de tempo, formulados por praças denunciadas perante a Justiça Militar e ainda não desembaraçadas por aquêlê Tribunal,

encaminhar ao Q.G. mencionando essa circunstância. (Bol. Geral 159, de 21-VII-1949).

Fardamento de carregação

Medidas de fardamento a ser confeccionado em obra de carregação, em tecido de brim para praças, cabos e soldados, para distribuição gratuita. As novas medidas, que se referem aos n.ºs de zero a sete visam reduzir ao mínimo os recortes e concertos. Seguem as instruções para a confecção dos pedidos a serem feitos pelas unidades. (Bol. Geral 155, de 16-VII-1949).

Licença-prêmio — Suspensão

Em aditamento ao item 16 do Bol. Geral n.º 136/49, declara-se que só serão concedidos, excepcionalmente, até 30 dias de licença-prêmio. (Bol. Geral 146, de 5-VII-1949).

Militares

Em face de constantes incidentes ocorridos entre militares do Exército, FAB e da F.P. sempre em detrimento da disciplina, transcrevem-se abaixo textos da Constituição Federal e do Estatuto dos Militares, para rigorosa observância: "Const. Federal — Art. 182 — As patentes, com as vantagens, regalias e prerrogativas a elas inerentes, são garantidas em toda a plenitude, assim aos oficiais da ativa e da reserva, como aos reformados.

Estatuto dos Militares — Art. 70 — Só em caso de flagrante delito, o militar poderá ser prêsso por autoridade policial.

§ 1.º — Quando se der o caso previsto neste artigo, a autoridade policial fará entrega do prêsso imediatamente à autoridade militar mais próxima, só podendo retê-lo na delegacia, ou posto policial, durante o tempo necessário à lavratura do flagrante.

§ 2.º — A autoridade policial, que maltratar ou consentir seja maltratado qualquer prêsso militar, ou não lhe der o tratamento devido ao seu posto ou graduação, será respon-

sabilizada por iniciativa da autoridade militar competente.

Art. 34 — São direitos dos militares:

— Porte de arma, quando oficial".
(Bol. Geral 164, de 27-VII-1949).

Palestras

A partir do dia 7-VII-49, serão realizadas às 5.^{as}-feiras, às 9 horas, na Biblioteca Municipal, 10 palestras pelos Cap. Evaldo Pedreschi, do C.B. e 1.^o ten. Roberto Mondino, do R.C., calcadas nas observações e apreciações feitas por esses oficiais, durante seu estágio no Corpo de Bombeiros de Paris, na Gendarmarie Francesa e na Guarda Republicana de Paris. Deverão comparecer a essas palestras todos os oficiais disponíveis da guarnição da Capital. (Bol. Geral. n.^o 143, de 1-VII-49).

Polícia Rodoviária

O Dec. 18711, de 13-VII-49 aprova o Regulamento da Polícia Rodoviária do Departamento de Estrada de Rodagem. A PR é destinada a exercer o policiamento e fiscalização do trânsito e do tráfego nas estradas de rodagem estaduais. (Anexo ao Bol. Geral n.^o 175, de 9-VIII-49).

Promoção

Altera a Comissão de Promoções da F.P., aumentando o seu número e estabelece normas para a sua integralização.

No corrente ano não haverá datas fixas para as promoções na F.P. (Lei n.^o 424, de 23-VIII-49, publicada no Bol. Geral 189, de 27-VIII-49).

Proventos de inativo

Recomenda-se aos Cmts. de corpos sediados no interior do Estado que façam as praças excluídas por reforma declararem, no ato da exclusão, por onde desejam receber seus proventos de inativo, publicando essa declaração juntamente com a exclusão no Bol. Regimental. (Bol. Geral 145, de 4-VII-49).

Recolhimento de adiantamento não utilizado

Os Ministros do Tribunal de Contas do Estado acordam que, doravante, em casos de atraso no recolhimento dos adiantamentos não utilizados ou dos respectivos saldos verificados, sejam cobrados juros de mora de 1% (um por cento) ao mês, a partir do 31.^o ou do 61.^o dia de atraso, segundo tenha ocorrido ou não motivo justificado para o retardamento, na forma do artigo 16 e § 1.^o do D-L n.^o 13229, de 11-II-43. (Bol. Geral n.^o 180, de 16-VIII-49).

Revolução Constitucionalista

O Cmdo. Geral publica um Boletim Comemorativo no dia que lembra mais um aniversário da Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932.

"Fato histórico sumamente grato ao coração paulista, foi êle, indubitavelmente, um dos mais belos movimentos cívicos a que a Nação assistiu e que exaltou os sentimentos de dignidade, de liberdade e de amor ao regime constitucional da valorosa gente de Piratininga que, para tanto, se levantara numa unidade inacreditável..."

Serviço de dia nas unidades do interior

Os subtenentes combatentes das unidades do interior passam a concorrer com os oficiais subalternos prontos à escala de oficial de dia à unidade. A escala de subtenentes deve ser alternada de forma que sempre um oficial a êle passe ou dêle receba o serviço.

Se houver um único oficial subalterno pronto na unidade, concorrerão também, à escala, dentro do regime acima citado, o secretário e os oficiais da FIF. Os oficiais subalternos eventualmente no Comando de Companhia concorrerão, normalmente, ao serviço de dia. (Bol. Geral 149, de 8-VII-49).

Serviço de Veterinária

Fica extinto o Serviço de Veterinária da Força Pública do Estado,

instituído pelo item 6, do artigo 19 da Lei n.º 2905, de 15-I-37.

Os oficiais e praças do Serviço ora extinto passam a pertencer à Formação Veterinária do Regimento de Cavalaria e suas atribuições serão definidas em instruções a serem baixadas pelo Comando Geral. (Lei 317, de 6-VII-49).

Uniformes — Uso de pelerine

Colocação das divisas de sargentos.

O uso de pelerine, por oficiais, subtenentes ou sargentos, fica restrito a atos solenes, tais como missas, reuniões, casamentos e outros

em que aquela peça de uniforme seja compatível com o ambiente. Em nenhuma hipótese os oficiais, subtenentes ou sargentos poderão usá-la em bondes, ônibus ou outros veículos coletivos. (Bol. Geral 150, de 11-VII-49).

Uniformes do plano atual

A partir de 1.º-IX-49, fica obrigatório o uso dos uniformes do atual RU para todas as praças da Capital, cessando, conseqüentemente, a tolerância para uso dos uniformes do plano antigo. (Bol. Geral 180, de 16-VIII-49).

LÍNGUA PORTUGUÊSA

Com o novo método de ensino por correspondência do Prof. Brandão Machado, desapareceram todas as dificuldades do aprendizado da língua portuguesa. O novo método, que é o fruto de longos anos de experiência, veio resolver definitivamente o problema de milhares de estudiosos do nosso idioma. O curso, que é essencialmente prático, compõe-se de 52 lições escritas em linguagem simples, ao alcance de todos, até dos que cursaram apenas o grupo escolar. O curso, que tem a duração de um ano, é completo e abrange todas as questões da língua. As lições são enviadas semanalmente.

MENSALIDADE: Cr.\$ 30,00

Peça prospecto gratuito, ou matricule-se, enviando a primeira mensalidade, com o nome e endereço completo para:

Prof. Brandão Machado — Caixa Postal 5048 — São Paulo

CAFÉ ROCHA, SEMPRE GOSTOSO

NOSSOS REPRESENTANTES

— Representam "Militia" nos Estados e Territórios —

ACRE (Guarda Territorial)

Q.G. (Rio Branco) — 1.º ten. Milton Braga Rola.

ALAGOAS (Polícia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. José Cavalcante.

AMAPÁ (Divisão de Segurança e Guarda)

— Sede (Macapá) — dr. Flávio de Carvalho Maroja.

AMAZONAS (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros).

— Q.G. da P.M. (Manaus) — ten. cel. Temístocles Henrique Trigueiro;
— Cia. Bombeiros Municipais (Manaus) — 1.º ten. Joaquim José de
Carvalho e Cascais.

BAHIA (Polícia Militar)

— Q.G. (Salvador) — cap. Gestsemani G. da Silva.

CEARÁ (Polícia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — 1.º ten. Gerardo Fragoso de Vasconcelos.

DISTRITO FEDERAL (Polícia Militar)

— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — cap. Darcy Fontenele Castro.

ESPÍRITO SANTO (Polícia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 2.º ten. Antenor Olívio Plotegher.

GOIÁS (Polícia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — cap. Cláudio das Neves.

MARANHÃO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luiz) — cap. Arlindo Faray.

MATO GROSSO (Polícia Militar)

— Q.G. Cuiabá) — major Gonçalo Romão de Figueiredo;
— 1.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Evaristo da Costa e Silva;
— 2.ª Cia. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Gonçalo Ribeiro da Silva;
— C.C.S. do B.S.M. (Cuiabá) — cap. Eurides Celestino Málhado;
— 2.º B.C. (Campo Grande) — major Hermenegildo Teodoro do
Nascimento

PARÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Belém) — cap. Mário Barriga Guimarães.

PARAÍBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — 2.º ten. Francisco de Assis Veloso.

PARANÁ (Polícia Militar)

— Q.G. (Curitiba) — 2.º ten. Benoit Pontes Cidreira;
— Guarda Noturna (Curitiba) — 1.º ten. Floriano José da Costa.

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresinha) — cap. Santiago Vasques Filho.

(Continua na pg. 124).



ASSOCIAÇÃO
dos
EX-COMBATENTES
DE 1914 - 1918
C.E.C.C.

VICTORIA
1918